



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA  
DEPARTAMENTO DE SAÚDE**

**MARCELLE ESTEVES REIS FERREIRA**

**VIOLÊNCIA ENTRE JOVENS ESTUDANTES E SEUS PARES:  
PERFIL DO ATO VIOLENTO, FATORES PRECEDENTES E  
SENTIMENTOS VIVENCIADOS**

**FEIRA DE SANTANA  
2020**

**MARCELLE ESTEVES REIS FERREIRA**

**VIOLÊNCIA ENTRE JOVENS ESTUDANTES E SEUS PARES:  
PERFIL DO ATO VIOLENTO, FATORES PRECEDENTES E  
SENTIMENTOS VIVENCIADOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, a nível de Mestrado Acadêmico, da Universidade Estadual de Feira de Santana (Bahia), como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Área de Concentração: Epidemiologia  
Linha de Pesquisa: Saúde de grupos populacionais específicos  
Orientação: Profa. Dra. Maria Conceição Oliveira Costa

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

F442 Ferreira, Marcelle Esteves Reis

Violência entre jovens estudantes e seus pares : perfil do ato violento, fatores precedentes e sentimentos vivenciados / Marcelle Esteves Reis Ferreira. – 2020.

145 f.: il.

Orientadora: Maria Conceição Oliveira Costa.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Feira de Santana, 2020.

1. Estudantes – violência. 2. Jovens – violência. 3. Escola – violência entre pares. 4. Violência psicológica-verbal. 5. Violência física. 6. *Bullying*.

I. Título. II. Costa, Maria Conceição Oliveira, orient. III. Universidade Estadual de Feira de Santana.

CDU: 371.5:37.06-057.87

**MARCELLE ESTEVES REIS FERREIRA**

**VIOLÊNCIA ENTRE JOVENS ESTUDANTES E SEUS PARES: PERFIL DO ATO  
VIOLENTO, FATORES PRECEDENTES E SENTIMENTOS VIVENCIADOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, a nível de Mestrado Acadêmico, da Universidade Estadual de Feira de Santana (Bahia), como requisito parcial para a obtenção do título de mestre, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Conceição Oliveira Costa.

Aprovada em: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

**BANCA AVALIADORA**

---

Profa. Dra. Maria Conceição Oliveira Costa  
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS

---

Profa. Dra. Mirian Santos Paiva  
Universidade Federal da Bahia

---

Profa. Dra. Tatiane de Oliveira Silva Alencar  
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS

## **DEDICATÓRIA**

À minha família, energia que me move. Aos jovens, fontes de esperança.

## AGRADECIMENTOS

Retornar à Universidade Estadual de Feira de Santana após uma década de formada, desta vez como aluna regular de um Programa de Pós Graduação, e conseguir alcançar mais este degrau não teria sido possível se não fosse graças a Deus, que nunca me faltou, e a uma rede de apoio cuja gratidão é eterna.

A começar pelo meu companheiro, que sempre esteve comigo nas minhas tentativas – nem sempre exitosas – de conciliar as diversas atividades do Programa com as inúmeras demandas laborais, aliadas a um sentimento de cobrança com o cuidado da minha mãe e irmãos, à administração de uma tristeza sem fim pela perda do meu pai, à tentativa de exercer o papel de esposa presente e à função mais recente e mais desafiadora: ser mãe de primeira viagem em meio a isso tudo! Obrigada pela escuta sensível nos momentos mais difíceis, pelo apoio incessante e pelo amor incondicional.

Ao meu filho, meu pequeno grande tesouro, agradeço pela compreensão e peço desculpas pela não entrega plena em alguns momentos.

A minha mãe, irmãos e sogra, além dos amigos, por entenderem os momentos da minha ausência e por celebrarem comigo cada etapa vencida.

Ao meu pai (*in memoriam*), que sempre nos incentivou a estudar e a tentar ajudar a quem precisa, motivos que justificaram o meu interesse em encarar este desafio.

À Profa. Conceição, minha orientadora acadêmica e professora da vida, agradeço pelos conhecimentos compartilhados, pela paciência diante das provações que fui submetida e pelo respeito com os meus momentos de angústia e insegurança. Não teria conseguido sem a Senhora!

Ao Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência – NNEPA/UEFS, pela parceria ao longo de todos esses anos, pelo apoio na construção do presente estudo e principalmente por confiar no meu potencial.

Ao Prof. Marcos Santana, por ter me convencido a tentar a seleção para o Programa e confiado mais em mim do que eu mesma, além de ter sido o meu anjo da guarda e nunca ter soltado a minha mão, me guiando pelos caminhos menos árduos e me fazendo acreditar que sou capaz.

Ao Prof. Gustavo Porto, meu irmão por escolha (dessa e de outras vidas), por sempre torcer pelo meu sucesso e se colocar à disposição para me ajudar.

Aos colegas que se transformaram em amigos, em especial Claudiana, Jean, Laíse, Mara Rúbia e Tarciso. Com a energia de vocês, encarar este desafio foi mais leve e prazeroso.

Aos gestores, professores e principalmente estudantes das escolas visitadas, por terem confiado no nosso trabalho e permitido a realização da pesquisa.

Aos membros da banca, pela disponibilidade e pelas contribuições.

## EPÍGRAFE

“A violência, seja qual for a maneira como se manifesta, é sempre uma derrota”.

Jean Paul Sartre

FERREIRA, Marcelle Esteves Reis. **Violência entre jovens estudantes e seus pares: perfil do ato violento, fatores precedentes e sentimentos vivenciados.** 145 f. il. 2020. Dissertação, Mestrado em Saúde Coletiva, Universidade Estadual de Feira de Santana – Feira de Santana, 2020.

Marcelle Esteves Reis Ferreira<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Acadêmica do Mestrado em Saúde Coletiva, Universidade Estadual de Feira de Santana

Correspondência para: Marcelle Esteves Reis Ferreira

Av. Artêmia Pires Freitas, 8.220 - SIM, Feira de Santana, BA, Brasil

marcelleeducacaofisica@gmail.com

## RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar eventos violentos entre jovens estudantes e seus pares, na perspectiva das manifestações sofridas e perpetradas, meios utilizados, sentimentos vivenciados, fatores que precederam e consequências imediatas. Para tanto, foi realizado um estudo de abordagem qualitativa envolvendo 334 adolescentes de 15 a 24 anos, ambos os sexos, utilizando amostragem não probabilística de estudantes de nove escolas de grande porte selecionadas por estarem localizadas em área/região/bairro de alta densidade populacional e elevados índices de violência interpessoal, além de possuírem grande número de alunos matriculados, oriundos de distritos circunvizinhos a Feira de Santana/Bahia. Para coleta e análise de dados foram utilizadas, respectivamente, as técnicas “Desenho-Estória com Tema” e “Análise de Conteúdo Temática”. A amostra final contemplou 213 desenhos-estórias, os quais compuseram as categorias “Violência Psicológica-Verbal”, “Violência Física” e “Percepção de Consequência Fatal”, sendo as duas primeiras analisadas neste estudo, as quais constituem *corpus* formado por 179 desenhos-estórias. No que diz respeito ao perfil do ato violento, verificou-se que, apesar da maioria dos participantes ser do feminino, houve predomínio de agressores e vítimas do masculino. A violência psicológica foi perpetrada através de humilhação, com agressão verbal; e a violência física com “brigas” (embate corporal), uso de objetos e arma branca. A ausência de consequências ao agressor, bem como o término da amizade predominaram entre os relatos dos participantes, em oposição à retomada do relacionamento. Entre os fatores precedentes das agressões física e psicológica, *bullying*, intolerância à aparência física e atitudes preconceituosas com a raça (racismo) foram os mais mencionados. Como fatores preditores da categoria “Violência Física” destacaram-se, ainda, intolerância à orientação sexual, com manifestações homofóbicas; prática esportiva (futebol); consumo de substâncias psicoativas (bebida alcoólica); e traição; enquanto na categoria “Violência Psicológica-Verbal”, intolerância à condição financeira. No tocante aos sentimentos vivenciados no relacionamento, a raiva foi mais mencionada pelos agressores, acompanhada por arrependimento e ciúme nas categorias “Violência Psicológica-Verbal” e “Violência Física”, respectivamente. O sentimento de tristeza predominou entre vítimas de ambas as violências; o medo foi relatado com alta frequência entre vítimas da violência física e o sofrimento, na psicológica-verbal. Pode-se concluir que a violência entre pares é multifacetada e frequente no ambiente escolar e exige um plano pedagógico voltado para educação inclusiva, equitativa e garantidora de uma aprendizagem respeitadora, significativa e baseada no respeito recíproco. Investimentos são indispensáveis para prevenção da violência e acompanhamento dos envolvidos, devendo a escola atuar de forma eficiente na formação de jovens para o exercício pleno da cidadania, sendo importante a articulação com a família, sociedade e Poder Público para resultados mais efetivos quanto às medidas de prevenção e enfrentamento da violência entre os jovens.

**Palavras-Chave:** Adolescentes. Violência entre pares. Escola. Educação. Saúde.

FERREIRA, Marcelle Esteves Reis. **Violência entre jovens estudantes e seus pares: perfil do ato violento, fatores precedentes e sentimentos vivenciados.** 145 f. il. 2020. Dissertação, Mestrado em Saúde Coletiva, Universidade Estadual de Feira de Santana – Feira de Santana, 2020.

### ABSTRACT

The present study aimed to analyze violent events among young students and their peers, in the perspective of the manifestations suffered and perpetrated, means used, feelings experienced, factors that preceded and immediate consequences. To this end, a qualitative study was carried out involving 334 adolescents from 15 to 24 years old, both sexes, using a non-probabilistic sample of students from nine large schools selected because they are located in an area / region / neighborhood with a high population density and high rates of interpersonal violence, in addition to having a large number of students enrolled, coming from districts surrounding Feira de Santana/Bahia. For data collection and analysis, the techniques “Design-Story with Theme” and “Thematic Content Analysis” were used, respectively. The final sample included 213 drawing-stories, which comprised the categories “Psychological-Verbal Violence”, “Physical Violence” and “Perceived Fatal Consequence”, the first two of which were analyzed in this study, which constitute a corpus formed by 179 drawings- stories. Regarding the profile of the violent act, it was found that, despite the majority of the participants being female, there was a predominance of male aggressors and victims. Psychological violence was perpetrated through humiliation, with verbal aggression; and physical violence with “fights” (body conflict), use of objects and bladed weapons. The absence of consequences for the aggressor, as well as the end of friendship, predominated among the participants' reports, in opposition to the resumption of the relationship. Among the preceding factors of physical and psychological aggression, bullying, intolerance to physical appearance and prejudiced attitudes towards race (racism) were the most mentioned. Predictors of the “Physical Violence” category also included intolerance to sexual orientation, with homophobic manifestations; sports practice (soccer); consumption of psychoactive substances (alcoholic beverage); and betrayal; while in the category “Psychological-Verbal Violence”, intolerance to financial condition. Regarding the feelings experienced in the relationship, anger was most mentioned by the aggressors, accompanied by regret and jealousy in the categories "Psychological-Verbal Violence" and "Physical Violence", respectively. The feeling of sadness prevailed among victims of both violence; fear was reported with high frequency among victims of physical violence and suffering, in psychological-verbal. It can be concluded that violence between peers is multifaceted and frequent in the school environment and requires a pedagogical plan aimed at inclusive, equitable education and guaranteeing a respectful, meaningful learning based on mutual respect. Investments are indispensable for preventing violence and monitoring those involved, and the school must act efficiently in the training of young people for the full exercise of citizenship, being important the articulation with the family, society and the Public Power for more effective results regarding the measures of preventing and tackling violence among young people.

**Keywords:** Teens. Peer-to-peer violence. School. Education. Health.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Quadro 1</b> –	Categorias. Estudantes de escolas públicas, Feira de Santana, Bahia	43
<b>Artigo 1</b>		
	Categorias Violência Física e Psicológica-Verbal e Núcleos de Sentido	
<b>Quadro 1</b> –	Perfil do Ato Violento e Sentimentos Vivenciados no Relacionamento. Estudantes de escolas públicas, Feira de Santana, Bahia	51
<b>Figura 1</b> –	Desenho-estória representativo de humilhação, com agressão verbal	52
<b>Figura 2</b> –	Desenho-estória representativo de “briga”, com uso de arma branca (faca)	52
<b>Figura 3</b> –	Desenho-estória representativo de sofrimento e solidão	53
<b>Artigo 2</b>		
<b>Figura 1</b> –	Desenho-estória representativo de <i>bullying</i> por conta da aparência física	71
<b>Figura 2</b> –	Desenho-estória representativo de violência baseada no racismo	71
<b>Figura 3</b> –	Desenho-estória representativo de violência por conta da orientação sexual	72
<b>Figura 4</b> –	Desenho-estória representativo de violência por conta da condição financeira	72

## LISTAS DE SIGLAS

ABRAPIA	Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência
ACT	Análise de Conteúdo Temática
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CNS	Conselho Nacional de Saúde
FAPESB	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia
FPAV	Fatores Precedentes às Atitudes Violentas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros
NNEPA	Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PAJ	<i>Parcours Amoureux des Jeunes</i> – Percurso Amoroso de Jovens
PAV	Perfil do Ato Violento
PENSE	Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
SVR	Sentimentos Vivenciados no Relacionamento
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UQAM	Universidade de Québec à Montreal

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>18</b>
<b>2.1</b>	<b>Juventude, vulnerabilidade e violência escolar</b>	<b>18</b>
2.1.1	Vulnerabilidade e violência interpessoal na juventude	18
2.1.2	Violência entre pares no contexto escolar	22
<b>2.2</b>	<b>O <i>bullying</i> e as diversas faces da intolerância nas relações entre jovens estudantes e seus pares</b>	<b>28</b>
<b>2.3</b>	<b>Consequências de eventos violentos e estratégias de prevenção e enfrentamento da violência entre jovens</b>	<b>34</b>
2.3.1	Danos ocasionados pelos eventos violentos	34
2.3.2	Estratégias de prevenção e enfrentamento da violência entre jovens	35
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>40</b>
<b>3.1</b>	<b>Tipo de pesquisa</b>	<b>40</b>
<b>3.2</b>	<b>Local da pesquisa</b>	<b>40</b>
<b>3.3</b>	<b>Participantes da pesquisa</b>	<b>41</b>
<b>3.4</b>	<b>Técnica e instrumento de coleta de dados</b>	<b>41</b>
<b>3.5</b>	<b>Análise de dados</b>	<b>42</b>
<b>3.6</b>	<b>Aspectos éticos</b>	<b>44</b>
<b>4</b>	<b>RESULTADOS</b>	<b>45</b>
<b>4.1</b>	<b>Artigo 1: Perfil da violência física e psicológica-verbal e sentimentos vivenciados na relação entre jovens e seus pares</b>	<b>45</b>
<b>4.2</b>	<b>Artigo 2: Fatores precedentes à violência física e psicológica-verbal entre jovens e seus pares</b>	<b>65</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>90</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>92</b>
	<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b>	<b>100</b>
	<b>APÊNDICE B – TERMO DE ASSENTIMENTO</b>	<b>101</b>
	<b>APÊNDICE C – PREPARAÇÃO DO MATERIAL</b>	<b>102</b>
	<b>APÊNDICES D / E – EXPLORAÇÃO DO MATERIAL</b>	<b>103</b>
	<b>APÊNDICE F – CODIFICAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO INICIAL</b>	<b>105</b>

<b>APÊNDICE G – CATEGORIA A – VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA VERBAL – PARTICIPANTES MASCULINO</b>	<b>107</b>
<b>APÊNDICE H – CATEGORIA A – VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA VERBAL – PARTICIPANTES FEMININO</b>	<b>110</b>
<b>APÊNDICE I – CATEGORIA B – VIOLÊNCIA FÍSICA – PARTICIPANTES MASCULINO</b>	<b>117</b>
<b>APÊNDICE J – CATEGORIA B – VIOLÊNCIA FÍSICA – PARTICIPANTES FEMININO</b>	<b>121</b>
<b>APÊNDICE K – CATEGORIA C – PERCEPÇÃO DE CONSEQUÊNCIA FATAL – PARTICIPANTES MASCULINO</b>	<b>126</b>
<b>APÊNDICE L – CATEGORIA C – PERCEPÇÃO DE CONSEQUÊNCIA FATAL - PARTICIPANTES FEMININO</b>	<b>128</b>
<b>APÊNDICES M / U – TRATAMENTO DOS RESULTADOS E INTERPRETAÇÃO</b>	<b>130</b>
<b>ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA</b>	<b>139</b>
<b>ANEXO B – AUTORIZAÇÃO DA SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO</b>	<b>146</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A substituição gradativa dos interesses coletivos pelos padrões individuais em nossa sociedade vem tornando cada vez mais desafiadora a convivência baseada no respeito e na solidariedade. Nesse contexto, compreender o fenômeno da violência envolvendo jovens se apresenta enquanto preocupação evidente, sobretudo no cenário atual, quando se tem episódios de violência cada vez mais frequentes no interior das escolas, espaços legítimos e fundamentais para socialização de jovens, responsáveis pela formação de cidadãos críticos, politizados e capazes de intervir na realidade social, sendo necessário problematizar esta situação e apresentar propostas de prevenção e enfrentamento dos eventos violentos que acometem o contexto escolar.

No Brasil, a discussão sobre violência nas escolas vem ganhando destaque, principalmente, entre sindicatos de professores e associações de classe, desde a década de 1980. No entanto, mesmo com o avanço da abertura política, com o processo de democratização, não houve uma melhoria nos serviços públicos, acarretando o aumento da violência urbana, que repercutiu nas unidades de ensino. Esse processo influenciou debates da sociedade civil reivindicando mais segurança nas escolas públicas, desde a década de 1990 (DO NASCIMENTO; MENEZES, 2013).

A violência escolar, segundo Da Silva e colaboradores (2012, p. 84), compreende “todos os comportamentos agressivos e antissociais, incluindo os conflitos interpessoais, danos ao patrimônio e atos criminosos ocorridos no ambiente escolar”. Independente da natureza da violência e do local onde é manifestada, é importante observar os elementos que compõem o contexto relacional do fenômeno, além das consequências imediatas, especialmente quando o assunto é violência sofrida e/ou perpetrada por jovens.

A juventude é um período em que os indivíduos estão em desenvolvimento de comportamentos e habilidades, buscando suas identidades. São várias as experimentações vivenciadas pelos jovens nesse período, tornando-os integrantes de grupos vulneráveis. Esse público, particularmente, é que absorve as sérias consequências individuais e sociais decorrentes da violência, que se apresenta como problema de saúde pública crescente, em âmbito mundial (CUNHA; CALVANO; LEITE, 2014). De acordo com o Atlas da Violência (2019), 35.783 jovens foram assassinados, no Brasil, em 2017, o que representa uma taxa recorde nos últimos dez anos, equivalente a 69,9 homicídios para cada 100 mil jovens no país, sendo 94,4% do sexo masculino. Além disso, 59,1% do total de óbitos de homens entre 15 a 19 anos são ocasionados por homicídio (IPEA, 2019).

Importante destacar que a morte prematura de jovens por homicídio vem crescendo no Brasil desde a década de 1980 e que essa alta letalidade gera diversos impactos, inclusive sobre o desenvolvimento econômico e social, com altos custos para o país, sobretudo num cenário de profunda transição demográfica no que diz respeito ao envelhecimento da população. Dessa forma, o futuro do país será impactado não só com a falta de oportunidades, que fazia com que cerca de 23% dos jovens, em 2017, não estivessem trabalhando, nem estudando, mas também com a mortalidade precoce da juventude em decorrência da violência (IPEA, 2019).

O estabelecimento de laços interpessoais se configura como uma espécie de proteção social contra adversidades e conflitos do período da juventude, contribuindo na construção da personalidade de forma mais estável e segura. Assim, os relacionamentos entre pares colaboram no processo de desenvolvimento psicossocial, principalmente por se tratar de sujeitos que se encontram inseridos no mesmo contexto de transformação (NASCIMENTO *et al.*, 2015). Por outro lado, verifica-se o crescente aumento da violência entre pares, a qual evidencia tensões no convívio diário entre jovens e sinaliza aspectos internos do próprio funcionamento de um grupo. Ao mesmo tempo, também mostra como um grupo se diferencia de outros no que diz respeito às suas filiações, identificações e sentimento de pertença (LIBARDI; CASTRO, 2014).

A violência entre pares tem atingido o ambiente escolar, ressaltando que, mesmo a escola sendo considerada como fator de proteção para comportamentos de risco relacionados à violência juvenil, tem sido espaço constante de ocorrência de eventos violentos (OPAS, 2003). A literatura tem se dedicado a estudar o fenômeno da violência entre pares, sobretudo por conta da frequência de sua ocorrência e dos efeitos prejudiciais sobre os envolvidos (AGUIAR; BARRERA, 2017).

A violência entre pares no ambiente escolar envolve ações ou atitudes de um ou mais alunos sobre outro(s), com a utilização da força ou o desenvolvimento de ações consideradas violentas dentro do espaço escolar (SEBASTIÃO *et al.*, 1999). O espaço social onde a unidade de ensino está inserida, bem como as experiências anteriores de vitimização e exposição à violência e a postura da direção, dos professores da escola e do Poder Público frente às situações de violência interferem sobremaneira na violência entre pares no contexto escolar, a qual se apresenta de maneira complexa (DOS SANTOS; MURTA, 2016).

Para tentar superar a violência no ambiente escolar e as unidades de ensino passarem a ser um espaço que oportunize a construção e manutenção de bons relacionamentos entre seus integrantes, é necessário que haja um investimento das escolas em estratégias de prevenção e

enfrentamento do problema, desenvolvendo programas de intervenção que tenham como foco as relações interpessoais entre jovens (DO NASCIMENTO; MENEZES, 2013). Além disso, é importante que o Estado realize investimentos na juventude, através da promoção de políticas públicas que busquem, sobretudo, reduzir a violência, com foco principalmente nos territórios mais vulneráveis socioeconomicamente, a fim de assegurar condições para o desenvolvimento infanto-juvenil, com o acesso efetivo à cultura, educação, esportes e estratégias que facilitem o ingresso do jovem no mercado de trabalho (IPEA, 2019).

Capacitar os professores, contribuir com a integração entre escolas, comunidade e família, promovendo a sociabilidade das famílias e moradores no entorno das unidades educacionais também são de responsabilidade do Poder Público. Necessário, portanto, um esforço conjunto das escolas, familiares, Poder Público e comunidade para combater a violência de forma geral e, mais especificamente, no contexto escolar. Somente assim será possível garantir uma aprendizagem significativa no que tange à formação do estudante de maneira holística, enquanto ser integral, sujeito veiculador de valores, além dos aspectos da formação acadêmica, dotada de conteúdo formal.

Merece ressaltar que a educação para a vida ultrapassa as paredes da instituição de ensino, já que a escola é uma extensão do que existe fora dela, portanto é necessário o esforço social conjunto, no sentido de garantir uma educação para a paz e não à violência, contribuindo, assim, com a elaboração de políticas voltadas para a prevenção e enfrentamento em favor de atitudes promotoras da paz.

Do ponto de vista pessoal, a sensibilização pela causa e o incentivo para realização da pesquisa foram influenciados pela formação em Educação Física, que me propiciou a aproximação e o contato com jovens e unidades de ensino, desde visitas técnicas na graduação até intervenções propriamente ditas. Essa experiência me apresentou o fenômeno da violência nestes espaços, uma vez que episódios violentos, em suas mais variadas formas, foram presenciados, bem como verificada a impotência dos gestores diante destas situações, o que inquietou a autora do presente estudo e a fez se debruçar ainda mais sobre este universo.

Outra oportunidade de aproximação com a temática ocorreu através do Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência da Universidade Estadual de Feira de Santana (NNEPA/UEFS), que possui como uma de suas linhas de pesquisa questões relacionadas aos Riscos e Vulnerabilidades na Infância e Adolescência. Essa inserção acadêmica proporcionou contato com o arcabouço teórico sobre o tema da violência entre jovens, bem como uma aproximação mais frequente com o próprio contexto escolar, a partir dos diversos estudos

desenvolvidos pelo Núcleo, coleta de dados e apresentações, aguçando ainda mais o interesse em pesquisar esse fenômeno.

Diante do exposto, surgiu a seguinte pergunta de investigação: qual o perfil do ato violento, fatores precedentes e sentimentos vivenciados nas relações violentas entre jovens estudantes e seus pares? Para tanto, o objetivo geral da presente pesquisa é analisar eventos violentos entre jovens estudantes e seus pares, na perspectiva das manifestações sofridas e perpetradas, meios utilizados, sentimentos vivenciados, fatores que precederam e consequências imediatas. Foram elencados os seguintes objetivos específicos: caracterizar o perfil dos jovens estudantes no tocante ao sexo e à faixa etária; descrever as principais manifestações violentas sofridas e perpetradas entre jovens estudantes e seus pares, os meios utilizados para execução e os sentimentos vivenciados no relacionamento; e analisar fatores que precederam à prática da violência e as consequências imediatas aos jovens estudantes e seus pares.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Juventude, vulnerabilidade e violência escolar

#### 2.1.1 Vulnerabilidade e violência interpessoal na juventude

No Brasil, adolescentes representam uma parcela significativa da população. A definição da adolescência leva em consideração a faixa etária. A Organização das Nações Unidas (ONU) define juventude como a fase entre os 15 e 24 anos de idade, deixando a possibilidade das nações definirem o termo de maneira diferente. A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera como adolescente o indivíduo que se encontra entre 10 e 19 anos de idade, enquanto que, para o Estatuto da Criança e do Adolescente, a faixa etária considerada é aquela compreendida entre 12 e 18 anos incompletos (CUNHA; CALVANO; LEITE, 2014).

Segundo estudiosos, a adolescência é um período de intensas mudanças em diferentes aspectos, como físico, sexual, cognitivo e emocional. Para além das dimensões mental e física, as alterações alcançam as relações com os outros e com o mundo. Isso porque é uma fase na qual o indivíduo se depara com diversas transformações biopsicossociais que podem influenciar nas suas escolhas e decisões, como o afastamento da figura parental e a busca da construção da identidade própria, do seu posicionamento social, aliados às diferentes percepções de mundo. Por tais motivos, a adolescência é considerada como uma fase de desafios, contradições, inseguranças e oposições, na qual os conflitos e as ações impulsivas costumam se fazer presentes e podem desequilibrar as relações afetivas, familiares, escolares e sociais. É também um período no qual os indivíduos se encontram em pleno desenvolvimento de comportamentos e habilidades, momento de aprendizado, de reorganização emocional e de estabelecimento de um padrão de ser (LOPES; SOUZA, 2019; BATISTA *et al.*, 2019).

É importante compreender a adolescência levando-se em consideração as interações relacionais dos diferentes contextos, o que ultrapassa os aspectos individuais e dos desenvolvimentos motores cognitivos e perceptivos. Para tanto, acredita-se que o modelo ecológico do desenvolvimento humano proposto por Urie Bronfenbrenner (1996) atenda a essa proposta, visto que o autor considera que os sistemas são divididos em: microsistema, sendo a família a principal, com interações diretas e mais significativas; mesossistema, que envolve as relações entre escola, casa, grupos de amigos; exossistema, em que o adolescente não tem participação direta, mas é influenciado pelo contexto; e macrosistema, que abrange estilo de vida, crenças, valores, dentre outros (BATISTA *et al.*, 2019).

Dessa forma, é importante levar em consideração que o contexto no qual o adolescente faz parte e convive (ambiente familiar, cultural ou social) influencia na formação de sua personalidade, bem como do seu comportamento. Adaptar-se às pressões do ambiente é um desafio para este público, ao tempo em que realizar indagações acerca das normas e valores tradicionais e enfrentar novas dúvidas e emoções representam algumas das experiências próprias desta fase.

Dentre as diversas experimentações vivenciadas pelos jovens nesse período, a incorporação precoce à força de trabalho, provações e/ou uso de alguma substância psicoativa lícita ou ilícita, início da atividade sexual, são apenas alguns desses exemplos, fazendo com que sejam considerados um grupo populacional vulnerável. Vulnerabilidade, em se tratando da Saúde Pública, pode “expressar a ideia de maior exposição e suscetibilidade de um indivíduo ou de um grupo social, diante dos problemas enfrentados em condições específicas” (ADORNO, 2001, p. 11). Nesse sentido, os adolescentes brasileiros são considerados populações vulneráveis, conforme Plano Nacional de Saúde publicado no Diário Oficial da União nº 238, de 13 de dezembro de 2004 (ADORNO; VASCONCELLOS; DE ALVARENGA, 2013).

Necessário ressaltar que a interpretação da vulnerabilidade deve considerar o contexto em que os adolescentes estão inseridos e os riscos que estão suscetíveis. Segundo Brêtas (2010), na adolescência o enfoque de risco possui forte associação com gravidez não planejada e conseqüente aborto, além da probabilidade de contaminação por doenças sexualmente transmissíveis. Uso e abuso de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas também aparecem como enfoques de risco nessa fase, bem como o risco de morte frente à violência.

De acordo com Lopes e Souza (2019, p. 97), “Esta vulnerabilidade também se relaciona à percepção de que o adolescente está subordinado a um adulto com responsabilidade legal pelo mesmo, e muitas vezes naturalizam-se as situações de violência praticadas no sentido de ‘educar’ o jovem”. Estes fatores, associados a uma maior aproximação e independência com o grupo de pares, podem tornar os adolescentes mais suscetíveis aos eventos violentos, os quais absorvem as sérias conseqüências individuais e sociais decorrentes da violência (estrutural, física, psicológica, sexual), que se apresenta enquanto problema de saúde pública crescente, na esfera mundial (CUNHA; CALVANO; LEITE, 2014).

O fenômeno da violência envolvendo adolescentes e jovens tem relação direta com a condição de vulnerabilidade social desses indivíduos. Diversos são os fatores que colaboram para que esse público sofra um risco de exclusão social sem precedentes, sobretudo a

tendência do Estado e sociedade concentrarem a pobreza entre os membros desse grupo, os distanciando do centro do sistema social. Além disso, a escassez de recursos materiais e simbólicos (educação, saúde, trabalho, lazer e cultura) a indivíduos ou grupos excluídos da sociedade reduzem as possibilidades de ascensão social de adolescentes e jovens, já que têm dificuldades para obtenção e aperfeiçoamento de recursos fundamentais para aproveitarem oportunidades oferecidas pelo Estado, mercado e sociedade (BRÊTAS, 2010).

Estudar a associação de vulnerabilidade com a desigualdade e a exclusão de jovens tem conseguido explicar relações entre a juventude e a violência, as quais, segundo Abramovay (2002), são frutos de dinâmicas sociais baseadas em oportunidades desiguais, segregações, participação deficitária na educação e no mercado de trabalho, falta de acesso ao lazer. Esses fatores fazem com que os jovens sejam excluídos da participação democrática necessária à construção de identidade com sentimento de pertencimento comunitário, relacionada aos compromissos de cidadania, o que faz com que muitos se insiram em atividades criminosas.

A violência é um fenômeno extremamente atual, apesar de não ser recente. Frequentemente está inserida na nossa rotina, seja através da imprensa, seja através de rodas de conversas com amigos e familiares e até nas escolas. Para a OMS, violência impõe o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação (WHO, 1996). Nesta mesma linha, a Política Nacional de Redução da Morbimortalidade, do Ministério da Saúde, conceitua violência como “evento representado por ações realizadas por indivíduos, grupos, classes, nações, que ocasionam danos físicos, emocionais, morais e/ou espirituais a si próprio ou a outro” (BRASIL, 2001).

Segundo as referidas definições, ações violentas não se restringem àquelas que possuam sofrimento físico ou morte como resultado final. Muitas formas de violência contra adolescentes, por exemplo, podem não resultar necessariamente em ferimentos, incapacidade ou morte, mas são capazes de gerar problemas físicos, psicológicos e sociais que têm possibilidade de perdurar por longo período após o ato abusivo inicial. Além disso, a violência é um fenômeno sócio-histórico, complexo e multifacetado, diretamente relacionado com as desigualdades sociais e culturais e determinado por aspectos comportamentais e relacionais (ANUNCIACÃO, 2019). Pelo fato de envolver uma multiplicidade de fatores interrelacionados (aspectos biológicos, psicológicos, sociais e ambientais), as ações que visam solucionar esta problemática não são simples e devem contemplar intervenções que coloquem

os jovens e seus relacionamentos no centro, assim como as comunidades e diversos setores da sociedade (CÂMARA; SARRIERA; CARLOTTO, 2007).

Os eventos violentos geralmente envolvem uma relação assimétrica e desigual de poder, manifestada pela força física, pelo poder econômico ou político, pela dominação e opressão familiar ou geracional (BRASIL, 2005). Diversas são as formas que a violência se apresenta na atualidade, dentre elas: a violência física (utilização da força); a violência psicológica (humilhar o outro, tratá-lo de forma desrespeitosa, discriminatória, com indiferença); a violência política (discordância na política que pode levar ao manifesto social e ao terrorismo); a violência cultural (desrespeito à determinada cultura ou imposição, à força, de outra cultura); a violência verbal (mais utilizada, com o uso de palavras inadequadas); e a violência sexual, representada pelo abuso sexual, sem o consentimento da outra pessoa (DOS REIS, 2015).

Numa dimensão mundial, os jovens aparecem estatisticamente como o grupo social mais afetado pela violência. A mortalidade por causas externas no adolescente brasileiro, incluindo aquelas que envolvem ações violentas, cresce com a idade, onde o risco de morte é de três a cinco vezes maior no grupo de 15 a 19 anos. Muitos atos violentos, no entanto, não levam à morte, mas ocasionam lesões, transtornos reprodutivos e mentais, além de outros problemas que podem ser provisórios ou permanentes, mas geram sofrimento humano (CUNHA; CALVANO; LEITE, 2014).

O contexto de violência e desigualdade social que atinge grande parcela da população brasileira, aliado aos comportamentos ou hábitos individuais, podem interferir no projeto de vida de muitos jovens, diante do comprometimento das questões sociais e da própria saúde. Conhecer as diversas realidades onde os adolescentes estão inseridos e suas interrelações, a forma como cada sistema os influenciam e são influenciados possui grande relevância na compreensão dos fenômenos envolvendo esse público.

Nessa perspectiva, a escola aparece como sistema diretamente ligado ao desenvolvimento psicossocial do adolescente, podendo figurar como fator de proteção aos comportamentos de risco, o que fica comprometido na presença de eventos violentos, já que podem causar diversas consequências aos jovens, inclusive sofrimentos psíquicos (BATISTA *et al.*, 2019). Ademais, as situações de violência interferem negativamente na real função da escola, no que diz respeito a ser um espaço de formação de cidadãos críticos a partir da aprendizagem de valores éticos baseados no diálogo, na socialização positiva, no reconhecimento e respeito às diversidades, o que repercute sobre o funcionamento da escola

como um todo, inclusive na aprendizagem e na qualidade de ensino (ABRAMOVAY; RUA, 2003).

### 2.1.2 Violência entre pares no contexto escolar

Para discutir a violência escolar faz-se necessário primeiramente compreender que, apesar da escola ser um espaço de oportunidades para uma vida melhor, pode também figurar como um local de exclusão social, que, segundo Abramovay e Rua (2003, p. 42),

Engloba dimensões e processos culturais e institucionais, por meio dos quais numerosas parcelas da sociedade brasileira tornam-se e permanecem alheias ao contrato social, privados do exercício da cidadania, desassistidas pelas instituições públicas, desamparadas pelo Estado.

Por conseguinte, é importante entender a violência escolar como um fenômeno social complexo, que possui diversas formas de se expressar e que, por tais motivos, decorrem inúmeras compreensões acerca desta temática, as quais, inclusive, variam nos diversos países, o que repercute na atenção concedida aos tipos de violência. Segundo Dos Reis (2015), em Portugal as situações de violência nas escolas são antigas e envolviam principalmente as sanções físicas impostas pelo próprio sistema educativo sobre os alunos por atos de indisciplina e/ou problemas de aprendizagem, além de intervenção policial devido aos conflitos entre grupos. Já na França, os primeiros estudos e levantamentos sobre a temática da violência nas escolas são datados das décadas de 1960 e 1970, voltados principalmente para os trotes e bagunças. Após 1975, o debate girou em torno sobretudo da questão de segurança e a necessidade de uma prevenção à delinquência juvenil (DO NASCIMENTO; MENEZES, 2013).

Desde a década de 1980, no Brasil, com o processo de democratização, a temática da violência nas escolas vem sendo motivo de preocupação da sociedade civil (sindicatos de professores e associações de classe). A ausência de melhoria dos serviços públicos, mesmo com o avanço da abertura política, contribuiu para o crescimento exponencial da violência urbana, a qual alcançou as unidades de ensino, o que, na década de 1990, provocou debates na sociedade civil, que clamava por mais segurança nas escolas públicas (DO NASCIMENTO; MENEZES, 2013). Por tais motivos, os estudos desenvolvidos no Brasil a partir da segunda metade dos anos 1990 sobre violência escolar passaram a englobar agressões contra o patrimônio e contra a pessoa (ANUNCIACÃO, 2019).

Priotto e Boneti (2009) afirmam que os episódios de violência escolar podem se manifestar de três formas: violência na escola, violência contra a escola e violência da escola.

Para os pesquisadores, a violência na escola seria aquela realizada pelos indivíduos que compõem a escola no próprio ambiente educacional (pátio, quadra, salas de aula), na porta de entrada e/ou na via em frente à escola, sendo externada através de atos ou ações de violência física e incivildades. A violência contra a escola diz respeito aos danos contra o patrimônio praticados por seus integrantes, por pessoas da comunidade ou estranhos à escola, podendo ser atos de vandalismo, destruição, roubos, furtos, incêndios. Já a violência da escola seria a violência simbólica, decorrente de práticas institucionais que prejudiquem quaisquer de seus membros.

Abramovay e Rua (2003) defendem que a violência escolar tem relação direta com a influência de variáveis endógenas ou exógenas. Para as autoras, a violência interna ou institucional seria decorrente de variáveis endógenas, de ações realizadas no interior da escola, devendo levar em consideração aspectos como a idade e a série ou nível de escolaridade dos estudantes, as regras e a disciplina dos projetos pedagógicos das escolas, assim como o impacto do sistema de punições e o comportamento dos professores em relação aos alunos e à prática educacional em geral. A violência externa envolveria variáveis exógenas que interferem diretamente no ambiente escolar, como questões de gênero, relações raciais, situações familiares, influência dos meios de comunicação, espaço social das escolas (o bairro, a sociedade). Para Da Silva e colaboradores (2012, p. 85), “(...) a violência externa estimula a inadaptação social, que é reflexo da educação indevida por parte da família ou pelo meio onde os jovens vivem (bairro violento, alcoolismo, drogas, tráfico, violência doméstica, resolução de conflitos com base na agressão verbal ou física)”, fazendo com que eles sejam estimulados a agirem conforme o que vivenciam diariamente.

O comportamento violento tem relação direta com o desenvolvimento individual e os contextos sociais, a exemplo da família, comunidade e escola. Nesta última, em especial, ocorre a reprodução do modelo do mundo social vivenciado pelos estudantes no ambiente escolar ou na família, contemplando, portanto, episódios de violência, sofrimento e medo, comprometendo a sua função enquanto local de formação social dos alunos e de fortalecimento da identidade e construção da cidadania. A esse respeito, Costa e colaboradores (2013, p. 30) afirmam que a escola é um dos “(...) setores sociais mais estratégicos de observação cotidiana dos comportamentos e atitudes de crianças e adolescentes” e que intercorrências escolares (ex.: ausências frequentes, baixo rendimento, falta de atenção, comportamentos agressivos, etc.) podem indicar vitimização em diferentes níveis e contextos. Além disso, a escola como um ambiente de produção de violência “expõe

os escolares à condição de vulnerabilidade, tendo como fatores determinantes variáveis pessoais, familiares, escolares, sociais e culturais” (MELLO *et al.*, 2017).

Justamente um público em pleno processo de mudanças e formação de identidade que se depara com um contexto complexo de estabelecimento de relações interpessoais, oportunidade em que “(...) verifica-se que constituir laços oferece proteção social contra adversidades e conflitos advindos deste período, favorecendo a construção da personalidade de forma mais estável e segura”, fazendo com que os relacionamentos entre amigos ajudem no processo de desenvolvimento psicossocial, sobretudo pela convivência com pessoas do mesmo contexto de transformação (NASCIMENTO *et al.*, 2015, p. 3418).

Durante a juventude, a identificação com os amigos e a sensação de pertencer a um grupo são muito importantes na estruturação da personalidade, tendo efeito de apoio e proteção (OQUENDO *et al.*, 2005). Os amigos são grandes influenciadores nesta fase, funcionando como modelos comportamentais e contribuindo na construção de normas individuais e valores a respeito de interações sociais (CONNOLLY; GOLDBERG, 1999). Segundo Dos Santos e Murta (2016, p. 791), a importância crescente que os amigos assumem no período da adolescência acontece “(...) na medida em que os jovens buscam validação, companheirismo e apoio dos pares”.

Nesse sentido, a escola se torna um local privilegiado para o desenvolvimento dos jovens e interação entre eles, espaço no qual coexistem diversos grupos com normas de convivência específicas. A esse respeito, Libardi e Castro (2014) definem grupos de pares como “grupos de amigos da escola, pessoas mais próximas no ambiente escolar e com as quais os jovens passam mais tempo juntos” compartilhando experiências escolares. Em conjunto com a família, a escola, as organizações de tempo livre e os meios de comunicação, os grupos de pares compreendem valores, crenças e atitudes comuns que se constituem como um estilo de vida (CÂMARA; SARRIERA; CARLOTTO, 2007). As relações entre pares aparecem, portanto, como um fator extremamente significativo na construção da identidade adolescente, na sua dimensão interpessoal, social e cultural (DO NASCIMENTO; MENEZES, 2013).

Importante destacar que, mesmo a escola sendo, costumeiramente, considerada como fator de proteção para os comportamentos de risco de violência juvenil (OPAS, 2003), tem sido espaço constante de ocorrência de eventos violentos. A violência entre pares, segundo Sebastião e colaboradores (1999), se caracteriza “por ações ou atitudes de um ou mais alunos sobre outro/s, onde é utilizada a força ou ações consideradas violentas dentro do espaço escolar”. Essas ações envolvem certo poder e influência física ou psicológica e podem ser

pontuais ou contínuas. Além de envolverem comportamentos de caráter agressivo, violento e antissociais, também abrangem conflitos interpessoais, atos criminosos, danos a diversos níveis, tanto pessoais como materiais (LOPES NETO, 2005).

A violência entre pares evidencia tensões no convívio diário entre os jovens e sinaliza aspectos internos do próprio funcionamento de um grupo; ao mesmo tempo, também mostra como um grupo se diferencia de outros no que diz respeito às suas filiações, identificações e sentimento de pertença (LIBARDI; CASTRO, 2014). Dada à frequência de sua ocorrência e aos efeitos prejudiciais sobre os envolvidos, a literatura educacional tem se debruçado mais para estudar este fenômeno (AGUIAR; BARRERA, 2017).

Como alguns dos fatores de risco para o desenvolvimento de comportamentos violentos podem ser citados a participação de amigos em relações violentas e o entendimento de que a violência é algo possível e natural entre os parceiros. Além disso, verifica-se a influência de pares que corroboram reciprocamente com conversas e atitudes agressivas, bem como incentivam estereótipos de gênero que validam a violência. Dessa forma, observa-se que a convivência no grupo de pares tem oportunizado aos estudantes a construção de um discurso legitimador da violência (DOS SANTOS; MURTA, 2016).

Alguns fenômenos de grupos podem contribuir para o aumento da ocorrência de eventos violentos, como o convívio com modelos que não são punidos, ou mesmo são recompensados; a redução da sensação de responsabilidade individual nas ações realizadas em grupos (responsabilidade seria repartida no grupo); e, por fim, as alterações do olhar do grupo em relação à vítima com o passar do tempo, em função dos ataques e comentários humilhantes de ocorrência repetitiva (AGUIAR; BARRERA, 2017).

No estudo de Libardi e Castro (2014), jovens relataram que os eventos violentos mais frequentes estavam relacionados aos conflitos entre diferentes grupos de pares, razão pela qual se compreende a violência entre jovens na escola como intimamente ligada às relações que esses grupos estabelecem entre si, aparecendo como uma resposta à tensão entre eles, fazendo parte da relação. Disto decorre o entendimento de que um evento violento reproduz a maneira como os grupos de jovens se relacionam, tentando se impor um sobre o outro.

De acordo com esses pesquisadores, existe um revanchismo frequente entre os jovens que mantêm a produção dos eventos violentos na escola, se tornando indispensável para a reparação da imagem do estudante e do seu grupo. Isso ajuda a manter o jovem inserido naquele contexto, por ter afinidade com o padrão de convivência grupal, além de protegê-lo de eventos violentos de outras turmas. Nesse sentido, o grupo seria um incentivador de retaliação com ocorrência de novos eventos violentos, a fim de ser respeitado, diante de outro

conjunto de pessoas e equilibrar a humilhação sofrida por um de seus integrantes. Essa reprodução da violência como estratégia preventiva assevera que, na escola, a dominação acontece a partir do poder do mais forte, demonstrando que “(...) a maneira como os jovens convivem dentro da escola tem, cada vez mais, se aproximado da maneira como se relacionam fora daquele espaço” (LIBARDI; CASTRO, 2014).

Segundo estudiosos, a violência entre pares no ambiente escolar se apresenta de forma explícita e também de maneira disfarçada ou mascarada. Na sua forma explícita, a violência, via de regra, tende a ser combatida, criticada e controlada por meio de punições. No entanto, a violência disfarçada, representada através de práticas de intolerância em face dos diferentes, na grande maioria das vezes não é vista ou percebida como tal, sendo confundida com indisciplina ou até brincadeira, não sendo considerada grave ao ponto de requerer a aplicação de medidas de repressão. O problema é que, apesar de não apresentar consequências visíveis ou efeito imediato, já que os danos são, geralmente, de ordem psicológica e/ou moral, essa modalidade de violência não é monitorada, controlada e passa a ocorrer de maneira frequente na escola, acontecendo a sua banalização e incorporação ao cotidiano escolar como algo típico da adolescência, o que provoca a indiferença frente ao sofrimento e a falta de respeito à dor do outro (CAMACHO, 2001).

A esse respeito, pesquisa realizada por Do Nascimento e Menezes (2013) em escola pública da cidade de Recife, Pernambuco, sobre o *bullying* na adolescência demonstrou que tais práticas de intimidação, apresentadas como “brincadeiras”, eram consideradas como um movimento próprio da adolescência tanto pelos estudantes, quanto pelos próprios professores, razão pela qual eram naturalizadas na convivência escolar, o que fortalecia a falsa ideia de desnecessidade de intervenção pedagógica no momento da intimidação. Segundo as autoras, a forma sutil com que a intimidação se revelava e era acobertada pela relação de amizade que o agressor mantinha com a vítima e observadores era um dificultador para a sua identificação como prática violenta, associada à desinformação dos docentes quanto às expressões e modalidades de violências praticadas no contexto escolar, o que gerava uma situação de desamparo e impunidade.

Acerca da naturalização da violência, Câmara, Sarriera e Carlotto (2007) salientam que, em determinados grupos populacionais, dentre eles os jovens, certas ações violentas caracterizam um modelo usual de relacionamento. Eventos como brigas e agressões, para muitos jovens, não são considerados violentos, principalmente quando acontecem em detrimento de alguma provocação ou estímulo anterior, sendo mais comum entre jovens do sexo masculino, ou para preservar o status social no grupo de pares. A partir do momento em

que os eventos violentos passam a fazer parte das trocas interpessoais cotidianas dos jovens e a compor as relações entre os atores envolvidos tem-se a naturalização da violência, a qual se torna invisível e banal (DO NASCIMENTO; MENEZES, 2013).

Aguiar e Barrera (2017) defendem que os eventos violentos vivenciados pelos jovens no seu cotidiano escolar e com os quais não sabem lidar (sendo vítimas, agressores ou observadores) afetam seu desempenho na escola, desenvolvimento pessoal e social, além de influenciarem nas condições de seu bem-estar. Associado a isso, tem-se que são muito frequentes os relatos de atitudes passivas predominantes entre os educadores, com pouca ou inadequada intervenção ao presenciarem os eventos violentos, numa espécie de “aprovação silenciosa”, o que não ajuda a diminuir o problema e atinge os próprios observadores, também afetados em sua formação psicológica e moral em decorrência da falta de respeito, insegurança, impunidade e banalização da violência que tais práticas suscitam. Esta realidade revela uma problemática dos espaços escolares na atualidade: embora se sustentem baseados na ideia de formação, de responsabilidade dos adultos sobre as crianças, o que se tem é uma verdadeira crise, no que diz respeito ao atendimento desse processo de formação das gerações mais novas (LIBARDI; CASTRO, 2014).

Na escola são reproduzidos padrões de comportamento e relacionamentos que, inclusive, podem colocar a saúde dos jovens em risco, possuindo, portanto, um papel estratégico para a promoção de saúde dos alunos. Neste sentido, acredita-se na escola como *locus* importante na detecção precoce de situações problemáticas, uma vez que contempla aspectos relevantes para a qualidade de vida do jovem (HAAVET; DALEN; STRAAND, 2006), sendo necessário e urgente que invista em estratégias visando a prevenção e o enfrentamento do problema, com o desenvolvimento de programa de intervenção, a partir da conscientização da dificuldade e engajamento por parte dos adultos e foco nas relações interpessoais dos adolescentes no contexto escolar (DO NASCIMENTO; MENEZES, 2013). Destaca-se a importância da compreensão da influência dos pares entre os jovens como ferramenta estratégica para a elaboração de intervenções preventivas consistentes e capazes de transformar o contexto no qual as atitudes e habilidades individuais funcionam (DOS SANTOS; MURTA, 2016).

## 2.2 O *bullying* e as diversas faces da intolerância nas relações entre jovens estudantes e seus pares

A violência interpessoal é a principal razão pela qual jovens de 10 a 19 anos perdem a vida precocemente no Brasil. A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2018), no documento intitulado “Ação Global Acelerada para a Saúde de Adolescentes (AA-HA!)”, inclui como violência interpessoal assassinatos, agressão, brigas, *bullying*, violência entre parceiros sexuais e abuso emocional. Dentre os tipos de violência que mais acometem os adolescentes tem-se o *bullying* como um dos mais presentes sobretudo entre aqueles que frequentam ambiente escolar.

Segundo Olweus (2007), para que haja a configuração do *bullying* é necessário que três elementos estejam presentes na ação: a intencionalidade de provocar dor ou sofrimento a alguém; a frequência ao longo do tempo dessa ação; e, por fim, o desequilíbrio de poder. Sendo assim, o *bullying* é caracterizado pela prática de atitudes agressivas de caráter intencional e repetitivo, físicas ou verbais e sem motivação evidente.

Os principais “atores” envolvidos na relação do *bullying* são: o agressor, considerado o autor do ato violento; a vítima, que sofre o *bullying*; e os espectadores ou observadores, que testemunham a violência e podem apoiar os agressores, ajudar a vítima ou, por receio de se tornarem as próximas vítimas, serem indiferentes e não denunciarem a ação violenta (FANTE, 2005; OLWEUS, 2007). A esse respeito, a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA) realizou um levantamento envolvendo 5.482 estudantes de 5ª a 8ª séries, de 10 escolas, do município do Rio de Janeiro e constatou que 16,9% dos alunos tinham sido vítimas de *bullying*; 10,9% foram, concomitantemente, vítimas e autores de *bullying*; 12,7% se enquadraram como autores de *bullying*; e 57,5% foram testemunhas de *bullying* (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003).

Ainda é possível identificar a existência daqueles que figuram, ao mesmo tempo, como vítimas e agressores, buscando humilhar os colegas para camuflar alguma possível limitação pessoal, ao tempo em que são maltratados constantemente pelos colegas. Costumam apresentar maior frequência de desvios de conduta e problemas escolares, bem como com os pares, além de sintomas psicossomáticos e psicológicos, com frequentes encaminhamentos aos serviços psiquiátricos. São suscetíveis ao consumo de substâncias psicoativas, além de apresentarem elevado risco de ideações suicidas e comportamento violento e antissocial (DA SILVA *et al.*, 2012).

O ordenamento jurídico brasileiro, através da Lei Federal nº 13.185, de 6 de novembro de 2015, conceitua *bullying* ou intimidação sistemática como

todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas. (BRASIL, 2015)

Segundo a referida Lei, o *bullying* pode ser classificado de acordo com as ações praticadas, podendo ser: verbal (insultar, xingar e apelidar pejorativamente); moral (difamar, caluniar, disseminar rumores); sexual (assediar, induzir e/ou abusar); social (ignorar, isolar e excluir); psicológico (perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar); físico (socar, chutar, bater); material (furtar, roubar, destruir pertences de outrem) e virtual, denominado de *cyberbullying* (depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social) (BRASIL, 2015).

De acordo com o Manual de Crianças e Jovens Vítimas de Violência, entende-se por *cyberbullying* a utilização das novas tecnologias para colaborar com a exclusão, intimação e isolamento social da vítima e/ou agredi-la verbalmente, disseminando informações negativas/falsas para difamá-la, dentre outras (APAV, 2011). Acerca do *cyberbullying*, Aranha (2014) destaca que várias são as suas práticas, a exemplo de: *flaming* (linchamento online), *harassment* (assédio), *denigration* (difamação), *impersonation* (falsa identidade), *outing and trickery* (saída e travessura), *exclusion* (exclusão), *cyberstalking* (ciberperseguição) e *cyberthreats* (ameaça cibernética). Afirma, ainda, que em algumas sociedades as práticas do *cyberbullying* já levaram à evasão escolar, abandono familiar, demissão do emprego, pessoas cometerem suicídio etc.

De acordo com o referido Manual, existem diversos comportamentos cometidos pelo agressor contra a vítima que o *bullying* pode assumir, os quais podem implicar a confrontação ou contato direto entre os mesmos (menor ocorrência), mais cometidos pelos meninos, a exemplo de comportamentos verbalmente violentos (insultar, gritar, ameaçar ou intimidar através de palavras) e comportamentos fisicamente violentos (agredir, roubar, estragar ou danificar objetos pessoais, agredir sexualmente). Outros comportamentos são caracterizados pelo fato do agressor tentar excluir a vítima do convívio social ou acabar com os seus relacionamentos interpessoais, mais cometidos pelas meninas. Nesses casos, não há

confrontação ou contato direto entre agressor e vítima (maior ocorrência) e podem ser citados como exemplo comportamentos socialmente violentos, como excluir das atividades realizadas em grupo, difundir boatos depreciativos, com conotação sexual, racial/étnica ou de outra ordem (APAV, 2011).

No que diz respeito à relação entre a prática do *bullying* e gênero, Rosário, Candeias e Melo (2017) demonstraram que o gênero masculino costuma se envolver em situações de violência com maior gravidade do que o feminino, estando mais inseridos em acontecimentos de *bullying* físico, enquanto que o feminino se envolve mais em situações de *bullying* indireto. Tal característica estaria associada à constituição biológica, aliada a uma herança da cultura patriarcal, hierarquizada, pela sobreposição do masculino, numa espécie de transmissão intergeracional da violência, com a reprodução de comportamentos agressivos, associada ao fato de que a própria sociedade impõe às mulheres a característica de “sexo frágil”, refletindo na necessidade de passar a imagem de “meiga”, “delicada”, inclusive na maneira de praticar atos violentos (JABES; COSTA, 2013; OLIVEIRA *et al.*, 2014).

Merece atenção o fato de que é corriqueira a ausência de denúncia das vítimas e das testemunhas dos atos de *bullying*, o que contribui para a banalização e consequente naturalização deste tipo de violência. Segundo relatório da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) sobre a situação mundial da violência escolar e o *bullying*, a falta de denúncia estaria atrelada à ausência de confiança nos adultos (incluindo professores), medo de retaliações (autoproteção) e/ou de serem desacreditados, além dos sentimentos de vergonha, culpa ou confusão e da falta de informação acerca dos procedimentos para solicitarem ajuda (UNESCO, 2019).

Com o intuito de estabelecer ações voltadas para a prevenção e o enfrentamento das práticas de *bullying*, a Lei Federal nº 13.185/2015 instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*bullying*) e trouxe, em seu art. 5º, como obrigação de alguns estabelecimentos, a exemplo de clubes, agremiações esportivas e instituições de ensino médio, garantirem “(...) medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (*bullying*)” (BRASIL, 2015). No que tange à prevenção, Rosário, Candeias e Melo (2017) asseveram que atuar preventivamente se configura como uma questão de direitos humanos, sendo necessário que as escolas promovam segurança e permitam que os seus estudantes convivam sem as agressões e humilhações que o *bullying* acarreta, propondo a adoção de estratégias para que as testemunhas, consideradas como maioria dos alunos, passem a ser sujeitos ativos nesse contexto de prevenção das situações de *bullying*.

Urge resgatar que aquele que pratica o *bullying* procura intimidar ou agredir outra pessoa que não é capaz de se defender, configurando uma relação desigual de forças ou poder. Esse desequilíbrio na relação de poder entre agressor e vítima, em sua maioria, está associado a características como altura, peso, idade, estrutura física, orientação sexual, cor da pele, condição econômica, dentre outras (APAV, 2011) e a intolerância frente à diversidade de conceitos, crenças e opiniões se constitui usualmente num fator que permeia a prática de violência por jovens contra seus pares.

Nesse sentido, Batista e colaboradores (2019) destacam que grupos com características físicas, socioeconômicas, de etnia e de orientação sexual específica costumam ser os principais alvos de demonstrações de intolerância. A pesquisa de opinião do U-Report/SRSG-VAC sobre a experiência do *bullying*, realizada pelo Fundo das Nações Unidas em 2016 e apresentada pela UNESCO (2019), contou com a participação de 100.000 jovens de 18 países e demonstrou que, entre aqueles que vivenciaram o *bullying*, 25% relataram a intolerância à sua aparência física, 25% à sua orientação sexual e gênero e 25% à sua etnia e nacionalidade.

Segundo Camacho (2001), os adolescentes estão estritamente correlacionados com as suas “formas” para se compreenderem enquanto pessoas, sendo que o corpo desempenha um papel muito importante e essencial no processo de construção da identidade desse público. Grandes transformações de condutas cognitivas, emocionais e fisiológicas acontecem na adolescência, incluindo mudanças na imagem do corpo, cuja aceitabilidade depende, em grande parte, de critérios estabelecidos pelo seu grupo de pertencimento. Nesse contexto, a aparência física “(...) pode definir uma série de coisas, como ser valorizado/desvalorizado/ridicularizado, aceito/rejeitado, amado/desprezado, perseguido/bajulado, ou seja, pode definir se ocorrerá uma discriminação positiva ou negativa” (p. 135). A intolerância frente aos desvios dos padrões de aparência física aceitos socialmente gera muito sofrimento aqueles considerados fora desses padrões, uma vez que são discriminados, rejeitados e excluídos, o que colabora para a adoção de atitudes de autoisolamento e baixa autoestima.

É público e notório que a violência se torna mais evidente entre as classes menos favorecidas, embora não seja exclusividade das pessoas pertencentes a essas classes, atingindo todas as camadas sociais, independentemente da situação socioeconômica, da raça, da religião ou do nível intelectual. Nesse universo, se encontra a intolerância frente às pessoas negras, população que possui um processo histórico de exclusão social, econômica, política e cultural (BATISTA *et al.*, 2019).

Segundo Abramovay e Rua (2003), o racismo está enraizado na sociedade brasileira, em geral, e na escola, em particular, enquanto forma de exclusão social, se apresentando tanto de forma explícita, quanto por meio de atitudes transvestidas de brincadeiras, numa espécie de ação que legitima os preconceitos raciais. Para Santos (2015, p. 176),

A cor adquire uma função simbólica, estigmatizante para toda uma constelação de referências negativas à formação racial identitária, neste caso, na identidade do negro, reivindicando a segregação. Trata-se de uma desqualificação ao sujeito, que o torna inconfiável, segregando-o, mostrando que qualquer um poderia estar ali, menos a dita pessoa.

No que tange à comunidade escolar, tem-se que, embora institucionalmente silenciada, a violência relacionada à prática discriminatória resultante de concepções quanto à raça faz-se presente. Esse silêncio colabora para a naturalização do racismo no ambiente escolar, o que faz com que a hostilidade racial prejudique a trajetória escolar ao estigmatizar e marginalizar a vítima do preconceito (ABRAMOVAY; RUA, 2003).

Outro público mais propenso a sofrer violência escolar e *bullying* é constituído por jovens cuja orientação sexual, identidade ou expressão de gênero não se enquadram nas normas dominantes de gênero. Baseada na orientação sexual e na identidade/expressão de gênero, a violência homofóbica e transfóbica pode se apresentar de forma física, sexual (estupro, coerção e assédio) e psicológica (abuso verbal, emocional e *bullying/cyberbullying*), sendo um tipo de violência de gênero e relacionada à escola (UNESCO, 2019).

Estudantes lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBT) são alvos do *bullying* homofóbico, além de estudantes não LGBT que não se conformam aos padrões tradicionais de gênero. Na escola, esses estudantes são mais propensos a sofrer *bullying* homofóbico do que na comunidade e a violência psicológica, que inclui a exclusão social e o *bullying* verbal, é o tipo de violência que mais acomete esse público. A esse respeito, estudo realizado em 2012, nos Estados Unidos, com 20.406 estudantes do ensino médio revelou que, dentre os grupos de jovens considerados como vulneráveis, aqueles que se declararam não heterossexuais apresentaram sobreposição substancial entre o *bullying* escolar e o *cyberbullying*, sendo que 23% declararam terem sido vítimas de ambas as formas de violência, quando comparado aos 9% daqueles que se identificaram como heterossexuais (UNESCO, 2019).

Esse tipo específico de violência de gênero é praticada em decorrência das normas de gênero e da adoção de atitudes implícitas, involuntárias ou dissimuladas que ratificam os estereótipos de gênero a partir da intolerância ou ódio de pessoas sexualmente diversas, as

quais estão mais sujeitas à ansiedade, depressão, medo, estresse, baixa autoestima, solidão, autoagressão ou pensamentos suicidas (UNESCO, 2017). A discriminação de gênero, caso não seja combatida, pode encorajar a adoção de práticas que apoiam normas que reforcem a desigualdade de gênero e tolerem a violência, incluindo o castigo físico (UNESCO, 2019).

Por fim, inúmeros são os fatores que contribuem para que os jovens em situação de vulnerabilidade sejam mais propensos a se tornarem vítimas da violência e a condição financeira se enquadra como um desses fatores. Dessa forma, tem-se que a intolerância à condição financeira da vítima também figura como um fator presente nas relações violentas entre jovens e seus pares, mesmo o Brasil sendo um dos países com maior desigualdade econômica do mundo.

Assim, tem-se que os jovens desfavorecidos social e economicamente, além de enfrentarem desigualdades no tocante à qualidade de ensino, à possibilidade de estudar em escolas de bom nível e à disponibilidade de tempo e material escolar adequado, ainda lidam com a discriminação e a exclusão social nas relações entre os seus pares em decorrência da sua situação financeira. Nesse sentido, as vítimas de intolerância devido à sua condição econômica podem desenvolver, dentre outras coisas, baixa autoestima, além de se sentirem desassistidas por medo de serem responsabilizadas ou de não serem levadas a sério (ABRAMOVAY; RUA, 2003; UNESCO, 2019).

De forma geral, importante compreender os fatores socioculturais manifestados por familiares, amigos, entre outros adultos e/ou ancestrais que impactam sobremaneira no desenvolvimento psicossocial adequado do jovem, interferindo no seu processo de socialização e exercício pleno da cidadania e que podem contribuir para a adoção de comportamentos disfuncionais e/ou inadequados. Esses comportamentos podem ser repassados entre gerações como herança dos antepassados, numa espécie de transmissão intergeracional, fazendo parte integrante do imaginário, dos comportamentos e das repetições pelos mais jovens, o que gera consequências ao relacionamento do jovem com seus pares e à saúde física e mental do indivíduo e seu grupo.

## **2.3 Consequências de eventos violentos e estratégias de prevenção e enfrentamento da violência entre jovens**

### **2.3.1 Danos ocasionados pelos eventos violentos**

A prática da violência afeta a saúde dos atores envolvidos no contexto violento, compreendendo saúde a partir dos aspectos físico, mental e social que compõem o conceito adotado pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2006). Este conceito demonstra que a saúde é de responsabilidade conjunta do setor da saúde e dos demais setores, a exemplo do setor de educação, o qual sofre importantes impactos em decorrência da violência que permeia os espaços escolares.

Do ponto de vista da saúde física, tem-se que a violência pode ocasionar danos fatais e não fatais, a exemplo de ferimentos dos mais diversificados, como cortes, hematomas e ossos fraturados, bem como aqueles oriundos de bala e traumas, os quais são considerados mais sérios e podem levar à deficiência permanente ou mesmo evoluir à óbito. Além disso, a exposição precoce à violência “pode comprometer o desenvolvimento cerebral e danificar outras partes do sistema nervoso, endócrino, circulatório, musculoesquelético, reprodutivo, respiratório e imunológico, com consequências para toda a vida” (UNESCO, 2019). No caso do *bullying*, algumas reações físicas incluem até dores de cabeça e no estômago.

No entanto, muitos problemas resultantes da violência escolar não são visíveis mas igualmente geram consequências negativas à saúde, a exemplo do consumo de substâncias psicoativas, dificuldades para se alimentar e/ou dormir, além de consequências de ordem psicológica, como depressão, ansiedade e medo, que podem levar até o cometimento de suicídio.

No que diz respeito à saúde mental, o aumento do risco de desenvolvimento de transtornos mentais tem sido fortemente influenciado pela violência. Problemas internalizantes e externalizantes se encontram entre as desordens psíquicas mais comuns entre os jovens. Nos primeiros, os sinais são interiorizados no indivíduo, como depressão, ansiedade e somatização. A esse respeito, relação conflituosa com os pares, a família e autoimagem fragilizada foram algumas das causas apontadas por cerca de 60% de adolescentes que relataram depressão quando abordados em consulta médica (BRASIL, 2017). Já nos problemas externalizantes, as desordens de comportamento destrutivo estão mais dirigidas para o outro, a exemplo de agressividade a pessoas e animais, comportamento transgressor, conduta desafiadora excessiva, transtornos de conduta, dentre outras (ASSIS *et al.*, 2009).

Importante ressaltar que tanto a saúde mental e psicológica dos perpetradores da violência, quanto das vítimas e das testemunhas sofrem consequências das ações violentas. Segundo relatório da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2019), aqueles que praticam a violência são mais propensos a desenvolver depressão no futuro, assim como os estudantes que sofrem a violência, que além de se sentirem solitários e/ou apresentarem baixa autoestima, também demonstram ansiedade excessiva. Importante destacar que os estudantes que praticam a violência e também são vítimas, sobretudo de *bullying*, ainda possuem esse quadro agravado, apresentando os piores níveis de funcionalidade.

Merece ser destacado o impacto educacional sobre os estudantes que participam, de alguma forma, da violência escolar. Por parte das vítimas e testemunhas, o medo de ir à escola pode gerar ausências frequentes e até abandonos. Aos que ainda conseguem frequentar as aulas, sofrem interferência direta na capacidade de concentração em sala de aula, bem como na participação das atividades. Ademais, tem-se que a violência escolar reduz a qualidade da educação de forma geral, inclusive dos próprios agressores, já que ambientes de aprendizagem inseguros criam um clima de medo e a percepção de que os professores não possuem controle ou não levam em consideração o bem-estar dos estudantes. Tais fatos repercutem negativamente no desempenho e resultado acadêmico, proporcionando mais dificuldades para que esses jovens alcancem o ensino superior e conquistem futuras possibilidades de emprego (UNESCO, 2019).

Custos sociais e econômicos também são impactados pelas ações violentas praticadas na escola e no seu entorno. A longo prazo, os envolvidos em episódios de violência apresentam piores qualificações e maior risco de desenvolver problemas de relacionamento, comportamento antissocial e criminal, associado a uma maior probabilidade de não usufruírem de apoio social adequado. Além disso, o possível isolamento dos jovens e a perda de interesse em outras atividades comprometem o direito ao lazer, às brincadeiras e às atividades recreativas (UNESCO, 2019).

### 2.3.2 Estratégias de prevenção e enfrentamento da violência entre jovens

A violência é multifatorial e se caracteriza pela congruência de fatores interrelacionados, como aspectos biológicos, psicológicos, sociais e ambientais. Por tal motivo, as estratégias para a sua prevenção e enfrentamento não são simplistas e requerem intervenções com foco nos jovens e em seus relacionamentos, além das comunidades e os diversos setores da sociedade (CÂMARA; SARRIERA; CARLOTTO, 2007). Nesse sentido,

necessário o desenvolvimento de estratégias por parte dos próprios jovens, bem como de suas famílias, dos demais segmentos da sociedade e do Poder Público, a fim de que esse contexto de violência na juventude seja transformado positivamente.

As estratégias individuais (*coping*) adotadas pelos jovens para lidarem com as situações estressantes que lhes acometem possuem estreita relação com os fatores de risco para enfrentamentos violentos. Essas estratégias são desenvolvidas no decorrer do tempo e se relacionam com as oportunidades de socialização, contato com valores e normas sociais e as situações de vida associadas às variáveis pessoais. Exemplos de estratégias que podem ser identificadas como capazes de representar fatores de risco para a conduta de enfrentamentos violentos são a criação de ilusões, ação social, autculpabilização e procura por distrações relaxantes, desde a prática de esportes até o consumo de substâncias psicoativas, como forma de tirar o elemento estressor do foco e aliviar a tensão (CÂMARA; SARRIERA; CARLOTTO, 2007).

Enquanto as estratégias de busca de distrações relaxantes e ação social podem ser interpretadas como formas pontuais e atuais de lidar com os estressores, as estratégias de criar ilusões e autculpabilização têm relação com todo um sistema de desenvolvimento e aprendizagem no decorrer da vida do indivíduo. Criar ilusões está associada às possibilidades reais de vida e futuro, porém é preciso considerar que imaginar um futuro positivo é um desafio tanto para os jovens que estão impedidos de pensar em oportunidades por sua situação socioeconômica, como para os que se encontram diante de um cotidiano com poucas possibilidades criativas. Já a estratégia de autculpar-se, se utilizada em excesso, pode repercutir em baixa autoeficácia, mas em se tratando de enfrentamentos violentos tem-se que os jovens que a utilizam como estratégia têm menos chances de se envolverem em enfrentamentos violentos. Ademais, da adoção de estilos de vida que incorporem violência podem decorrer conseqüências negativas em termos de mortes, agravos, incapacitação física permanente e o comprometimento da qualidade de vida de uma sociedade de forma geral, sendo de grande relevância considerar o perfil de incorporação de comportamentos violentos ao estilo de vida como problema de saúde pública (CÂMARA; SARRIERA; CARLOTTO, 2007).

No que tange às estratégias de prevenção e enfrentamento da violência entre pares adotadas pelo Setor de Saúde, importante ressaltar que os jovens fazem parte de grupos considerados vulneráveis, os quais têm menos acesso aos cuidados de saúde oferecidos pelas instituições, sendo necessário o desenvolvimento de formas de atenção especial de saúde e da ampliação de espaços de prestação de cuidados para que possam atender à precariedade e

formular uma rede de proteção socialmente diferenciada. Outrossim, urge compreender que as estratégias em saúde devem envolver uma atuação multiprofissional envolvendo o respeito aos diferentes saberes para que os espaços sejam transformados e as pessoas se tornem cada vez mais conscientes e saudáveis, capazes de conservar e/ou melhorar sua saúde (PELICIONI; PELICIONI; DE TOLEDO, 2013).

Nesse sentido, as mudanças na forma de pensar o sistema de atenção à saúde no que diz respeito à prevenção à violência são necessárias para que medidas adequadas sejam adotadas, com o objetivo de proporcionar uma maior ajuda na busca de apoio e no oferecimento de auxílio nesses contextos, contribuindo para o desenvolvimento de relações saudáveis. É importante a realização de busca ativa e ação imediata, adotando estratégias que promovam o acesso aos serviços de saúde, acompanhado por apoio, diálogo aberto e incentivo à busca de ajuda por parte dos jovens envolvidos em situações de violência (DOS SANTOS; MURTA, 2016).

A questão da vulnerabilidade em saúde é bastante complexa, pois ao mesmo tempo em que se refere aos processos sociais, econômicos e políticos mais amplos, tem que lidar com as especificidades oriundas da diversidade dos grupos sociais, em especial dos problemas de saúde a que estão expostos e que guardam relação com suas condições históricas e de vida (ADORNO; VASCONCELLOS; DE ALVARENGA, 2013). No que diz respeito ao atendimento dos jovens pelos serviços de saúde, Brêtas (2010, p. 95) assevera que

(...) se um serviço de saúde de uma determinada comunidade não atende os adolescentes que chegam ao serviço sem o acompanhamento dos pais, está criando um obstáculo programático, para que os adolescentes possam cuidar de si. Se outro serviço não distribui preservativos para adolescentes menores de idade ou torna a distribuição muito burocrática, podemos afirmar a mesma coisa.

Brêtas (2010) ainda destaca que os serviços de saúde devem desenvolver ações articuladas com outras organizações da comunidade viabilizando o acesso efetivo dos jovens aos sistemas de saúde, a fim de que haja uma resposta apropriada no que diz respeito ao enfrentamento dos problemas que os afetam. Ademais, ressalta que para reduzir a vulnerabilidade não basta apenas alertar sobre o problema. É necessário instrumentalizar os sujeitos sociais para que possam superar os obstáculos que os mantêm vulneráveis, os ensinando como se proteger e se mobilizar para que as situações estruturais que os mantêm na condição de vulneráveis sejam transformadas.

A Educação em Saúde é justamente o envolvimento do “(...) processo político de formação para a cidadania ativa, para a ação transformadora da realidade social e a busca da

melhoria da qualidade de vida” (PELICIONI; PELICIONI; DE TOLEDO, 2013, p. 204). Por meio da Educação em Saúde, cada indivíduo é preparado para assumir a responsabilidade sobre sua saúde e a da comunidade, participando da tomada de decisões, do controle social, da exigência de cumprimento aos seus direitos e da ação direta e consciente sobre os fatores que atuam como determinantes e condicionantes da sua saúde e qualidade de vida. Dessa forma, as estratégias de prevenção e enfrentamento da violência entre pares envolvendo o Setor de Saúde perpassam pelo investimento na Educação em Saúde e em ações integradas que viabilizem o acesso efetivo aos serviços de saúde por parte dos jovens.

Além disso, para o enfrentamento da violência, seus desdobramentos e consequências na juventude, faz-se necessário o desenvolvimento de fatores de proteção efetivos que estimulem a ressignificação do sofrimento e a promoção da resiliência ou da capacidade de elaboração de respostas saudáveis frente ao evento estressor (HILDEBRAND *et al.*, 2015). No tocante aos fatores de proteção à saúde mental no nível individual, destacam-se a autoestima, a satisfação com a vida e a competência na escola. Além disso, conhecer a realidade dos jovens, a qual revela os contextos violentos nos quais se encontram, é fundamental para a definição de estratégias e ações pelos profissionais que lidam diretamente com indivíduos em sofrimento psíquico e que convivem com práticas violentas (DE FREITAS; DE MOURA; MONTEIRO, 2016).

O Setor de Educação também deve adotar estratégias para prevenção e enfrentamento da violência entre os jovens, tendo em vista que o espaço escolar se constitui num ambiente onde os eventos violentos englobando jovens mais acontecem. Acredita-se que as escolas, enquanto espaços democráticos de formação de cidadãos, devam contribuir efetivamente no desenvolvimento de pessoas mais conscientes, tolerantes e que respeitem diferenças, a partir da convivência pacífica e construtiva, evitando e/ou reduzindo eventos violentos sofridos/perpetrados, cujos resultados deixam marcas indeléveis para todos, jovens, professores, familiares e a sociedade em geral.

Nesse sentido, cabe à escola, instância responsável pelo processo primário de socialização e formação, implementar um plano pedagógico amplo, voltado para a socialização inclusiva, transformando a escola em um ambiente mais atrativo e seguro para os jovens, garantindo uma aprendizagem significativa e comprometida com o bem estar individual e coletivo de cada membro do universo escolar. Ademais, é necessário desenvolver ações voltadas para um convívio pacífico e inclusivo no ambiente escolar, propiciando um ambiente solidário entre jovens através de práticas educacionais que possam promover responsabilidade individual e coletiva, estimulando mecanismos de resiliência pessoal e

social entre os estudantes e seus pares, além de estratégias de valorização dos vínculos afetivos para o fortalecimento da confiança mútua, o que favorecerá o processo de construção do conhecimento e a lealdade nas relações de amizade.

No que diz respeito às atitudes de intolerância que permeiam as relações entre jovens, urge destacar que as intervenções com foco na prevenção à violência entre este público possuem caráter universal, de duração breve e de base escolar e devem abordar conteúdos relacionados ao trato das emoções, à resolução de conflitos e à construção de habilidades sociais. É necessário, portanto, o planejamento de ações voltadas para o combate aos preconceitos e para a conscientização acerca do respeito às diversidades nas suas mais variadas esferas, com a promoção de discussões e ações que assegurem uma aprendizagem respeitadora, eficaz e baseada na cultura da paz, fazendo com que os estudantes se coloquem no lugar do outro, na tentativa de conscientizá-los sobre preconceitos evidentes que, muitas vezes, são naturalizados pelos mesmos, a fim de contribuir na formação de pessoas mais conscientes, tolerantes e que respeitem as diferenças. O desenvolvimento dessas ações auxiliará no alcance da maturidade para lidar com a frustração dos ganhos e perdas, respeitar diferenças interpessoais e praticar a cooperação mútua entre jovens e seus pares.

Nesse contexto, é importante compreender os fatores que antecedem a prática de eventos violentos para a elaboração de ações de prevenção, bem como de enfrentamento das atitudes violentas desencadeadas. Agir, no sentido de evitar e/ou reduzir a ocorrência desses fatores irá repercutir na diminuição das atitudes violentas entre jovens estudantes com seus pares, sendo necessário, para tanto, uma ação conjunta entre Poder Público, escola, família e comunidade. O fortalecimento da família e da escola é indispensável nesse processo, bem como a implementação de políticas públicas e investimentos sociais intersetoriais que possam contribuir com ações direcionadas à juventude, visando o convívio social saudável, respeitoso e amigável entre os pares, libertados do ciclo de vitimização/perpetração que envolve múltiplos aspectos sociais, culturais, econômicos e interpessoais.

### **3 METODOLOGIA**

#### **3.1 Tipo de pesquisa**

Esta pesquisa, que possui abordagem qualitativa, caráter descritivo e exploratório, faz parte de um projeto interinstitucional mais amplo desenvolvido entre Universidades (UEFS/NNEPA – Feira de Santana, Bahia, Brasil; UQAM/EVISSA – Montreal, Canadá; e UCSAL/NEDH – Salvador, Bahia, Brasil), o qual estuda a “Saúde de jovens e violência: interlocução entre a rede de informação em saúde e o sistema de educação, para prevenir a vitimização familiar, amorosa e entre pares”. O referido projeto é de autoria do Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência da Universidade Estadual de Feira de Santana (NNEPA-UEFS), financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), conforme Edital nº 03/2017 – Programa de Pesquisa para o SUS: Gestão compartilhada em Saúde - PPSUS/BA.

Para coleta de dados no projeto mais amplo utilizou-se a versão brasileira do questionário PAJ (“*Parcours Amoureux des Jeunes*” / Percurso Amoroso de Jovens), original do Canadá (Universidade de Québec à Montreal\UQAM), que foi submetido aos processos de adaptação transcultural, validação e análise das propriedades psicométricas pelo NNEPA\UEFS para ser aplicado e replicado no contexto nacional (NASCIMENTO, 2015). Durante o processo de análise das questões subjetivas do PAJ que foram aplicadas na grande coleta, verificou-se a necessidade de retornar às escolas que participaram naquela oportunidade para obtenção de mais subsídios acerca das questões relativas às “experiências difíceis” relatadas pelos jovens nas relações entre pares, que é o grande objeto de estudo da presente dissertação, a qual se encontra como uma segunda etapa do projeto mais amplo.

#### **3.2 Local da pesquisa**

No projeto interinstitucional, a amostra contou com estudantes de escolas públicas estaduais do município de Feira de Santana-Bahia, devidamente matriculados em 56 escolas da rede.

Para a presente pesquisa (subprojeto integrante) foram selecionadas nove escolas que participaram da grande coleta (projeto original), a partir de alguns critérios: estarem localizadas em área/região/bairro de alta densidade populacional e elevados índices de violência interpessoal, além de possuírem grande número de alunos matriculados, oriundos de distritos circunvizinhos a Feira de Santana.

### **3.3 Participantes da pesquisa**

No que diz respeito aos participantes do estudo, a amostra inicial contou com 334 estudantes. Os critérios de inclusão foram: faixa etária de 15 a 24 anos, matriculados e presentes na aula no momento da coleta dos dados. Os critérios de não inclusão foram não saber ler, ter relatado não ter vivenciado nenhum episódio de violência e/ou não ter respondido o instrumento, enquanto que os critérios de exclusão foram: ter registrado apenas desenho, letras ilegíveis, não ter relatado uma estória com início, meio e fim, informações insuficientes relativas à idade e sexo, desistência de participar da pesquisa.

A amostragem foi de natureza não probabilística e intencional, com a participação dos estudantes das turmas disponibilizadas pela direção da escola para a respectiva data de coleta, agendada previamente.

### **3.4 Técnica e instrumento de coleta de dados**

Para a coleta de dados foi utilizada a “Técnica Projetiva Desenho-Estória” baseada em um tema (COUTINHO, 2005). Esta técnica proporciona um amplo campo de interpretação no resgate do inconsciente do indivíduo, uma vez que busca compreender o sujeito a partir do porquê realiza aquela ação, quando faz e de que forma (FORMIGA; MELLO, 2000), assim como particularidades na busca de conteúdos velados, não conscientes (mentais, emocionais), sobretudo quando o fenômeno em estudo é inerente ao imaginário e/ou encontra dificuldade para ser manifestado, mas que, através desse processo, pode ser emergido (RIBEIRO; COUTINHO; NASCIMENTO, 2010).

Para a operacionalização da coleta foi necessária a divisão em etapas, as quais somaram, em média, 45 minutos para conclusão. Inicialmente, os objetivos e as finalidades da pesquisa foram explicados, assegurando o livre arbítrio e anonimato dos participantes. Foi informado aos alunos sobre o campo da violência entre pares, assim como a contribuição deles ajudando a buscar soluções para os problemas desta área.

Permaneceram nas salas apenas os estudantes que aceitaram participar do estudo; as cadeiras foram organizadas equidistantes, mantendo-se privacidade entre estudantes, os quais receberam papel sulfite em branco e caneta e foram orientados para, inicialmente, realizarem um desenho que representasse a violência entre amigos; em seguida, escrevessem uma estória com base no desenho, com início, desenvolvimento e fim; e, por último, atribuíssem um título ao “desenho-estória”.

Com o intuito de garantir sigilo e confidencialidade, os participantes foram instruídos a não identificarem os documentos. Os professores não permaneceram no ambiente durante a

aplicação, assegurando a liberdade de expressão. Já os pesquisadores se mantiveram em local neutro, disponíveis para dirimir dúvidas. Ao final, os jovens depositaram os instrumentos em urna lacrada, para esta finalidade.

A coleta dos dados foi realizada em 2018, pela equipe do NNEPA, treinada com criterioso procedimento técnico. A coleta foi agendada pelas escolas, com a definição de turmas e apoio da direção, visando não interferir nas atividades dos alunos. Durante a aplicação verificou-se envolvimento positivo dos estudantes, os quais foram tranquilizados no sentido de que ficassem à vontade para utilizarem a criatividade da melhor forma possível.

### **3.5 Análise de dados**

Para realização da análise e consequente interpretação do material empírico coletado, os resultados encontrados nos desenhos, nas estórias e na interrelação entre ambos foram considerados por serem processos independentes fundamentais para compreensão do fenômeno em estudo. Os desenhos foram observados como complementação ao texto, mas não foi realizada análise dos mesmos por ser de competência exclusiva de profissionais da área de Psicologia, sendo que o processo analítico levou em conta as “estórias” e seus respectivos “temas”.

Seguindo o modelo proposto por Coutinho (2005), inicialmente foi realizada observação sistemática dos desenhos; em seguida, o agrupamento daqueles que apresentavam semelhanças gráficas e proximidades por tema e leituras flutuantes das estórias; posteriormente, categorização de correspondência dos desenhos-estórias, para análise e interpretação dos conteúdos temáticos, com a consequente criação das categorias. Importante destacar que as unidades temáticas que emergiram das estórias garantiram o máximo de fidedignidade ao material coletado.

Em seguida, foram realizados os procedimentos de análise de dados utilizando-se a “Análise de Conteúdo Temática /ACT” (BARDIN, 2011), visando a categorização das estórias e conteúdos temáticos. A “Análise de Conteúdo Temática” foi realizada por etapas, iniciando com a pré-análise dos desenhos-estórias, através da observação sistemática dos desenhos; em seguida a leitura flutuante das estórias (aprofundamento e interpretação) e o agrupamento por similaridade gráfica, para constituição do *corpus* inicial. Posteriormente, efetuou-se a exploração do material, com a elaboração da unidade de análise temática, constituição da unidade de contexto e respectivos núcleos de sentido (Apêndices C/E).

Durante a pré-análise houve uma primeira aproximação com o material coletado. O total inicial de participantes e o quantitativo final foram definidos, após a utilização dos

critérios de exclusão, sendo divididos em masculino e feminino. Em seguida, procedeu-se à leitura flutuante dos materiais coletados (observação dos desenhos e leitura reflexiva das estórias), o que ensejou as primeiras impressões dos documentos em relação ao objeto de estudo.

Para formação do *corpus* que compôs as análises foram observadas regras para as escolhas: exaustividade, homogeneidade e pertinência. Na exaustividade, todos os 334 desenhos-estórias foram contemplados através de leitura reflexiva e extração das informações essenciais para inserção em determinada categoria. Com relação à homogeneidade, foram selecionados os desenhos-estórias que apresentaram similaridades, sendo priorizado o resultado final como um dos indicadores dessa convergência. Por fim, buscou-se a pertinência, ao eleger os grupos de composição, com base nos resultados apresentados por cada conjunto. Em seguida, para melhor exploração do material, foi estabelecida a decomposição do *corpus* e agrupamento em subcategorias e categorias, as quais foram validadas para compor unidades de análise.

Na última fase da pré-análise foram reunidas informações relevantes extraídas da leitura reflexiva e exaustiva dos textos e observação dos desenhos, levando em consideração os resultados relatados. Para facilitar a interpretação das dinâmicas relacionais de cada categoria foi essencial a construção dos componentes de análise, os quais possibilitaram que o material fosse explorado de maneira consistente, permitindo tratamento efetivo dos dados.

Durante as atividades desenvolvidas na pré-análise pôde ser verificado que as dinâmicas relacionais das estórias e dos desenhos apresentavam direcionamentos recorrentes para algumas situações: violência psicológica, sobretudo o *bullying*; agressão física; agressão verbal; e violência fatal. Esses direcionamentos serviram de base para a elaboração das categorias, as quais foram divididas em três, com possibilidades de análises segmentadas e/ou conjuntas para melhor compreensão do fenômeno, conforme descrito a seguir:

**Quadro 1** – Categorias. Estudantes de escolas públicas, Feira de Santana, Bahia.

Categoria		Participantes	%
A	Violência Psicológica-Verbal	94	44,1%
B	Violência Física	85	39,9%
C	Percepção de Consequência Fatal	34	16%
Total		213	100%

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Importante destacar que, para o presente estudo, foram selecionados 213 desenhos-estórias, tendo sido os demais excluídos pelo fato de não terem respondido o instrumento e/ou por conta de ausências de informações; não fizeram referência ao tema em estudo; utilizaram linguagem simbólica e não compreensível; devolveram o instrumento sem a estória, apenas com o desenho. Do total selecionado, 83 participantes eram do sexo masculino e 130 eram do sexo feminino, representando 39% e 61% da amostra, respectivamente.

Urge salientar que, após a definição da ampla estrutura da unidade de análise descrita no Quadro 1, procedeu-se à elaboração dos quadros analíticos por categoria, os quais se encontram dispostos nos Apêndices G/L. Essa elaboração dos quadros analíticos por categoria embasou a inferência final e interpretação dos resultados.

As categorias apresentaram aspectos comuns, mas também diversas especificidades, as quais foram exploradas de forma minuciosa, individualmente. Esses achados encontram-se apresentados em formato de artigos científicos, compondo o capítulo de resultados da presente dissertação.

### **3.6 Aspectos Éticos**

A pesquisa possui autorização do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), através do Parecer nº 2.929.344 (Anexo A).

Para realização da coleta de dados, os pesquisadores contataram o Núcleo Regional de Educação de Feira de Santana (NRE 19), a fim de apresentarem o projeto; estabelecerem uma relação de confiança para o desenvolvimento em escolas da rede estadual de Feira de Santana; verificarem a viabilidade para a sua realização e, em seguida, solicitarem a relação de escolas e alunos da rede. Após a autorização para realização da pesquisa (Anexo B), foi elaborado ofício para os respectivos diretores apresentando os objetivos da pesquisa e agendando dia e hora para a realização da coleta.

Para estudantes menores de 18 anos participarem da pesquisa foi necessária a autorização dos pais ou responsáveis (Termo de Assentimento – Apêndice A), enquanto que, para os maiores, a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Apêndice B), tendo os referidos documentos seguido a recomendação da Resolução nº 466, de 12 de Dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012). Apenas após a autorização voluntária dos estudantes para participarem da coleta de dados e o rigoroso treinamento da equipe de coleta é que a mesma pôde ser realizada.

## 4 RESULTADOS

### 4.1 Artigo 1: Perfil da violência física e psicológica-verbal e sentimentos vivenciados na relação entre jovens e seus pares

#### Perfil da violência física e psicológica-verbal e sentimentos vivenciados na relação entre jovens e seus pares

Profile of physical and psychological-verbal violence and feelings experienced in the relationship between young people and their peers

Marcelle Esteves Reis Ferreira  
Maria Conceição Oliveira Costa

Instituição: Universidade Estadual de Feira de Santana\UEFS; Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva\PPGSC; Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência\NNEPA-UEFS

#### RESUMO

**Objetivo:** analisar o perfil da violência física e psicológica-verbal e sentimentos vivenciados no relacionamento entre jovens estudantes e seus pares. **Metodologia:** estudo de abordagem qualitativa envolvendo 334 adolescentes de 15 a 24 anos, ambos os sexos, utilizando amostragem não probabilística de estudantes de nove escolas de grande porte selecionadas pela localização em área/região/bairro de alta densidade populacional e elevados índices de violência interpessoal, além de possuírem grande número de alunos matriculados, oriundos de distritos circunvizinhos a Feira de Santana/Bahia. Para coleta e análise de dados foram utilizadas, respectivamente, “Desenho-Estória com Tema” e “Análise de Conteúdo Temática”. Para este artigo foram analisadas as categorias “Violência Física” e “Violência Psicológica-Verbal”, com *corpus* constituído por 179 desenhos-estórias, em especial aqueles expressados nos núcleos de sentidos: “Perfil do Ato Violento” e “Sentimentos Vivenciados no Relacionamento”. **Resultados:** apesar da maioria dos participantes ser do sexo feminino, houve predomínio de agressores e vítimas do masculino. A violência psicológica foi perpetrada através de humilhação, com agressão verbal; e a violência física com “brigas” (embate corporal), uso de objetos e arma branca. A ausência de consequências ao agressor, bem como o término da amizade predominaram entre os relatos dos participantes, em oposição à retomada do relacionamento. Entre os agressores, o sentimento mais mencionado foi a raiva, sendo que ciúme e arrependimento ainda foram relatados nas categorias “Violência Física” e “Violência Psicológica-Verbal”, respectivamente. O sentimento de tristeza predominou entre vítimas de ambas as violências, ao tempo em que o medo foi relatado com alta frequência entre vítimas da violência física e o sofrimento, entre vítimas da violência psicológica-verbal. **Considerações Finais:** a violência entre pares é uma realidade no ambiente escolar e exige um plano pedagógico voltado para socialização inclusiva, transformando a escola mais interessante, segura e garantidora de uma aprendizagem significativa. Investimentos são indispensáveis para prevenção da violência e acompanhamento dos envolvidos, vislumbrando que a escola atue de forma eficiente na formação de jovens preparados para o exercício pleno da cidadania.

**Palavras-Chave:** Adolescentes. Violência entre pares. Escola. Educação.

## ABSTRACT

**Objective:** to analyze the profile of physical and psychological-verbal violence and feelings experienced in the relationship between young students and their peers. **Methodology:** a qualitative study involving 334 adolescents aged 15 to 24 years, both sexes, using non-probabilistic sampling of students from nine large schools selected by the location in an area/region/neighborhood with high population density and high rates of interpersonal violence, besides having a large number of enrolled students from districts surrounding the Feira fair of Santana/Bahia. For data collection and analysis, "Cartoon-Story with Theme" and "Thematic Content Analysis" were used, respectively. For this article, the categories "Physical Violence" and "Psychological-Verbal Violence" were analyzed, with a corpus consisting of 179 story-drawings, especially those expressed in the nuclei of meanings: "Profile of the Violent Act" and "Feelings Experienced in the Relationship". **Results:** although the majority of the participants were female, there was a predominance of aggressors and victims of the male. Psychological violence was perpetrated through humiliation, with verbal aggression; and physical violence with "fights" (body clash), use of objects and melee weapon. The absence of consequences to the aggressor, as well as the end of the friendship predominated among the participants' reports, as opposed to the resumption of the relationship. Among the aggressors, the most mentioned feeling was anger, and jealousy and regret were still reported in the categories "Physical Violence" and "Psychological-Verbal Violence", respectively. The feeling of sadness predominated among victims of both violence, at a time when fear was reported with high frequency among victims of physical violence and suffering, among victims of psychological-verbal violence. **Final Considerations:** peer violence is a reality in the school environment and requires a pedagogical plan aimed at inclusive socialization, transforming the school more interesting, safe and guaranteeing meaningful learning. Investments are indispensable for the prevention of violence and monitoring of those involved, envisioning that the school acts efficiently in the training of young people prepared for the full exercise of citizenship.

**Key-Words:** Teens. Peer violence. School. Education.

## INTRODUÇÃO

Episódios de violência envolvendo o contexto escolar têm apresentado grande repercussão em todo o mundo. No Brasil, em março de 2019, cinco estudantes e duas funcionárias do Colégio Estadual Raul Brasil, em Suzano, São Paulo, foram assassinadas dentro da unidade de ensino por um jovem de 17 anos e um adulto de 25 anos que cometeram suicídio em seguida. Em 2011, no Rio de Janeiro, 12 estudantes morreram e outros 13 ficaram feridos, na Escola Municipal Tasso da Silveira, em Realengo. O atirador, que já tinha estudado no Colégio, cometeu suicídio após ser cercado pela polícia. Ambos fatos foram noticiados em diversos meios de comunicação, tanto nacionais, quanto internacionais.

Denomina-se violência escolar, de acordo com Priotto e Boneti (2009, p. 162-163),

(...) todos os atos ou ações de violência, comportamentos agressivos e antissociais, incluindo conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, marginalizações, discriminações, dentre outros praticados por, e entre, a comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, familiares e estranhos à escola) no ambiente escolar.

Segundo Libardi e Castro (2014), verifica-se o crescente aumento da violência entre pares no contexto escolar, a qual evidencia tensões no convívio diário entre jovens e sinaliza aspectos internos do próprio funcionamento de um grupo. Ao mesmo tempo, também mostra como um grupo se diferencia de outros no que diz respeito às suas filiações, identificações e sentimento de pertença.

A violência entre pares no contexto escolar não está associada a um fator exclusivo, pois envolve o espaço social onde a unidade de ensino está inserida; as experiências anteriores de vitimização e exposição à violência (ex.: pais violentos um com o outro, ser vítima de maus tratos/negligência/abandono pelos responsáveis, aceitação da violência como algo possível e natural entre os parceiros, etc.); a postura da direção e dos professores da escola, frente às situações de violência; a atitude do Poder Público, no que tange à educação e à escola, entre outros fatores (DOS SANTOS; MURTA, 2016).

Nesse sentido, importante destacar que, em se tratando de violência, seja qual for a natureza e independente do lugar onde é manifestada, necessário observar os elementos que compõem o contexto relacional do fenômeno, além das consequências imediatas, especialmente quando o assunto é violência sofrida e/ou perpetrada por jovens. Dessa forma, para tentar compreender a violência entre pares é necessário conhecer o perfil do ato violento, sobretudo no que diz respeito ao sexo do agressor e da vítima, quais os meios utilizados para a

concretização da violência e as consequências ao agressor e/ou à relação de amizade, bem como os sentimentos envolvidos na relação.

Ausência de denúncias às autoridades competentes, omissão das vítimas e/ou daqueles que testemunharam os atos violentos, muitas vezes transvestidos de brincadeiras, contribuindo para a naturalização e conseqüente banalização da violência, acrescentado das consequências à saúde e à educação dos envolvidos no ato violento formam uma rede de informações de extrema relevância para a reflexão acerca da problemática, elaboração e adoção de atitudes que venham a diminuir a ocorrência de violência entre pares no contexto escolar.

Discutir esta temática se torna ainda mais indispensável num momento em que a substituição gradativa dos interesses coletivos pelos padrões individuais em nossa sociedade vem tornando cada vez mais desafiadora a convivência baseada no respeito e na solidariedade. Neste cenário, se faz primordial o resgate de valores e das formas de mediação de conflitos, no ambiente escolar, a fim de que seja garantida a aprendizagem significativa, no que tange à formação do estudante de maneira holística, enquanto ser integral, sujeito veiculador de valores, além dos aspectos da formação acadêmica, dotada de conteúdo formal. É importante destacar que a educação para a vida ultrapassa as paredes da instituição de ensino, já que a escola é uma extensão do que existe fora dela, portanto é necessário o esforço social conjunto no sentido de garantir uma educação para a paz e não à violência, contribuindo com a elaboração de políticas voltadas para a prevenção e enfrentamento em favor de atitudes promotoras da paz.

Assim, diante da magnitude e dos efeitos da temática, esse estudo tem como objetivo analisar o perfil dos atos de violência física e psicológica-verbal e sentimentos vivenciados no relacionamento entre jovens estudantes e seus pares.

## **METODOLOGIA**

Estudo de abordagem qualitativa, caráter exploratório, realizado em Feira de Santana, Bahia, Brasil, com jovens na faixa de 15 a 24 anos, ambos os sexos, que investiga atitudes e comportamentos violentos de jovens com seus pares. Como *locus* do estudo utilizou-se uma amostragem baseada em nove escolas públicas estaduais localizadas na referida cidade, ao tempo em que os sujeitos do estudo foram os estudantes de tais unidades de ensino.

A amostra global não probabilística do projeto constou com nove escolas, as quais foram selecionadas a partir dos seguintes critérios: localização em área/região/bairro com elevados índices de violência interpessoal e alta densidade populacional, além de grande

número de alunos matriculados oriundos de distritos circunvizinhos a Feira de Santana. A amostra contemplou 334 estudantes devidamente matriculados nas referidas escolas, que se encontravam em sala de aula no momento da coleta dos dados e aceitaram participar da pesquisa. A coleta foi executada pela equipe do NNEPA/UEFS, conforme data previamente agendada pela direção escolar e nas turmas que foram disponibilizadas para participação na pesquisa.

A “Técnica Projetiva Desenho-Estória” baseada em um tema (COUTINHO, 2005) foi utilizada para coleta de dados, por permitir expressões subjetivas, minimizando superação das censuras, favorecendo a apreensão das projeções mentais e acesso aos estereótipos sociais partilhados pelos membros do grupo (AIELLO-VAISBERG, 1995).

A operacionalização da coleta foi desenvolvida em etapas. Aqueles que aceitaram participar permaneceram em sala de aula para receber instruções, sendo-lhes oferecido papel sulfite em branco e caneta. Em seguida, foi orientado que realizassem um desenho a partir do seguinte estímulo: “desenhe algo que represente a Violência entre Amigos”; posteriormente, foi solicitado que elaborassem uma estória com base no desenho, com um conteúdo que apresentasse um início, desenvolvimento e fim. E, por último, orientou-se que designassem um título ao “desenho-estória”. O tempo médio que os participantes levaram para concluírem a atividade foi cerca de 45 minutos.

Os participantes foram informados que os documentos não deviam ser identificados, sendo garantido total sigilo e confidencialidade. Durante a aplicação do instrumento, os professores não permaneceram no ambiente, garantindo a liberdade de expressão quanto ao seu preenchimento. A organização das salas obedeceu a equidistância entre cadeiras, mantendo-se privacidade entre os estudantes. Os pesquisadores mantiveram-se em local neutro do ambiente, disponíveis para esclarecimentos. Ao final, os instrumentos não identificados foram depositados pelos próprios jovens em uma urna lacrada, disponibilizada para esta finalidade. Para os estudantes menores de 18 anos foi solicitada autorização dos pais ou responsáveis (Termo de Assentimento) e, para os maiores, a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde / Ministério da Saúde (BRASIL, 2012).

Para a análise do material empírico foi utilizado o modelo proposto por Coutinho (2005): observação sistemática dos desenhos; agrupamento por semelhanças gráficas e por tema; leituras flutuantes das unidades temáticas; categorização dos desenhos-estórias, para análise e interpretação, o que originou as seguintes categorias: “Violência Psicológica-Verbal” (n = 94); “Violência Física” (n = 85); e “Percepção de Consequência Fatal” (n = 34).

Salienta-se que, do total de 334 participantes, 213 compuseram a amostra final, tendo sido os demais excluídos pelo fato de não fazerem referência ao tema de estudo ou apresentarem informações insuficientes; terem utilizado linguagem simbólica e não compreensível; e/ou devolverem o instrumento sem a estória, apenas com o desenho. Importante destacar que as unidades temáticas que emergiram das estórias garantiram o máximo de fidedignidade ao material coletado.

Em seguida, foram realizados os procedimentos de análise de dados utilizando-se a “Análise de Conteúdo Temática /ACT” (BARDIN, 2011), visando categorização das estórias e conteúdos temáticos a partir das seguintes etapas: pré-análise dos desenhos-estórias, leitura flutuante das estórias (aprofundamento e interpretação) e agrupamento por similaridade gráfica, para constituição do *corpus* inicial; exploração do material, com elaboração da unidade de análise temática e da unidade de contexto, com respectivos núcleos de sentido.

Na análise geral dos desenhos-estórias foram identificadas três categorias e três núcleos de sentido, os quais foram analisados e interpretados em etapas, integrando três artigos científicos, considerando a importância de apresentar os resultados e discuti-los adequadamente, por conta dos limites (caracteres e palavras) estabelecidos nos periódicos científicos, conforme normas específicas de publicação. Para este artigo foram utilizadas as categorias “violência psicológica-verbal” e “violência física”, em especial os núcleos de sentidos relacionados ao “Perfil do Ato Violento” (PAV) e “Sentimentos Vivenciados no Relacionamento” (SVR), seguindo os preceitos analíticos das técnicas supracitadas, com observação e análise sistemática de 179 desenhos-estórias selecionados. Importante destacar que as categorias foram elencadas empiricamente, advindas dos dados coletados.

Foi considerada a definição de *juventude* da Organização das Nações Unidas (ONU), a qual compreende os indivíduos entre 15 e 24 anos de idade (CUNHA; CALVANO; LEITE, 2014). Para o conceito de *pares* foi utilizado o critério de Libardi e Castro (2014), o qual considera como pares os amigos da escola, pessoas que passam mais tempo juntos na escola compartilhando experiências escolares cotidianas.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética através do Parecer n° 2.929.344, conforme regulamentação da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012).

## RESULTADOS

Para este artigo, que trata da análise das categorias “violência psicológica-verbal” e “violência física”, participaram 179 estudantes, sendo 114 do sexo feminino e 65 do

masculino, na faixa etária de 15 a 24 anos. A categoria “percepção de consequência fatal”, verificada em 34 desenhos-estórias que compuseram a amostra, será analisada em outro artigo.

A essência dos resultados foi expressa através de três núcleos de sentidos: “Perfil do Ato Violento” (PAV); “Fatores Precedentes às Atitudes Violentas” (FPAV) e “Sentimentos Vivenciados no Relacionamento” (SVR). Cada núcleo de sentido representou um grupo de “Desenhos-Estórias com Tema”, sintetizando o procedimento nominado de “Agrupamento por Similaridade”. No presente artigo são abordados o “Perfil do Ato Violento” e os “Sentimentos Vivenciados no Relacionamento”, das categorias Violência Psicológica-Verbal e Violência Física (Quadro 1). O núcleo “Fatores Precedentes às Atitudes Violentas” integra outro artigo.

**Quadro 1** – Categorias Violência Psicológica-Verbal e Violência Física e Núcleos de Sentido Perfil do Ato Violento e Sentimentos Vivenciados no Relacionamento. Estudantes de escolas públicas, Feira de Santana, Bahia.

Categorias	Núcleos de Sentido					
	Perfil do Ato Violento (PAV)				Sentimentos Vivenciados no Relacionamento (SVR)	
	Agressor(a)	Vítima	Meio usado	Consequências	Agressor(a)	Vítima
Violência Psicológica – Verbal	Masculino (58,5%)	Masculino (56,4%)	Agressão Verbal	Nenhuma ao(à) agressor(a)	Raiva	Tristeza
	Feminino (41,5%)	Feminino (43,6%)	Humilhação (exclusão)	Término da amizade	Arrependimento	Sofrimento
Violência Física	Masculino (84,7%)	Masculino (78,8%)	Violência Psicológica-Verbal Agressão Física (briga)	Nenhuma ao(à) agressor(a) Término da amizade	Raiva	Tristeza
	Feminino (15,3%)	Feminino (21,2%)	Arma branca	Resgate da amizade	Ciúmes	Medo

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Inicialmente, ressalta-se que o núcleo de sentido PAV apresentou quatro subnúcleos, quais sejam: “Sexo do(a) agressor(a)”; “Sexo da vítima”; “Meio usado para o ato de violência”; e “Consequências ao(à) agressor(a) e/ou à relação de amizade”.

A análise dos desenhos-estórias que integram o núcleo de sentido PAV revelou que a maioria dos participantes era do sexo feminino, totalizando 64 casos relacionados à violência psicológica-verbal e 50 casos de violência física, representando 68,1% e 58,8%, respectivamente. No entanto, apesar do domínio de participantes do sexo feminino, em ambas as categorias de violência o agressor foi, predominantemente, masculino, correspondendo a 55 casos de perpetração por violência psicológica-verbal (58,5%) e 72 casos de violência física (84,7%). A predominância masculina também foi verificada entre as vítimas, sendo 53 casos de violência psicológica-verbal (56,4%) e 67 casos de violência física (78,8%).

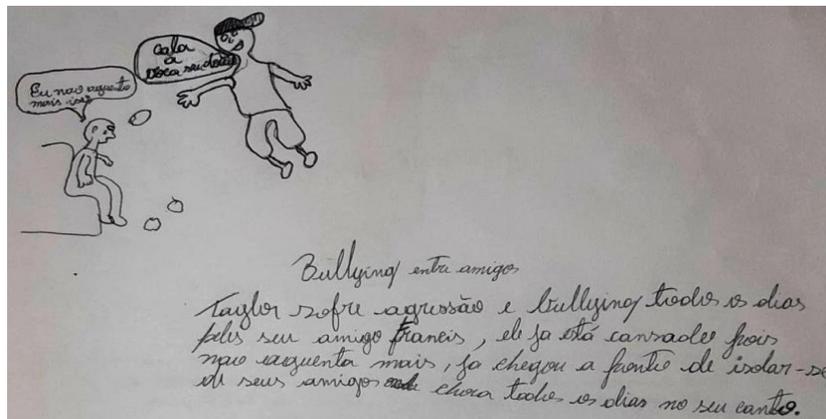
Para os relatos de violência física, os participantes do masculino revelaram que a totalidade dos perpetradores era do mesmo sexo, enquanto entre estudantes do feminino isto

ocorreu em 76% dos casos. Para esta mesma violência, os estudantes masculinos relataram 97,1% das vítimas do mesmo sexo e apenas um caso do feminino. O sexo feminino relatou que 66% das vítimas eram do masculino.

A violência psicológica-verbal foi perpetrada pelo masculino em 84,4% dos casos, segundo relatos dos estudantes do mesmo sexo, enquanto que, no feminino, este mesmo relato ocorreu em 39,4%. Entre os estudantes do masculino, 90% das vítimas foram do mesmo sexo, entretanto, no feminino, apenas 39,1% das vítimas eram do masculino.

No que tange aos meios utilizados para o ato de violência, verificou-se que a violência psicológica-verbal foi manifestada através da humilhação e outras agressões, sobretudo com insultos e discussões (Figura 1).

**Figura 1** – Desenho-estória representativo de humilhação, com agressão verbal.



**Fonte:** Participante do estudo.

Para a violência física, os estudantes explicitaram a presença de “brigas” (embate corporal) e uso de objetos, como pedras, barra de ferro, assim como de armas brancas (faca), como ferramentas para ferir o outro (Figura 2).

**Figura 2** – Desenho-estória representativo de “briga”, com uso de arma branca (faca).



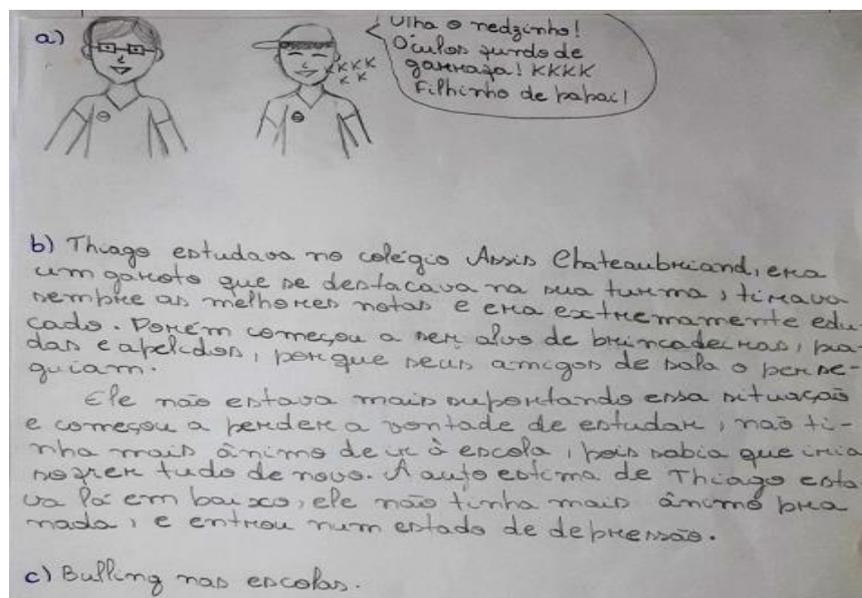
**Fonte:** Participante do estudo.

Segundo os estudantes, não foram relatadas consequências para o agressor com frequência, tanto na violência psicológica-verbal, quanto física. Em ambas as categorias, a principal consequência para a relação de amizade foi o seu término, muito embora a retomada do relacionamento amigável tenha sido citada nos casos que culminaram com violência física, envolvendo nesses casos um pedido de desculpas pelo acontecimento.

No que tange ao subnúcleo “Sentimentos Vivenciados no Relacionamento” (SVR), a análise dos desenhos-estórias que compuseram as categorias violência psicológica-verbal e violência física e mostrou similitude quanto ao sentimento de raiva, oriundo do agressor, e tristeza, enquanto sentimento da vítima.

Ainda em relação aos sentimentos de vítimas e agressores envolvidos no ato violento, foi verificado que, na violência física, o ciúme apareceu como sentimento do agressor, englobando paixão e obsessão, enquanto o medo, envolvendo desespero, foi relatado com frequência como sentimento da vítima. Na violência psicológica-verbal, o arrependimento, contemplando o perdão, também foi mencionado como sentimento do agressor, enquanto o sofrimento, envolvendo solidão e rejeição, foi relatado com alta frequência entre os sentimentos da vítima (Figura 3).

**Figura 3** – Desenho-estória representativo de sofrimento e solidão.



**Fonte:** Participante do estudo.

Destaca-se que, em ambas as categorias de violência, a raiva envolveu ódio, revolta e vingança. Na violência física, a irritação, ira e fúria também foram citadas; enquanto que, na violência psicológica-verbal, o repúdio e a indignação fizeram parte dos relatos dos participantes. A tristeza, acompanhada de choro, enquanto sentimento da vítima, foi

manifestada nas duas categorias, sendo que, na violência física, houve relato de decepção e, na violência psicológica-verbal, relato de mágoa.

## DISCUSSÃO

### Perfil do Ato Violento (PAV)

Para analisar a relação do sexo dos envolvidos em atos violentos com os tipos de violência perpetrada e sofrida foi necessário adentrar à discussão dos subitens sexo do(a) agressor(a) e da vítima, assim como os meios usados para perpetrar a violência, integrantes do núcleo de sentido “Perfil do Ato Violento” (PAV), em ambas as categorias de violência estudada. Dessa forma, a partir da análise dos desenhos-estórias que integram o núcleo de sentido PAV, foi possível observar que mais de 60% dos participantes eram do sexo feminino. No entanto, apesar da maioria ser do feminino, os relatos demonstraram que, tanto agressor, quanto vítima de violência entre jovens e seus pares, foram, predominantemente, masculino, o que ratifica grande número de estudos acerca do tema no que diz respeito ao agressor ser masculino (ESPINHEIRA; JÓLLUSKIN, 2009; CEREZO; ATO, 2010; AGUIAR; BARRERA, 2017; ROSÁRIO; CANDEIAS; MELO, 2017).

No que concerne à configuração do ato de violência, os resultados encontrados na presente pesquisa corroboram com os achados de estudo realizado em Porto Alegre (Rio do Grande do Sul), onde foi verificada associação entre gênero feminino e agressão verbal e o gênero masculino e agressão física (LISBOA, 2001); assim como dados do relatório mundial da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) acerca da violência escolar e *bullying*. Este documento faz referência à Pesquisa Global de Saúde do Escolar, a qual demonstrou que o masculino é mais propenso a relatar brigas, comparado ao feminino e que isso seria um padrão geralmente observado em todas as regiões. Neste relatório foram apresentados dados de pesquisa realizada nos Estados Unidos, segundo a qual o masculino teria mais inclinação a sofrer violência física cometida por outros estudantes, além de revelar informações de outro estudo, realizado em Malta, no qual mais de 60% dos praticantes do *bullying* eram do gênero masculino; 30% do feminino relatou usar violência física; 43% deles e 26% delas afirmaram isolar outros colegas (UNESCO, 2019).

Os estudos de Rosário, Candeias e Melo (2017) também demonstraram que o gênero masculino tende a se envolver em situações de violência com maior gravidade, com ações mais expansivas, em comparação com o feminino, o que repercute no fato daqueles estarem mais inseridos em acontecimentos de *bullying* físico, tanto como agressores, quanto como vítimas, enquanto que o feminino se envolve mais em situações de *bullying* indireto. Muitas

vezes os atos acontecem de forma direta, podendo envolver chutes, socos, empurrões, etc., como foi observado no presente estudo, no qual verificou-se que agressores masculinos se valeram, sobretudo, do embate corporal (“briga”) e utilização de objetos para ferir o outro, como pedra, barra de ferro e faca (arma branca). Pesquisadores associam esta característica à constituição biológica (JABES; COSTA, 2013), aliada a uma herança da cultura patriarcal, hierarquizada, pela sobreposição do masculino, numa espécie de transmissão intergeracional da violência, com a reprodução de comportamentos agressivos (OLIVEIRA *et al.*, 2014).

Por outro lado, as ações violentas cometidas pelas jovens, em diversas oportunidades, passam despercebidas, posto que apresentam sutileza nas suas agressões, demonstradas de forma indiretamente, através de intrigas, fofocas, manipulações das relações de amizade, exclusões, entre outros. No presente estudo este comportamento foi observado, tendo o sexo feminino se utilizado, principalmente, da humilhação, com insultos e discussões, para perpetrar a violência psicológica-verbal. Muitas vezes, por se tratarem de formas indiretas de agressões, costumam ser de difícil identificação na prática, por acontecerem dentro do próprio núcleo de amizade, como destaca Pereira (2011, p. 70-71) ao apresentar como característica das agressões cometidas pelo gênero feminino aquelas relacionadas ao “(...) dizer mal da colega, a qual na maioria das vezes não está presente, mas virá a sofrer as consequências psicológicas resultantes daquilo que foi falado no grupo”. Segundo Jabes e Costa (2013), isso acontece, possivelmente, porque a sociedade atribui às mulheres a característica de “sexo frágil”, o que repercute na necessidade de transmitir um papel de “meiga”, “delicada”, até mesmo na forma de cometer atos violentos.

Estudiosos destacam que a expressão das normas de gênero tradicionais repercute na percepção de que a violência psicológica é mais usual entre mulheres, tendo em vista que, desde crianças, são estimuladas a falarem sobre seus sentimentos e expressarem a raiva verbalmente, o que, para os homens, seria algo rechaçado socialmente, sendo que a raiva e outros sentimentos negativos advindos de um conflito são externados através da força física (OLIVEIRA *et al.*, 2014). Entretanto, tanto a violência física, quanto a psicológica-verbal acometem os jovens, “(...) não se devendo ignorar a violência física entre meninas ou a psicológica entre meninos ao se monitorar a abrangência e prevalência da violência escolar e do *bullying*” (UNESCO, 2019, p. 18). Na presente pesquisa este comportamento com diferenças segundo os sexos foi observado, sendo que, apesar da predominância do masculino, houveram relatos de violência física e psicológica-verbal perpetrada e sofrida por ambos os sexos, como informado anteriormente.

Interessante ressaltar que as possibilidades de comportamento agressivo sofrem alterações durante o desenvolvimento biopsicossocial. Quando mais jovens, há maior predomínio da agressão física, entretanto com o desenvolvimento das habilidades verbais e o amadurecimento psicológico, as conquistas passam a ser utilizadas também para fins agressivos (SILVA *et al.*, 2012). Alguns autores justificam a redução no número de vítimas, com o avançar da escolaridade, em decorrência do aumento da competência social dos estudantes para lidar com situações potencialmente estressoras (estratégias de *coping*) e diminuição da vulnerabilidade para ocorrências de maus tratos (CÂMARA; SARRIERA; CARLOTTO, 2007). No presente estudo não foi verificada correlação entre idade cronológica e comportamento agressivo.

No que tange à violência de gênero, a qual é exercida “(...) como resultado das normas de gênero e atitudes tácitas ou inconscientes, que viabilizam os estereótipos e são reforçadas por dinâmicas desiguais de poder” (UNESCO, 2019, p. 18), não foi verificada a sua ocorrência na presente pesquisa no que diz respeito ao controle do masculino sobre o feminino, com exceção de um caso de violência sexual, explicitado por uma jovem. No entanto, foram observados relatos das participantes femininas relacionados à intolerância à orientação sexual como fator precedente à violência física.

Diante do exposto, resta evidente a necessidade de investimentos urgentes do Poder Público e dos diferentes setores sociais no que concerne à dinâmica operacional da escola, considerando a importância dessa instância enquanto núcleo primário de formação e socialização do sujeito, especialmente de jovens.

No que concerne ao subitem relacionado às consequências do ato violento para a relação, observou-se entre os jovens de Feira de Santana que o término da amizade foi o relato com mais alta frequência, o que demonstra dificuldades para superar a violência sofrida, requerendo ações direcionadas à pacificação, frente às atitudes abusivas e conflitos de jovens com seus pares. A retomada do relacionamento amigável foi citada apenas nos casos que culminaram em violência física, sobretudo pelos meninos, envolvendo nessas situações um pedido de desculpas pelo acontecimento.

Em relação às consequências para o agressor, os relatos dos participantes do presente convergem, em sua maioria, no sentido de negarem qualquer tipo de punição ao perpetrador da violência, o que contribui para a falta de denúncia das vítimas e observadores e à consequente banalização da violência. Esses achados estão de acordo com o relatório da UNESCO sobre a situação mundial da violência escolar e o *bullying*, o qual atribui tal fato à ausência de confiança nos adultos (incluindo professores), medo de retaliações (autoproteção)

e/ou de serem desacreditados, além dos sentimentos de vergonha, culpa ou confusão e da falta de informação acerca dos procedimentos para solicitarem ajuda (UNESCO, 2019).

O silêncio das vítimas e dos observadores do ato violento não só reforça, como estimula o comportamento dos agressores. Estudiosos destacam que um dos motivos para os estudantes não denunciarem os autores do ato violento é a descrença na resolução do problema, caso contem para os adultos da escola, optando por ignorar os fatos (PRODÓCIMO *et al.*, 2013). A vontade de melhorar sua posição perante os seus pares, se aproximando do agressor, detentor do poder, também é sinalizada por Salmivalli e Peets (2010) como um empecilho para a denúncia da ação violenta.

Merece atenção o fato de que o comportamento daqueles que testemunham atos de violência é de extrema relevância, posto que podem reforçar as atitudes violentas, achando engraçado ou se mantendo omissos e indiferentes. A omissão tem sido corriqueira entre os observadores de atos violentos, numa espécie de “aprovação silenciosa”, conforme estudo de Aguiar e Barrera (2017), o qual destaca que tal fato repercute de maneira negativa, já que a omissão e consequente banalização da violência não contribuem para a diminuição do problema e acabam atingindo as próprias testemunhas, sobretudo em sua formação psicológica e moral por conta da sensação de desrespeito, impunidade e insegurança.

Nesse sentido, foi observado, através dos relatos dos participantes, que a banalização de ações violentas passa a ser incorporada naturalmente no cotidiano escolar, reproduzindo o mesmo comportamento que ocorre na sociedade como um todo (RISTUM *et al.*, 2019). Muitas vezes denominadas de “brincadeiras”, as intimações entre pares passam a ser consideradas como partes inerentes à adolescência, provocando o desrespeito e falta de sensibilidade ao sofrimento, bem como a ausência de limites e de responsabilidade pelos atos praticados (CAMACHO, 2001).

Em reiteradas ocasiões a “brincadeira” é expressa de maneira sutil e dissimulada pela relação de amizade entre agressor, vítima e observadores. Diversos são os estudos que demonstram que a agressão verbal, representada através de insultos e formas de tratamento que humilham as vítimas, como apelidos que as ridicularizam, é comportamento frequente entre os estudantes, muitas vezes camuflado sob o rótulo de “brincadeira” (PRODÓCIMO *et al.*, 2013; LIBARDI; CASTRO, 2014).

Importante destacar que a naturalização da violência não impede o desconforto causado pelas experiências violentas e a omissão da vítima e observadores frente a tais ações favorece o surgimento de comportamentos ainda mais agressivos. Nascimento e Menezes (2013) destacam que a desinformação entre os docentes acerca das expressões e tipos de violências vivenciadas no

espaço escolar também colabora para naturalizá-la, nesse contexto de desamparo e ausência de punição. Isso vai de encontro ao entendimento dos estudantes acerca do papel importante desempenhado pelos educadores e à expectativa dos mesmos com relação à necessidade dos professores interferirem nos conflitos que ocorrem entre grupos de pares (LIBARDI; CASTRO, 2014).

Pelo exposto, entende-se como necessária a adoção de ações voltadas para um convívio pacífico e inclusivo no contexto escolar, propiciando um ambiente solidário entre jovens, através de práticas educacionais que possam promover responsabilidade individual e coletiva, estimulando mecanismos de resiliência pessoal e social entre os estudantes e seus pares.

### **Sentimentos Vivenciados no Relacionamento (SVR)**

Insta salientar que o núcleo de sentido SVR apresentou os subnúcleos relacionados aos sentimentos vivenciados pelo(a) agressor(a) e pela vítima. A partir da análise dos desenhos-estórias foi possível verificar que o sentimento de raiva foi relatado com alta frequência como vivenciado pelos perpetradores de violência física e psicológica-verbal, associado principalmente à revolta, ódio e vingança.

A raiva é um sentimento muito comum nos contextos de violência. Ela interfere na racionalidade das condutas e estimula a prática do ato violento por impulso, o que pode contribuir para os sentimentos de arrependimento, culpa e vergonha. Segundo Silva e colaboradores (2012), é importante compreender que, em muitos casos, comportamentos agressivos cercados por raiva são a expressão do sentimento de rejeição vivenciado por indivíduos com dificuldade de relacionamento interpessoal. Sendo um estado frequente, a raiva pode estar associada a processos depressivos e repercute, inclusive, no organismo daquele que a nutre, pois se manifesta com alteração no aspecto fisiológico, principalmente na respiração, mais ofegante; questão cardíaca, através de palpitação; além da questão da transpiração excessiva.

Ciúme, incluindo paixão e obsessão, foi relatado diversas vezes como sentimento vivenciado pelo agressor da violência física. Este sentimento pode ser manifestado através de uma ação objetiva direcionada a outra pessoa ou por mera suspeita de existência de rival real/imaginário. O ciúme envolve diversas emoções (tristeza, raiva, ansiedade) e comportamentos, a fim de tentar garantir exclusividade sexual e/ou afetiva em detrimento de possíveis atenções dispensadas a outros indivíduos (ex.: familiar, amigo, parceiro anterior)

que ameaçariam a referida exclusividade (CONCEIÇÃO; MARTINS; FREITAS, 2015; BITTAR; NAKANO, 2018).

Merece ressalva o fato que o ciúme foi reportado como sentimento tanto do agressor masculino, quanto feminino. Tal resultado demonstra que não somente as estudantes brigam por exclusividade afetiva, mas também os meninos se envolvem em contextos violentos de afirmações de controle/poder, justificando o comportamento do agressor na concretização da violência física.

Os participantes relataram, com alta frequência, que os perpetradores da violência psicológica-verbal se arrependeram, posteriormente à prática do ato violento, clamando pelo perdão das vítimas. Este arrependimento possui um lado negativo, já que surge a partir de uma atitude violenta, mas também um lado positivo, que diz respeito ao reconhecimento da ação indesejada e a vontade de ser perdoado pela vítima.

No que concerne aos sentimentos das vítimas, a tristeza – com manifestação de choro – foi relatada pelos participantes como experienciada em ambas as categorias, o que está de acordo com a pesquisa de Jabes e Costa (2013, p. 67), na qual as estudantes destacaram que “(...) todo o sofrimento que tiveram com as agressões, despertou alguns sentimentos que elas acham desagradáveis, tais como: mágoa, tristeza e aborrecimento”.

Nesse sentido, destaca-se que tal sentimento vai de encontro à importância do cotidiano escolar ser um ambiente alegre. A alegria facilita o processo de ensino-aprendizagem, promovendo uma experiência educativa de qualidade, além de permitir transformar a finalidade da escola no sentido do bem estar dos alunos, bem como fortalecer e estimular também a própria alegria de viver, pois uma escola triste contribui para uma vida triste. Segundo Abramovay (2006, p. 379), “(...) lutar pela alegria na escola é uma maneira de lutar pela mudança no mundo”.

As reações das vítimas de violência física mais informadas pelos participantes do presente estudo transitaram também pelo medo e o desespero, que englobam “(...) a percepção que se tem do mundo social, a capacidade de reação e a proteção de que se dispõe” (ABRAMOVAY, 2006, p. 276). Este achado está em consonância com o estudo de Santos e Grossi (2008), no qual 37,9% das vítimas informaram terem sentido medo e ficado assustadas com a ação violenta sofrida. Na pesquisa de Jabes e Costa (2013), os participantes destacaram que, após sofrerem as agressões, 31% dos meninos e 20% das meninas relataram ter sentido medo.

Segundo Teixeira e Porto (1998), a violência promove a base e o fortalecimento de um imaginário do medo e a escola está inserida neste contexto, tanto no que diz respeito à

sensação de insegurança e ameaças que estaria sujeita (vulnerabilidade imaginária), quanto como consequência da violência de algumas áreas urbanas, da precariedade da estrutura física que está instalada, da ausência e/ou insuficiência de vigilância e controle em seu espaço (vulnerabilidade real). O medo engloba também os professores, contribuindo para a omissão dos mesmos em situações de violência, seja para se protegerem, não correrem riscos, seja pelo sentido de impotência (ABRAMOVAY, 2006).

O sofrimento, associado à rejeição e à solidão, foi citado diversas vezes pelos participantes como experienciado pelas vítimas da violência psicológica-verbal. A prática da violência, seja ela de qual natureza for, promove sofrimento, além de afetar a saúde e diminuir as possibilidades de vida dos jovens. Ressignificar o sofrimento e superá-lo, desenvolvendo a resiliência, é o grande desafio para as vítimas de atos violentos.

A violência nas relações entre amigos pode trazer consequências danosas para a saúde desse grupo populacional, tanto do ponto de vista físico, quanto do bem-estar dos jovens envolvidos. Relatório da UNESCO (2019) acerca da situação mundial da violência escolar e *bullying* destaca que a exposição precoce à violência acarreta repercussões negativas ao organismo dos envolvidos, podendo comprometer o desenvolvimento intelectual e emocional, assim como outras partes do corpo, além de causar diversos tipos de problemas de saúde e sequelas. Ademais, as vítimas do *bullying* têm mais possibilidades de desenvolverem “(...) dificuldades interpessoais, depressão, solidão ou ansiedade, autoestima baixa, pensamentos suicidas ou a tentarem o suicídio” (UNESCO, 2019, p. 10).

Danos não fatais decorrentes da violência física são ferimentos dos mais diversificados, sendo que, aqueles oriundos de bala e traumas são mais sérios e podem levar à deficiência permanente, ou mesmo evoluir à óbito. No entanto, muitos problemas não são visíveis, como a adoção de comportamentos negativos relacionados à saúde, a exemplo do consumo de substâncias psicoativas, dificuldades para se alimentar e/ou dormir, além de consequências de ordem psicológica, como depressão, ansiedade, entre outros. Merece destaque, ainda, a gravidade do impacto educacional sobre as vítimas da violência escolar, sobretudo no que diz respeito ao absenteísmo, abandono da escola e baixo rendimento na aprendizagem. Isso porque aqueles que sofrem atos de violência podem resistir a frequentar a escola, por medo, bem como pelo comprometimento da capacidade de concentração em sala de aula e participação nas atividades escolares. Com isso, terão mais dificuldades para alcançarem o ensino superior, além de oportunidades futuras de emprego. Ressalta-se que a violência escolar não afeta somente aqueles que são vítimas diretas do ato violento. As testemunhas e o ambiente escolar, como um todo, também sofrem consequências, pois há uma

redução da qualidade da educação de forma geral, já que ambientes de aprendizagem inseguros criam um clima de medo e a percepção de que os professores não possuem controle ou não levam em consideração o bem-estar dos estudantes (UNESCO, 2019).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A violência entre amigos é uma realidade no contexto escolar e os achados do presente estudo colaboram para um melhor entendimento acerca de algumas características e dinâmica dos eventos violentos entre jovens e seus pares. Verificou-se predominância do sexo masculino, como perpetrador e vítima da violência física e psicológica-verbal. Esta foi demonstrada basicamente por humilhação, com agressão verbal (discussão e insulto); enquanto para a violência física foram as “brigas” (embate corporal), além da utilização de objetos (pedra, barra de ferro) e arma branca (faca).

A raiva se mostrou presente entre agressores, acrescentada de ciúme, na categoria violência física, e arrependimento, na psicológica-verbal. Entre as vítimas, os sentimentos mais citados foram tristeza, com percepção de choro, além de medo e sofrimento, nas categorias violência física e psicológica-verbal, respectivamente.

A naturalização da violência entre pares foi evidenciada, quando verificada a preponderância de relatos sobre ausência de consequências para os agressores, colocando em evidência a falta de denúncia dos atos violentos. A dificuldade de superação da violência e a necessidade de adoção de ações neste sentido foi observada, a partir do momento em que o término da amizade predominou entre os relatos dos participantes, em oposição à retomada do relacionamento.

Como consideração final, ressalta-se que esse contexto de violência repercute negativamente na saúde e na educação dos jovens envolvidos em episódios violentos, tanto na condição de agressores, quanto de vítimas e observadores.

Salienta-se que a convivência social pacífica, independente de sexo/gênero, raça, cultura e condição social constitui a base para a formação plena do cidadão, em acordo aos direitos fundamentais, com respeito, harmonia e bem estar entre os indivíduos. A pesquisa aponta a necessidade de implementação de um plano pedagógico amplo, voltado para a socialização inclusiva, transformando a escola em um ambiente mais atrativo e seguro para os jovens, garantindo uma aprendizagem significativa e comprometida com o bem estar individual e coletivo dos membros do universo escolar.

Ademais, vale ressaltar a importância do fortalecimento da família e da escola, instâncias responsáveis pelo processo primário de socialização e formação, bem como a

implementação de políticas públicas e investimentos sociais intersetoriais que possam contribuir com ações direcionadas à juventude, visando o convívio social saudável, respeitoso e amigável entre os pares, libertados do ciclo de vitimização/perpetração que envolve múltiplos aspectos sociais, culturais, econômicos e interpessoais.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam (coord.). **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO Brasil, 2006.

AGUIAR, Luis Gustavo Faria; BARRERA, Sylvia Domingos. Manifestações de Bullying em diferentes contextos escolares: um estudo exploratório. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, n. 3, p. 669-682, jul/set 2017.

AIELLO-VAISBERG, Tânia Maria José. O uso de procedimentos projetivos na pesquisa de representações sociais: projeções e transicionalidade. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 6, n. 2, p.103-127, 1995.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edição Revista e Ampliada. São Paulo: Edições 70, 2011.

BITTAR, Daniela Borges; NAKANO, Ana Márcia Spanó. *Symbolic violence among adolescents in affective dating relationships*. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 51, março/2018.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde**. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde. Brasília, 2012.

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 123-140, jan/jun 2001.

CÂMARA, Sheila Gonçalves; SARRIERA, Jorge Castellá; CARLOTTO, Mary Sandra. Fatores associados a condutas de enfrentamento violento entre adolescentes escolares. **Estudos de Psicologia**, v. 12, n.3, p. 213-219, dezembro/2007.

CEREZO, Fuensanta; ATO, Manuel. *Social status, gender, classroom climate and bullying among adolescents pupils*. **Anales de Psicología**, v. 26, n. 1, p. 137-144. 2010.

CONCEIÇÃO, Bruno Ricardo Trindade; MARTINS, Cíntia Ribeiro Martins; FREITAS, Renata Bastos. O ciúme romântico entre gêneros: uma visão sociopsicológica. **Revista Psicologia em Foco**, v. 7, n. 9, p. 53-66, 2015.

COUTINHO, Maria da Penha de Lima. **Depressão infantil e representação social**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2005.

CUNHA, Antônio; CALVANO, Luiza; LEITE, Álvaro. Prevenção, atenção e controle em saúde da criança e do adolescente. In: Jairnilson Silva Paim, Naomar de Almeida Filho (orgs). **Saúde Coletiva – Teoria e Prática**. Rio de Janeiro: MedBook, p. 541-553, 2014.

DA SILVA, Carla *et al.* Violência entre pares: um estudo de caso numa escola pública de Esteio/RS. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 16, n. 1, p. 83-93, jan/jun 2012.

DOS SANTOS, Karine Brito; MURTA, Sheila Giardini. Influência dos Pares e Educação por Pares na Prevenção à Violência no Namoro. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36 n. 4, p. 787-800, out/dez 2016.

ESPINHEIRA, Filipa; JÓLLUSKIN, Glória. Violência e bullying na escola: um estudo exploratório no 5º ano de escolaridade. **Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais**. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, p. 106-115, 2009.

JABES, Valéria Rodrigues Gimenes; COSTA, Jaqueline Batista de Oliveira. O Bullying Escolar na perspectiva do gênero masculino e feminino. 2013. **Colloquium Humanarum**, v. 10, n. 2, p. 63-78, jul/dez 2013.

LIBARDI, Suzana Santos. CASTRO, Lucia Rabello. Violências “sutis”: jovens e grupos de pares na escola. **Fractal, Revista de Psicologia**. v. 26, n. 3, 943-962, set/dez 2014.

LISBOA, Carolina Saraiva de Macedo. **Estratégias de coping e agressividade: um estudo comparativo entre vítimas e não vítimas de violência doméstica**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/1809/000308806.pdf?sequence=1&isAllowed=>. Acesso em: 29 Fev. 2020.

NASCIMENTO, Alcione Melo Trindade; MENEZES, Jaileila de Araújo. Intimidações na adolescência: expressões da violência entre pares na cultura escolar. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 1, p. 142-151, 2013.

OLIVEIRA, Queiti Batista Moreira *et al.* Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 3, p. 707-718, 2014.

PEREIRA, Fernando Oliveira. Especificidades psicológicas e comportamentais da violência, em particular entre pares na escola – *bullying*. **Cadernos de Investigação Aplicada**, v. 5, p. 55-103, 2011.

PRIOTTO, Elis Palma; BONETI, Lindomar Wesler. Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola. **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba, v. 9, n. 26, p. 161-179, Janeiro/Abril 2009.

PRODÓCIMO, Elaine *et al.* Os adolescentes brasileiros e a violência entre pares na escola: o fenômeno visto de dentro para fora. **Interacções**, n. 25, p. 202-225, 2013.

RISTUM, Marilena *et al.* Enfrentamento de violências e preconceitos nas escolas: com a palavra, os alunos. In: CARVALHO, Rosely Cabral de; SOUZA, Sinara de Lima; SANTOS

NETO, Paulo Amaro. **Violência nas escolas: do diagnóstico à intervenção**. Editora CRV, p. 363-381, 2019.

ROSÁRIO, Ana Cristina; CANDEIAS, Adelinda; MELO, Madalena. Violência entre pares na adolescência: Um estudo com estudantes no início e no final do 3.º ciclo do ensino básico. **Revista da Associação Portuguesa de Psicologia**, v. 31, n. 2, p. 57-68, 2017.

SALMIVALLI, Christina; PEETS, Kätlin. *Bullying en la escuela: un fenómeno grupal*. In: ORTEGA, Rosário (Ed.). *Agresividade injustificada, bullying y violencia escolar*. Madri: Alianza Editorial, p. 81-104, 2010.

SANTOS, Andréia Mendes; GROSSI, Patricia Krieger. Fenômeno Bullying: desvendando esta violência nas escolas públicas de Porto Alegre. **Revista Textos & Contextos**, v. 7, n. 2, p. 286-301, jul/dez 2008.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches Teixeira; PORTO, Maria do Rosário Silveira. *Violence, insecurity and “imaginary of fear”*. **Cadernos CEDES**. v. 19, n. 47, p.51-66, dez 1998.

UNESCO. **Violência escolar e bullying**: relatório sobre a situação mundial. Brasília: UNESCO Brasil, 2019.

## 4.2 Artigo 2: Fatores precedentes à violência física e psicológica-verbal entre jovens e seus pares

### Fatores precedentes à violência física e psicológica-verbal entre jovens e seus pares

Factors precedent to physical and psychological-verbal violence among young people and their peers

Marcelle Esteves Reis Ferreira  
Maria Conceição Oliveira Costa

Instituição: Universidade Estadual de Feira de Santana\UEFS; Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva\PPGSC; Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência\NNEPA-UEFS

#### RESUMO

**Objetivo:** analisar fatores precedentes à perpetração da violência física e psicológica-verbal nas relações de jovens escolares com seus pares. **Metodologia:** estudo de abordagem qualitativa utilizando amostragem não probabilística de 334 estudantes de 15 a 24 anos, ambos os sexos, matriculados em nove escolas de grande porte do município de Feira de Santana/Bahia, selecionadas pela localização em área/região/bairro de elevados índices de violência interpessoal, alta densidade populacional e grande número de alunos matriculados oriundos de distritos circunvizinhos a Feira de Santana/Bahia. Foram utilizadas, respectivamente, as técnicas “Desenho-Estória com Tema” e “Análise de Conteúdo Temática” para coleta e análise de dados. Para este artigo foram analisadas as categorias “Violência Física” e “Violência Psicológica-Verbal”, com *corpus* constituído por 179 desenhos-estórias, em especial aqueles expressados através do núcleo de sentido “Fatores Precedentes às Atitudes Violentas”. **Resultados:** *bullying*, intolerância à aparência física e racismo foram explicitados, em ambos os tipos de violência, como fatores preditores às agressões física e psicológica. Na categoria “Violência Física” destacaram-se, ainda, a intolerância à orientação sexual, com manifestações homofóbicas; a prática esportiva (futebol); o consumo de substâncias psicoativas (bebida alcoólica); e traição; enquanto que, na categoria “Violência Psicológico-Verbal”, a intolerância à condição financeira também foi preditora para violência. **Considerações Finais:** compreender fatores que antecedem eventos violentos entre jovens com seus pares auxilia a escola na adoção da educação inclusiva e equitativa, para assegurar aprendizagem respeitadora, eficiente e baseada no respeito recíproco. A educação para cidadania plena propicia conscientização e respeito às diversidades, estratégia fundamental à convivência pacífica, em especial ao desenvolvimento psicossocial de jovens.

**Palavras-Chave:** Adolescentes. Violência entre pares. Escola. Fatores Precedentes.

#### ABSTRACT

**Objective:** to analyze factors preceding the perpetration of physical and psychological-verbal violence in the relationships of young schoolchildren with their peers. **Methodology:** a qualitative study using non-probabilistic sampling of 334 students aged 15 to 24 years, both sexes, enrolled in nine large schools in the municipality of Feira de Santana/Bahia, selected

by the location in an area/region/neighborhood with high rates of interpersonal violence, high population density and a large number of students enrolled from districts surrounding Feira de Santana/Bahia. The techniques "Design-Story with Theme" and "Thematic Content Analysis" were used, respectively, for data collection and analysis. For this article, the categories "Physical Violence" and "Psychological-Verbal Violence" were analyzed, with a corpus consisting of 179 story-drawings, especially those expressed through the meaning nucleus "Preceding Factors to Violent Attitudes". **Results:** bullying, intolerance to physical appearance and racism were explained, in both types of violence, as predictors of physical and psychological aggression. In the category "Physical Violence", intolerance to sexual orientation was also highlighted, with homophobic manifestations; sports practice (football); the consumption of psychoactive substances (alcoholic beverage); and betrayal; whereas, in the category "Psychological-Verbal Violence", intolerance to financial condition was also a predictor for violence. **Final Considerations:** understanding factors that precede violent events among young people with their peers helps the school in the adoption of inclusive and equitable education, to ensure respectful, efficient and mutually respect-based learning. Education for full citizenship provides awareness and respect for diversity, a strategy fundamental to peaceful coexistence, especially the psychosocial development of young people.

**Key-Words:** Teens. Peer violence. School. Previous Factors.

## INTRODUÇÃO

A adolescência é um período de crescimento, experimentações e busca da identidade, no qual os indivíduos se encontram em pleno desenvolvimento de comportamentos e habilidades. Nesta fase, estabelecer vínculos oferece proteção contra dificuldades e conflitos do período, contribuindo para construção da personalidade de maneira mais estável e segura, fazendo com que os relacionamentos entre amigos ajudem no processo de desenvolvimento psicossocial, sobretudo pela convivência com pessoas do mesmo contexto de transformação (NASCIMENTO *et al.*, 2015).

No entanto, a violência entre amigos é uma realidade no contexto escolar e se caracteriza pela utilização da força ou de ações consideradas violentas, por um ou mais alunos sobre outro(s), dentro do espaço escolar (SEBASTIÃO *et al.*, 1999). Nesse sentido, estudar o fenômeno da violência envolvendo jovens no ambiente escolar se torna desafiador, sobretudo no cenário atual, quando episódios de violência estão cada vez mais frequentes no interior dessas unidades.

Faz-se necessário destacar a relevância em compreender os elementos que compõem o contexto relacional da violência, sobretudo os fatores que precedem a concretização das atitudes violentas, especialmente quando sofridas e/ou perpetradas por jovens. Isso porque esses elementos fazem parte de uma rede de informações necessárias para a reflexão acerca da problemática, elaboração e adoção de atitudes com o intuito de evitar e/ou reduzir a ocorrência de eventos violentos entre pares, no contexto escolar.

Para tanto, a fim de que seja garantida uma aprendizagem respeitadora, eficaz e baseada na cultura da paz, é preciso que as escolas utilizem estratégias para o combate aos preconceitos e para a conscientização acerca do respeito às diversidades nas suas mais variadas esferas, assegurando uma educação inclusiva e equitativa. Dessa forma, acredita-se que as escolas, enquanto espaços democráticos de formação de cidadãos, possam efetivamente contribuir no desenvolvimento de pessoas mais conscientes, tolerantes e que respeitem as diferenças, impedindo e/ou diminuindo os eventos violentos sofridos/perpetrados por jovens estudantes.

Dessa forma, tendo em vista a relevância do tema em questão, sobretudo no que diz respeito às atitudes que antecedem os eventos violentos sofridos e/ou perpetrados por jovens estudantes com seus pares, desenvolveu-se o presente estudo, o qual possui como objetivo analisar fatores precedentes à perpetração da violência física e psicológica-verbal nas relações de jovens escolares com seus pares.

## METODOLOGIA

Esta pesquisa, de abordagem qualitativa e caráter exploratório, com jovens na faixa de 15 a 24 anos, ambos os sexos, investiga atitudes e comportamentos violentos de jovens com seus pares. Possui como *locus* e sujeitos de estudo, respectivamente, uma amostragem baseada em nove escolas públicas estaduais localizadas na cidade de Feira de Santana, Bahia, Brasil e seus estudantes.

A amostra global não probabilística do projeto constou de nove escolas, as quais se encontravam localizadas em área/região/bairro de alta densidade populacional e elevados índices de violência interpessoal, além de possuírem grande número de alunos matriculados oriundos de distritos circunvizinhos a Feira de Santana; bem como de 334 estudantes, os quais deveriam se encontrar em sala de aula no momento da coleta de dados e aceitar participar da pesquisa. A equipe do NNEPA/UEFS realizou a coleta, de acordo com a data previamente agendada pela direção escolar e nas turmas que foram disponibilizadas para participação na pesquisa.

Para a coleta de dados foi utilizada a “Técnica Projetiva - Desenho-Estória” baseada em um tema (COUTINHO, 2005). Esta estratégia metodológica de coleta proporciona um amplo campo de interpretação, pelo resgate do inconsciente, buscando “compreender o sujeito - o que faz e não fazer, a forma como faz, quando e porquê” (FORMIGA; MELLO, 2000, p. 15). Busca informações de conteúdos não conscientes (mentais, emocionais), importantes por sua penetração, sobretudo quando o fenômeno em estudo é do imaginário e/ou encontra dificuldade para ser manifestado, podendo emergir através desse processo (RIBEIRO; COUTINHO; NASCIMENTO, 2010).

A operacionalização da coleta ocorreu em média até 45 minutos. Permaneceram em sala apenas os estudantes que aceitaram participar do estudo, os quais receberam papel sulfite em branco e caneta, tendo sido orientados para, inicialmente, realizarem um desenho que representasse a violência entre amigos; em seguida, elaborassem uma estória com base no desenho, com início, desenvolvimento e fim; e, por último, atribuíssem um título ao “desenho-estória”.

Com o intuito de garantir sigilo e confidencialidade, os participantes foram orientados a não identificarem os documentos. Os professores não permaneceram no ambiente durante a aplicação do instrumento, garantindo a liberdade de expressão quanto ao seu preenchimento. Já os pesquisadores se mantiveram em local neutro, disponíveis para esclarecimentos. As cadeiras foram organizadas de forma equidistante uma da outra, mantendo-se privacidade entre os estudantes. Ao final, os jovens depositaram os instrumentos em uma urna lacrada,

disponibilizada para esta finalidade. Para os estudantes menores de 18 anos participarem da pesquisa foi necessária a autorização dos pais ou responsáveis (Termo de Assentimento), enquanto que, para os maiores, a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde / Ministério da Saúde (BRASIL, 2012).

Para análise do material empírico foi utilizado o modelo proposto por Coutinho (2005): observação sistemática do desenho, agrupamento por semelhanças gráficas e afinidades por tema; leituras flutuantes das unidades temáticas e categorização de correspondência dos desenhos-estórias; análise e interpretação dos conteúdos temáticos. Foram identificadas três categorias que emergiram dos desenhos-estórias: “Violência Psicológica-Verbal” (n = 94); “Violência Física” (n = 85); e “Percepção de Consequência Fatal” (n = 34).

Importante destacar que, do total de 334 participantes, 213 compuseram a amostra final, visto que os demais foram excluídos por fugirem do objetivo proposto, apenas registrarem desenho e/ou por terem utilizado linguagem simbólica e não compreensível. Salienta-se que as unidades temáticas que emergiram das estórias garantiram o máximo de fidedignidade ao material coletado.

Para a análise de dados utilizou-se a “Análise de Conteúdo Temática/ACT” (BARDIN, 2011): observação sistemática dos desenhos-estórias; interpretação, a partir da leitura flutuante e agrupamento por similaridade gráfica; constituição do *corpus* inicial; elaboração da unidade de análise temática e unidade de contexto, com respectivos núcleos de sentido.

Na análise geral dos desenhos-estórias foram identificadas três categorias e três núcleos de sentido, os quais foram analisados e interpretados em etapas, integrando três artigos científicos, considerando a importância de apresentar os resultados e discuti-los adequadamente, respeitando as normas específicas de publicação. Para este artigo foram utilizadas as categorias “Violência Psicológica-Verbal” e “Violência Física”, em especial o núcleo de sentido relacionado aos “Fatores Precedentes às Atitudes Violentas”, seguindo os preceitos analíticos das técnicas supracitadas, com observação e análise sistemática de 179 desenhos-estórias selecionados. Importante destacar que as categorias foram elencadas empiricamente, advindas dos dados coletados.

Para definição de *juventude* foi utilizado o critério da Organização das Nações Unidas (ONU), o qual compreende os indivíduos entre 15 e 24 anos de idade (CUNHA; CALVANO; LEITE, 2014).

Para o conceito de *pares* foi utilizado o entendimento de Libardi e Castro (2014, p. 946), que considera aqueles “(...) amigos da escola, pessoas mais próximas no ambiente escolar e com as quais os jovens passam mais tempo juntos” compartilhando experiências escolares cotidianas.

Foi adotado o conceito de *intolerância* do jurista e filósofo Norberto Bobbio (1992), o qual faz referência à incapacidade do indivíduo conviver com a pluralidade de conceitos, opiniões e crenças, representando um comportamento, uma reação explícita a uma ideia ou opinião contra a qual se opõe.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética através do Parecer nº 2.929.344, conforme regulamentação da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012).

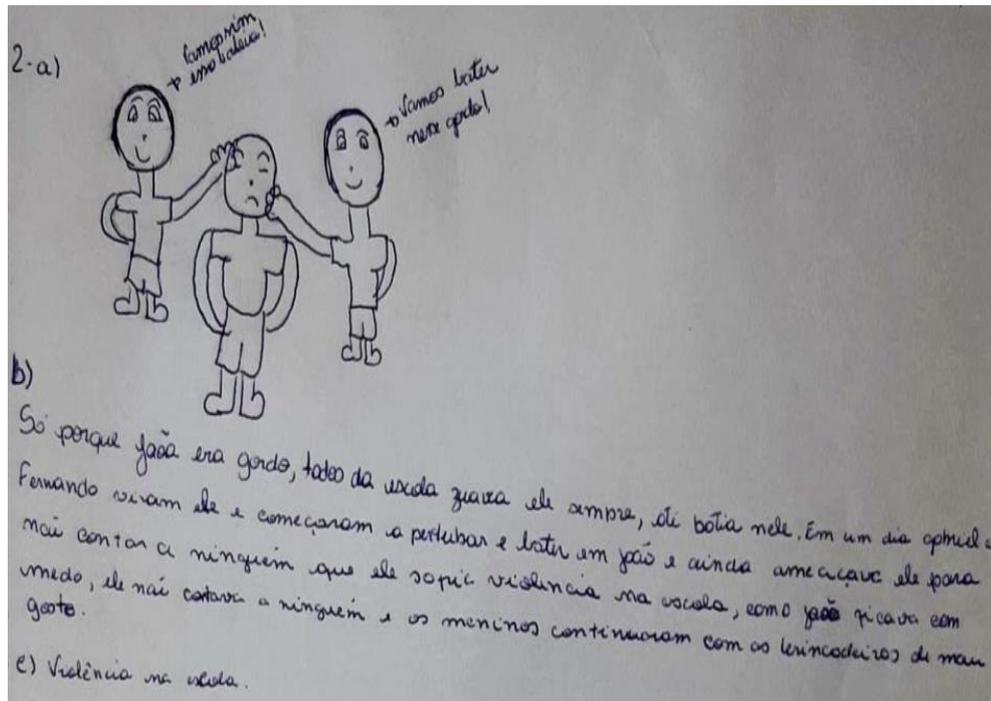
## RESULTADOS

Para o presente artigo, que analisou as categorias “Violência Psicológica-Verbal” e “Violência Física”, participaram 179 estudantes na faixa de 15 a 24 anos, sendo 114 do sexo feminino e 65, do masculino.

Os seguintes núcleos de sentido expressaram a essência dos resultados: “Perfil do Ato Violento” (PAV); “Fatores Precedentes às Atitudes Violentas” (FPAV) e “Sentimentos Vivenciados no Relacionamento” (SVR), sendo que cada um representou um grupo de “Desenhos-Estórias com Tema”, sintetizando o procedimento de “Agrupamento por Similaridade”. No presente artigo são abordados os “Fatores Precedentes às Atitudes Violentas”, destacando que os núcleos “Perfil do Ato Violento” e “Sentimentos Vivenciados no Relacionamento” integram outro artigo.

A análise dos desenhos-estórias que compõem o núcleo de sentido FPAV demonstrou que dois fatores foram citados, pelos participantes de ambas as categorias de violência, como precedentes aos atos abusivos, quais sejam, o *bullying* e a intolerância à aparência física da vítima (Figura 1).

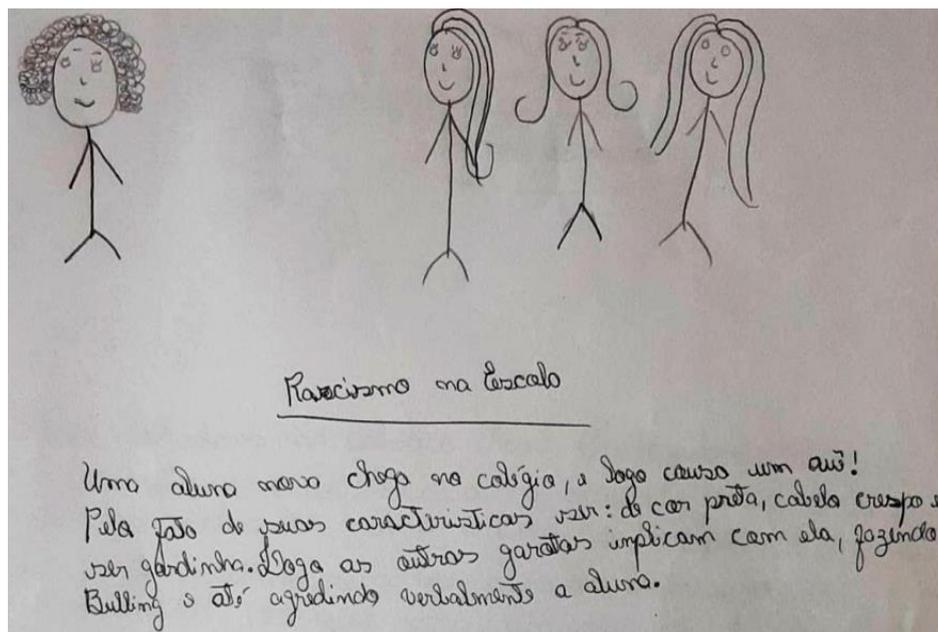
**Figura 1** – Desenho-estória representativo de *bullying* por conta da aparência física.



Fonte: participante do estudo.

Outros relatos de intolerância foram observados também em ambas as categorias de violência, porém apenas dentre as participantes do sexo feminino, como a intolerância racial (Figura 2).

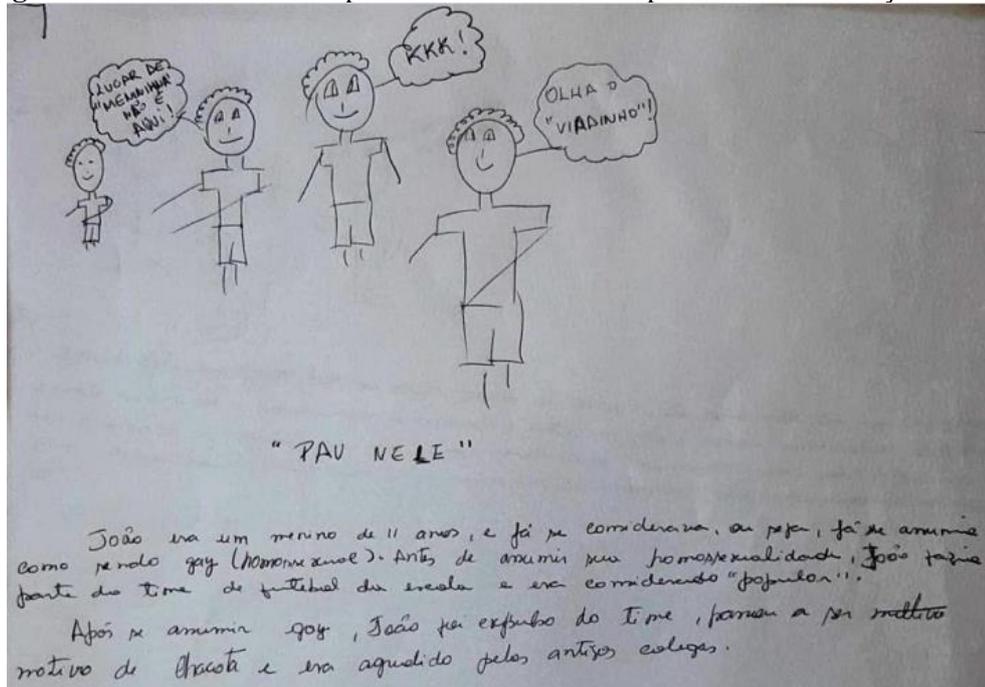
**Figura 2** – Desenho-estória representativo de violência baseada no racismo.



Fonte: participante do estudo.

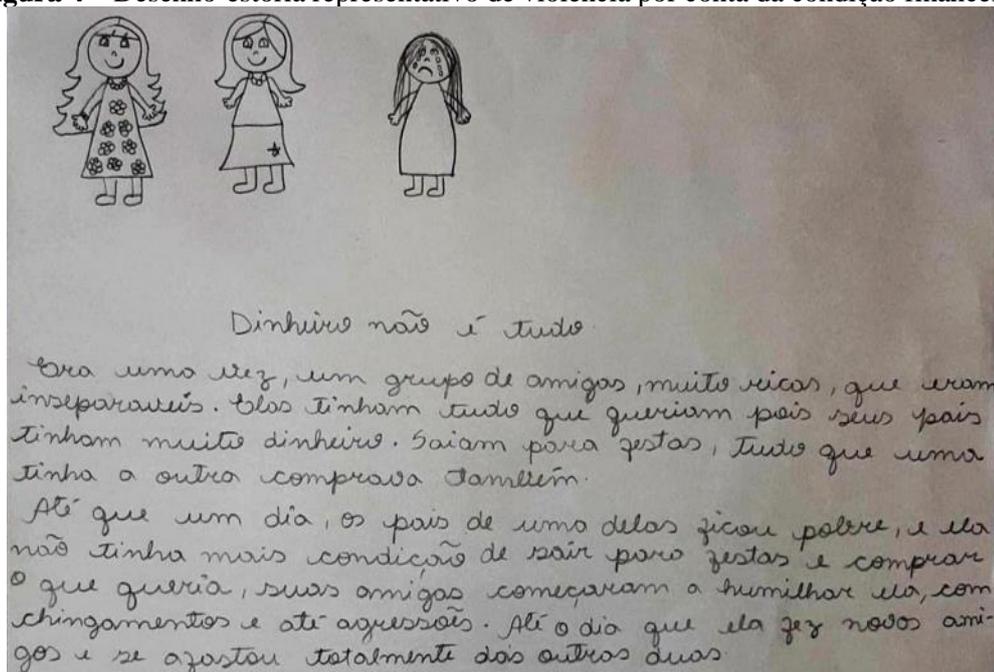
No que diz respeito à intolerância nos casos de violência física, ainda houveram relatos direcionados à orientação sexual, com manifestações homofóbicas (Figura 3), enquanto que, para perpetração de violência psicológica, a intolerância à condição financeira também foi mencionada como fator precedente ao ato violento (Figura 4). Destaca-se que, em ambos os casos, os relatos foram somente de participantes do sexo feminino.

**Figura 3** – Desenho-estória representativo de violência por conta da orientação sexual.



**Fonte:** participante do estudo.

**Figura 4** – Desenho-estória representativo de violência por conta da condição financeira.



**Fonte:** participante do estudo.

Insta destacar que, nos casos relacionados à violência física, foram verificados outros relatos de fatores precedentes à perpetração desse tipo de violência, como a prática esportiva, mais precisamente, o futebol; o consumo de substâncias psicoativas, especificamente a bebida alcoólica; e a traição entre amigos. Além disso, o *bullying* fez parte de um grupo de ações relacionadas à prática da violência psicológica-verbal que antecederam a violência física, como humilhação, discussão, insultos, ameaça, exclusão, caracterizando a ocorrência de violência psicológica-verbal.

## **DISCUSSÃO**

### ***Bullying* como fator precedente aos atos de violência física e psicológica-verbal**

O *bullying* foi relatado pelos participantes do presente estudo como fator desencadeante para perpetração de atos violentos, tanto de cunho psicológico, quanto físico. O *bullying* se encontra dentre os tipos de violência que mais acometem adolescentes, sobretudo entre aqueles que frequentam o ambiente escolar. Considerado um problema de saúde pública mundial, o *bullying* é um comportamento que pode levar as vítimas a adotarem atitudes autodestrutivas e/ou passarem a maltratar outras pessoas, reproduzindo as ações violentas sofridas (BEANE, 2011).

De origem inglesa, *bullying* identifica uma forma de comportamento agressivo perpetrado por agressor ou grupo de agressores contra uma vítima ou grupo de vítimas, com o objetivo principal de garantir a afirmação de poder interpessoal do(s) autor(es) da violência, intimidando ou agredindo a outra pessoa, em detrimento de causar dano ou sofrimento à(s) vítima(s) que não é capaz de se defender, se tornando vulnerável ou frágil perante o(s) agressor(es), configurando, portanto, uma relação desigual de forças ou poder. Estudos sobre *bullying* foram iniciados na década de 1970, por pesquisadores do Reino Unido, Finlândia e Noruega e, mais recente, tem sido verificada também a participação de países em desenvolvimento nesta área do conhecimento, como México e Brasil (LOPES NETO, 2005).

Na presente pesquisa os participantes relataram que as atitudes agressivas aconteciam de maneira intencional e de forma repetitiva, normalmente associadas às características como peso, estrutura física, orientação sexual, cor da pele, dentre outras. Trata-se, portanto, de uma forma de vitimização entre pares peculiar que envolve jovens com condição social distinta, nas mais diversas escolas e níveis de ensino, independentemente do local e normativas da instituição educacional e poderá gerar repercussões negativas ao desenvolvimento de crianças e jovens (APAV, 2011).

No que tange ao Brasil, e, mais especificamente, ao âmbito escolar, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE) realizada em 2015, apresentou o percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino médio fundamental que esculacharam, zombaram, intimidaram ou caçoaram algum colega da escola (condição de agressor) nos 30 dias anteriores à pesquisa. O resultado demonstrou que 19,8% dos estudantes declararam ter realizado uma das condutas acima, no período pesquisado, sendo um percentual maior do masculino (24,2%), quando comparado ao feminino (15,6%) (IBGE, 2015). No presente estudo, que envolve jovens de 15 à 24 anos, o *bullying* tanto figurou como fator precedente à perpetração da violência psicológica, quanto fez parte do conjunto de ações de cunho psicológico-verbal que antecederam à prática da violência física, o que demonstra a sua forte presença nas ações violentas entre jovens estudantes com seus pares.

A pesquisa supracitada identificou o percentual de escolares adolescentes, com idade entre 13 a 17 anos, que se sentiram humilhados por provocações de colegas da escola (condição de vítima), nos 30 dias anteriores à pesquisa, por motivo/causa da humilhação e grupo de idade do escolar. Todos os participantes (100%) afirmaram ter passado pela situação acima, no período informado. Entre as causas listadas, cor ou raça representou 6%; religião, 4,2%; aparência do rosto, 9,5%; aparência do corpo, 15,9%; orientação sexual, 2,1%; região de origem, 1,8% e outro motivo/causa, 60,5%. Em todas as regiões brasileiras, a aparência do corpo apresentou o maior índice (IBGE, 2015).

Os achados da presente pesquisa confirmam os estudos mencionados, considerando os relatos dos jovens relacionados às intolerâncias interpessoais frequentemente manifestadas para com seus pares, as quais representam fatores precedentes para perpetração de atos violentos, tanto na esfera física, quanto psicológico-verbal. Esses comportamentos disfuncionais e/ou inadequados, em geral, têm como raiz fatores socioculturais manifestados por familiares, amigos, entre outros adultos e/ou ancestrais, os quais interferem de forma impactante para o desenvolvimento psicossocial adequado do jovem, no processo de socialização e exercício pleno da cidadania, no qual características de tolerância e aceitação do outro são fundamentais para o processo de sociabilidade e pacificidade nos relacionamentos com seus pares.

Esses comportamentos hostis e discriminatórios, frequentemente cultuados pelo meio ambiente e núcleo familiar, podem ser repassados entre gerações como herança dos antepassados, numa espécie de transmissão intergeracional, fazendo parte integrante do imaginário, dos comportamentos e das repetições pelos mais jovens. Essas atitudes podem

interferir no relacionamento do jovem com seus pares, gerando problemas, conflitos e outras dificuldades de adaptação social, além de consequências para a saúde física e mental do indivíduo e seu grupo. Vale salientar que esses comportamentos de ação e reação ao agravo verbal ou físico têm relação direta com o sentimento fundamental de pertencimento do indivíduo ao seu grupo social, o que fragiliza o pleno desempenho da confiança no outro, condição fundamental para o estabelecimento de relacionamentos saudáveis e com respeitabilidade mútua.

### **Intolerância à aparência física como fator precedente à perpetração da violência física e psicológica-verbal**

A juventude é um período de crescimento, experimentações e busca da identidade, no qual os indivíduos se encontram em pleno desenvolvimento de comportamentos e habilidades, além de serem considerados um grupo populacional vulnerável. Dentre as diversas experimentações vivenciadas pelos jovens nesse período, a mudança corporal é apenas um aspecto. Esse público, particularmente, absorve as sérias consequências individuais e sociais decorrentes da violência (estrutural, física, psicológica, sexual) que se apresenta, enquanto problema de saúde pública crescente, mundialmente (CUNHA; CALVANO; LEITE, 2014).

A aceitação desse corpo em constantes transformações tem relação direta com os critérios adotados como legítimos pelos grupos que os jovens estão inseridos. Nesse sentido, a aparência física possui grande relevância por envolver questões relacionadas à valorização, desvalorização, ridicularização, aceitação, rejeição, desprezo, perseguição, bajulação e, conseqüentemente, a existência de discriminação ou não.

A dimensão psicossocial, incluindo os aspectos corporais, compõe a identidade do adolescente que, nesse período, convive com a supervalorização do corpo e uma confusão acerca da imagem corporal manifestada pelas vestimentas, formas de pentear os cabelos, tatuagens, *piercings*, etc. As constantes transformações corporais e imposições sociais reforçam um padrão de corpo “perfeito”, privilegiando um modelo magro como protótipo de saudável e estimula atitudes com o próprio corpo, provocando dificuldades por parte dos jovens quanto à percepção das mudanças corporais, o que pode acarretar muito sofrimento e provocar diversas consequências, como baixa autoestima, exclusão e auto isolamento, decorrente do sentimento de rejeição, com possibilidade de desfechos mais graves como depressão, auto mutilação e até suicídio (CAMACHO, 2001; DO NASCIMENTO; MENEZES, 2013).

Não se enquadrar nos padrões aceitos tem sido motivo para se tornar vítima de discriminação, sobretudo entre adolescentes, sendo que a agressão verbal pode evoluir e provocar atos de violência física, como foi observado na presente pesquisa, na qual os participantes de ambos os sexos relataram que a intolerância à aparência física precedeu a perpetração tanto da violência física, quanto psicológica-verbal.

Foram verificados muitos relatos envolvendo atitudes discriminatórias contra aqueles que se encontravam principalmente acima do peso, fora dos padrões de beleza ditados pela sociedade. No que concerne à obesidade, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) aponta que pessoas obesas, quando comparadas com a população em geral, têm maiores taxas de depressão, ansiedade e suicídio e ainda convivem com o isolamento social (KUBOTA, 2014). A esse respeito, Lewis e colaboradores (2010) afirmam que, por ser a obesidade uma condição de saúde extremamente estigmatizada, indivíduos obesos são mais propensos a sofrerem de baixa autoestima, comparados aos não obesos. Nesse sentido, um estudo que avaliou o grau de estigmatização de obesos entre 304 estudantes de escolas públicas de um município do Estado de São Paulo confirmou que obesos eram demasiadamente estigmatizados (RIBAS FILHO *et al.*, 2009).

A partir da análise dos dados da PENSE (2013), mais especificamente a discriminação contra estudantes obesos e muito magros, verificou-se que, quando comparados com alunos “normais”, aqueles que se classificaram “muito gordos” ou “muito magros” eram bem mais propensos a comportamentos de risco (ex.: consumo de drogas ilícitas, álcool, cigarros e laxantes ou indução ao vômito), além de serem muito mais sujeitos a sofrerem *bullying* frequente, especialmente no tocante à sua aparência corporal, se sentirem solitários, não conseguirem dormir bem, sofrerem violência familiar, agressões e lesões (IBGE, 2013). Muitos relataram se envolverem em brigas e afirmaram que, raramente ou nunca, os pais entendiam seus problemas e preocupações (KUBOTA, 2014). Nesse sentido, o presente estudo ratifica tais informações, a partir do momento em que, o fato do jovem ser obeso, foi motivo para transformá-lo em vítima de *bullying* e de atos violentos tanto do ponto de vista físico, quanto psicológico, segundo relatos dos participantes.

Resultados de pesquisas apontam a importância e necessidade de reforçar políticas públicas voltadas para prevenção e enfrentamento da discriminação baseada em imagem corporal, sobretudo no ambiente escolar, espaço onde essas práticas mais se revelam, o que foi confirmado com os achados do estudo em discussão, os quais apontaram alta frequência da intolerância direcionada aos aspectos físicos, especialmente no que tange à obesidade.

### **Racismo como fator precedente à perpetração da violência física e psicológica-verbal**

As manifestações de discriminação e representações preconceituosas possuem como principais alvos grupos étnicos e orientação sexual específica, com características físicas e socioeconômicas distintas. Diferenças econômicas, sociais e culturais possuem grande relação com a vulnerabilidade racial/étnica, sendo que o processo histórico das diversas formas de exclusão vivenciadas pela população negra a tornou mais vulnerável para situações de violência. Nesse sentido, a cor da pele passa a figurar como um elemento definidor de si, tanto na escola, quanto fora, sendo propagado um modelo estético hegemônico e um modelo de “saúde” tido como o melhor e o que deve ser almejado por todos (SANTOS, 2015; MORAIS *et al.*, 2019). Os resultados encontrados no presente estudo ratificam essas informações, visto que o racismo foi relatado, entre estudantes do sexo feminino, como manifestação violenta preditora de outros tipos de perpetração, tanto física, quanto psicológica-verbal.

O racismo se apresenta através de formas complexas, não sendo admitido pela maioria da população. Padrões racistas manifestados através de práticas ou comportamentos no ambiente escolar são difíceis de serem identificados num primeiro momento, sendo comum negar qualquer tipo de discriminação (ABRAMOVAY; RUA, 2003). Nesse sentido, poucos estudantes que participaram do estudo de Morais e colaboradores (2019) se assumiram racistas, apontando sempre para “o outro” que tem preconceito.

Muitas vezes a discriminação relacionada à raça/cor se apresenta de maneira subliminar. Na presente pesquisa foram observadas situações nas quais o agressor praticou o racismo como uma atitude usual e, muitas vezes, atribuiu à vítima uma responsabilização pelo seu tom de pele, considerado inaceitável. Ademais, ainda foi evidenciada, sobretudo entre estudantes do sexo feminino, a utilização de adjetivos disfarçados de brincadeiras, numa espécie de exercício de legitimidade de preconceitos raciais, além de atitudes cordiais de cunho discriminatório dissimulando posturas racistas, o que é comum entre os jovens, inclusive no ambiente escolar, demonstrando uma naturalização do racismo entre os estudantes (ABRAMOVAY; RUA, 2003).

Na investigação de Feira de Santana não foram observados relatos de denúncia da prática racista. No entanto, apesar do silêncio institucional, é fato que a comunidade escolar contempla atos de violência relacionados às práticas discriminatórias baseadas na raça, o que compromete a trajetória escolar ao estigmatizar e marginalizar a vítima do preconceito. Além disso, Oliveira e Abramowicz (2010) trazem a discussão acerca da escola trabalhar com um modelo de currículo “embranquecido”, sem conteúdos que contemplem os alunos negros, além da omissão, por parte da equipe pedagógica, frente às questões raciais.

A escola, portanto, se apresenta como um espaço onde diversas tensões preconceituosas convivem, dentre elas, a racial, uma das vertentes socioculturais da exclusão. O racismo, em suas formas explícitas e/ou subliminares, é reproduzido pelo sistema educacional enquanto forma de exclusão social, fazendo com que a escola venha se tornando um espaço de comportamentos excludentes (SANTOS, 2015). Importante destacar que, desde 2003, a temática “História e Cultura Afro-Brasileira” passou a ser obrigatória no currículo oficial das redes pública e privada de ensino fundamental e médio, conforme determinação da Lei 10.639 (BRASIL, 2003). Ressalta-se que, em 2008, a Lei 11.645 acrescentou também a obrigatoriedade do ensino da cultura indígena (BRASIL, 2008).

No entanto, sendo a escola uma das instituições sociais mais importantes, formadora de pessoas, deve utilizar suas ferramentas para prevenir e diminuir as práticas de atitudes de intolerância. Nesse sentido, é importante o planejamento de ações voltadas para o combate aos preconceitos e para a conscientização acerca do respeito às diversidades nas suas mais variadas esferas, dentre elas a racial.

### **Intolerância à orientação sexual como fator precedente à perpetração da violência física**

As instâncias que trabalham em favor dos direitos humanos têm feito grande esforço para orientar populações, em diferentes contextos e países, quanto à necessidade e importância do acolhimento e respeitabilidade no que tange às questões referentes à diversidade sexual e combate à homofobia e transfobia, considerando que essas minorias sexuais são constantemente alvo de ações e reações de intolerância, preconceitos e demais situações violentas. Nesse sentido, ressalta-se a vulnerabilidade dos jovens estudantes que não se enquadram nas normas binárias de gênero (masculino e feminino), além daqueles que são lésbicas, gays, bissexuais ou transgêneros (LGBT) e a escola é o ambiente onde os estudantes LGBT são mais propensos a sofrerem *bullying* homofóbico, até mais que na comunidade, sendo a violência psicológica a forma mais relatada pelos estudantes, incluindo a exclusão social e o *bullying* verbal (UNESCO, 2019).

Os resultados encontrados reforçam os achados da literatura, uma vez que, entre as participantes do sexo feminino, foram verificados relatos de intolerância quanto à orientação sexual, inclusive com manifestações homofóbicas, precedente aos atos de violência física.

Segundo revisão feita pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) em 2017, a proporção de estudantes LGBT que sofriam violência escolar e *bullying* variava de 16% a 85%, sendo a prevalência da violência de três a cinco vezes maior entre estes estudantes, comparado ao geral. Nos Estados Unidos, em 2016, uma pesquisa

revelou que, devido à orientação sexual, 82% dos estudantes LGBT de 13 a 20 anos foram assediados verbalmente na escola e mais de 33% relataram que esse abuso ocorreu com frequência; 90% disseram que se sentiram excluídos ou deixados de fora por outros estudantes; e 38% foram empurrados e afastados (UNESCO, 2017).

A violência homofóbica e transfóbica, que é baseada na orientação sexual e na identidade/expressão de gênero, pode se apresentar de forma física, sexual (estupro, coerção e assédio) e psicológica (abuso verbal, emocional e *bullying/cyberbullying*), sendo um tipo de violência de gênero e relacionada à escola. No presente estudo, a manifestação ocorreu através da utilização de palavras desrespeitosas, atos de humilhação, *bullying*, seguidos por perpetração de violência física. Esse tipo de violência provoca medo e desconforto às vítimas, a partir da intolerância ou ódio de pessoas sexualmente diversas. Vários são os ambientes onde pode acontecer, como banheiros, vestiários, parques e áreas de lazer, salas de aula, no trajeto da escola, assim como virtualmente (UNESCO, 2017).

Uma outra perspectiva de discriminação que acontece no ambiente escolar com base na orientação sexual diz respeito à tendência dos alunos a relacionarem bom rendimento escolar, dedicação aos estudos e disciplina, com homossexualidade. Segundo Camacho (2001), a “macheza” estaria relacionada com a coragem de transgredir, de agredir e não estudar, mas ainda assim ser aprovado, mesmo utilizando-se de meios “alternativos” à dedicação ao estudo, ideologia enraizada por aqueles que se utilizam da força, ameaça e agressão para impor seu poder.

Seja qual for a perspectiva, a educação e as consequentes possibilidades de emprego, bem como a saúde e bem-estar dos estudantes vítimas da violência homofóbica e transfóbica sofrem repercussões negativas. Sensação de insegurança na escola, com a perda de aulas, resultados acadêmicos deficitários, comprometimento da aprendizagem e até abandono do ambiente escolar são algumas das consequências que acometem as vítimas deste tipo de violência, as quais, por conseguinte, apresentam menos qualificações e perspectivas de emprego. Além disso, o aumento do risco de ansiedade, medo, estresse, perda de confiança, baixa autoestima, solidão, automutilação provocam danos à saúde mental e psicológica dos jovens, podendo ocasionar, inclusive, o cometimento de suicídio (UNESCO, 2017).

Importante destacar que, além dos atos explícitos de violência, é possível identificar uma violência homofóbica ou transfóbica “simbólica” ou “institucional”, que é aquela que reforça ou incorpora os estereótipos negativos relacionados à orientação sexual e à identidade de gênero às políticas e diretrizes educacionais, repercutindo na elaboração dos currículos e nos materiais didáticos, sendo produzida, portanto, pelo próprio setor de educação (UNESCO,

2017). No governo atual, isso se torna ainda mais evidente, a partir do momento em que o Presidente da República tenta proibir a discussão sobre educação sexual e, conseqüentemente, sobre questões de gênero nas escolas (BARONE, 2019).

Este tipo específico de violência decorre de algumas atitudes que reforçam os estereótipos de gênero e incentivam a prática de outros tipos de violência contra estudantes, já que, quando a discriminação de gênero não é recriminada, algumas atitudes voltadas para o apoio à desigualdade de gênero e tolerância à violência são fortalecidas (UNESCO, 2019). Portanto, é necessário que as escolas, enquanto espaços democráticos de formação de cidadãos e garantidoras de uma educação inclusiva e equitativa, promovam discussões acerca da violência homofóbica e transfóbica e ações que assegurem uma aprendizagem respeitadora, eficaz e baseada na cultura da paz.

### **Intolerância à condição financeira como fator precedente à perpetração da violência psicológica-verbal**

A condição financeira é um dos fatores que colabora para que crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade sejam mais propensos a serem vítimas da violência. No ambiente escolar, observa-se a existência de alguns padrões de exclusão/discriminação social e as desigualdades das condições econômicas figuram como um destes padrões (ABRAMOVAY; RUA, 2003), como pôde ser observado na presente pesquisa, a partir do momento em que a intolerância quanto à condição financeira da vítima foi relatada pelas estudantes do sexo feminino como fator precedente à perpetração da violência psicológica-verbal.

Em alguns projetos citados no relatório da UNESCO acerca da violência escolar observa-se a relação da condição financeira com atos de violência, a exemplo do projeto *Young Lives*, no qual constatou-se a ocorrência mais frequente de *bullying* contra crianças de famílias pobres; e do projeto de Violência Sexual contra Meninas da *Action Aid*, que verificou a relação entre exploração sexual e pobreza (UNESCO, 2019).

Os estudantes desfavorecidos social e economicamente convivem, frequentemente, com o estresse, discriminação e depreciação, sendo que a condição de pobreza pode contribuir para a falta de autoestima. No entanto, as vítimas de atos de violência que têm a intolerância à condição financeira como manifestação precedente muitas vezes deixam de denunciar a violência sofrida por medo de serem responsabilizadas ou de não serem levadas a sério (UNESCO, 2019), reagindo ou com retraimento, ou com agressividade (ABRAMOVAY; RUA, 2003). Nos desenhos-estórias não foram encontrados relatos de denúncias deste tipo de

atitude violenta, o que se depreende que as vítimas se mantiveram silenciosas, numa espécie de aceitação tácita, tendo sido, em seguida, consumada a perpetração da violência psicológica-verbal.

É um contrassenso a existência de intolerância à condição financeira de estudantes por seus pares em um dos países com maior desigualdade econômica do mundo. Desse modo, faz-se urgente que as escolas criem espaços voltados para diálogos acerca da discriminação, a fim de abordar o assunto diretamente junto aos estudantes, fazendo com que eles se coloquem no lugar do outro, na tentativa de conscientizá-los sobre preconceitos evidentes que, muitas vezes, são naturalizados pelos mesmos, a fim de contribuir na formação de pessoas mais conscientes, tolerantes e que respeitem as diferenças.

### **Prática esportiva como fator precedente à perpetração da violência física**

A ocorrência de atos violentos durante a prática esportiva vai de encontro à proposta do esporte como instrumento para a promoção da paz, da inclusão e do desenvolvimento humano em sentido amplo, com a consequente redução de iniquidades. A prática esportiva, mais especificamente a modalidade futebol, foi relatada pelos estudantes de ambos os sexos como momento que precedeu à ocorrência da violência física. Esses relatos envolveram tanto a prática do futebol em si, quanto às divergências relacionadas à torcida por times diferentes.

No que diz respeito aos confrontos com torcedores de times de futebol diferentes, Câmara, Sarriera e Carlotto (2007) realizaram um estudo no qual foi avaliada a prática de enfrentamentos violentos entre jovens estudantes de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Foi verificado que 51,2% dos participantes tiveram algum enfrentamento violento nos seis meses anteriores à coleta dos dados, sendo que, desse total, confrontos com amigos (52,2%) e com torcedores de time de futebol contrário (24,5%) foram alguns dos mais usuais.

A ONU, através do Informativo 2016, preconiza a importância do esporte na luta pela igualdade de gênero, promoção da inclusão e superação de todas as formas de discriminação. Nesse sentido, relevante destacar que os aprendizados para a vida obtidos por meio do esporte colaboram para a formação de valores, socialização e desenvolvimento humano, além de trabalharem na perspectiva do empoderamento dos jovens e da promoção de saúde, melhora do bem estar psicossocial, autoestima, autoconfiança e liderança em todas as idades. A prática esportiva, seja ela qual for, estimula o conhecimento sobre o próprio corpo e sobre direitos, transformando a maneira do indivíduo se relacionar com o mundo (ONUBR, 2016).

Os espaços onde se vivenciam as práticas esportivas são capazes de proporcionar atividades que contemplam o respeito às diferenças, prevenção e enfrentamento a diversas formas/situações de violência e atitudes discriminatórias e podem ser também multiplicadores de promoção da paz. Isso porque a prática esportiva reforça valores que envolvem a cooperação, o espírito de equipe, a honestidade nas jogadas (*fair play*), sendo um instrumento capaz de promover o diálogo e ajuda mútua. Ademais, muito embora os estudantes tenham relatado que todos os envolvidos em prática esportiva (futebol) anterior à perpetração da violência física eram do sexo masculino, importante destacar que utilizar o esporte como ferramenta para investir na liderança de meninas e mulheres jovens contribui para eliminar a desigualdade de sexo/gênero e percepções, atitudes e comportamentos que causam ou justificam a violência (ONUBR, 2016).

Sendo o esporte concebido como uma atividade fundamental à saúde física e mental, cuja base permite a aproximação e a integração interpessoal no estabelecimento de vínculos, é fundamental que o sistema de educação valorize as atividades de Educação Física enquanto componente curricular obrigatório, transversal e indispensável na formulação das ações pedagógicas. As práticas esportivas, orientadas por profissionais devidamente habilitados, permitem o desenvolvimento de atitudes e comportamentos saudáveis, como a cooperação, o espírito de equipe, treinamento de habilidades físicas específicas e reparadoras e competência emocional para enfrentar as disputas, como forma de fortalecimento da capacidade de liderança, além do desenvolvimento de habilidades para lidar com respeito às diferenças estabelecidas pelo ambiente sociocultural e econômico vigentes.

### **Consumo de substâncias psicoativas como fator precedente à perpetração da violência física**

A ingestão de bebida alcoólica precoce aumenta significativamente o risco do consumo excessivo na idade adulta, configurando-se como um dos fatores preditores mais relevantes no que diz respeito a futuros problemas socioculturais, econômicos e de saúde. No Brasil, 18% dos adolescentes com idade média de 13 anos são dependentes de bebidas alcoólicas, o que chama a atenção para a necessidade de discussão a respeito dessa problemática. Segundo dados da PENSE (2009), 45,8% dos jovens na faixa etária de 13 a 15 anos havia ingerido, pelo menos, uma bebida alcoólica durante os 30 dias prévios à pesquisa (OPAS, 2012). Em Pelotas, no Paraná, pesquisa envolvendo 1.056 adolescentes constatou que 24,2% dos meninos e 21,7% das meninas faziam uso de álcool (STRAUCH *et al.*, 2009).

Os achados do presente estudo corroboram com tais pesquisas, uma vez que o consumo de substâncias psicoativas, em especial a bebida alcóolica, foi relatado pelos participantes de ambos os sexos da categoria violência física como fator precedente à perpetração do ato violento.

Os jovens compõem o grupo populacional com maiores repercussões negativas advindas da ingestão de bebidas alcoólicas. Até mesmo o baixo consumo está atrelado a um risco maior de acidentes, utilização de drogas psicotrópicas e adoção de comportamentos considerados de alta vulnerabilidade, a exemplo da prática de sexo sem o uso de preservativo. Acidentes e agressões também são mais frequentes entre os adolescentes após o consumo de qualquer substância psicoativa. A longo prazo, há um comprometimento severo da saúde daqueles que consomem bebidas alcólicas, como o desenvolvimento de doenças crônicas e desordens mentais, podendo levar até à realização de suicídio (STRAUCH *et al.*, 2009).

Necessário destacar que os comportamentos sociais da juventude também são importados para a escola, que tem sido impactada por fatores externos, como as dificuldades vivenciadas no seio familiar, os problemas sociais e o consumo de drogas, como busca explicar a teoria da aprendizagem social (BANDURA, 1978). No que se refere às drogas, Baggio, Palazzo e Aerts (2009) apresentaram que o fato dos amigos usarem drogas aumentou 90% a prevalência de planejamento suicida. Além disso, estudos realizados no Brasil destacam que o envolvimento do aluno em episódios violentos está atrelado ao uso dessas substâncias e os próprios alunos reconhecem a influência desses fatores no desencadeamento da violência. Numa pesquisa em escola pública da zona rural de uma cidade do interior da Bahia acerca da percepção dos alunos sobre as causas da violência escolar, os estudantes informaram que o uso de drogas, associado a outros fatores, constitui causa da violência (PINTO *et al.*, 2015).

Um contexto familiar de violência doméstica e com dificuldades de comunicação, envolvendo a indiferença dos pais diante de situações complexas vividas pelo jovem, a exemplo da embriaguez, é considerado situação de risco para o suicídio, pois pode gerar sentimentos de abandono, descaso e insegurança, os quais formam a base de quadros depressivos em que o suicídio é uma das principais consequências (BAGGIO; PALAZZO; AERTS, 2009). Insta destacar que poder aquisitivo menor não é impedimento para o consumo de bebida alcóolica pelos jovens, como identificado na presente pesquisa, a qual envolveu somente estudantes de escolas públicas, comprovado por estudos que demonstraram que indivíduos que apresentavam maior ingestão de álcool na adolescência e na vida adulta eram aqueles com menor poder aquisitivo (STRAUCH *et al.*, 2009).

Essas informações indicam que o consumo de bebida alcóolica entre adolescentes pode ser considerado um problema de saúde pública, sendo a escola um espaço de extrema importância para o desenvolvimento de ações de promoção da saúde e prevenção de riscos ao uso de álcool e outras drogas (STRAUCH *et al.*, 2009). É necessário sensibilizar os alunos em relação aos efeitos do consumo de substâncias psicoativas para a sua saúde de forma geral e a sua correlação com a violência, sendo relevante a promoção de discussões em grupo, bem como a adoção de outras estratégias que sejam eficazes no que diz respeito ao alcance dos jovens e de suas famílias com maior facilidade (PINTO *et al.*, 2015).

Ademais, verifica-se que a melhor alternativa para o enfrentamento do consumo de substâncias psicoativas, independente do contexto, é a educação preventiva. Em se tratando da escola, importante o desenvolvimento de ações que estimulem a adoção de estilo de vida saudável por parte dos alunos, desde a infância, além de prestar auxílio aqueles que já se encontram dependentes de tais substâncias, com oferta de terapia, apoio à recuperação e reintegração à escola, família e grupo de amigos.

### **Traição como fator precedente à perpetração da violência física**

Dentre os fatores precedentes à prática da violência física, a traição foi relatada por alguns participantes de ambos os sexos e se apresentou de maneira diferente entre eles. Dentre as participantes do sexo feminino, a traição referiu-se mais à ocorrência de algum fato relacionado ao compartilhamento de segredos ou divulgação de inverdades acerca dos pares, sendo a violência física perpetrada e sofrida por garotas. O mesmo aconteceu na pesquisa realizada por Franch (2010), na qual os relatos de traição envolvendo situações deste tipo foram somente entre garotas. Já no masculino, a traição esteve atrelada ao fator passional, envolvimento ou tentativa de relacionamento da vítima com a parceira do amigo ou garota por quem este é apaixonado, possuindo como agressor e vítima indivíduos do sexo masculino.

Segundo Koury (2015), tanto a relação amorosa do amor amigo, quanto do amor sexualizado, possuem como alicerce o ato de confiar no outro. Havendo a traição da confiança, seja através de mentiras, falsidades, infidelidades, calúnias, deslealdades, dentre outros, a amizade é impactada e dificilmente se restabelece. Isso pôde ser observado no presente estudo, considerando que os jovens de Feira de Santana relataram que, na grande maioria dos casos de traição, houve, por consequência, o término da relação de amizade entre os envolvidos.

Atrelada à questão da confiança está a ideia de posse baseada na lealdade extrema entre os parceiros, sobretudo no que diz respeito à guarda dos segredos que envolvem as

relações, os quais englobam, geralmente, o compartilhamento de intimidades, expectativas, cometimento de erros. A possibilidade de traição torna a relação tensa, uma vez que abala a base para a construção de uma amizade – a confiança (KOURY, 2015). A concretização da traição, por sua vez, tem como consequência um forte impacto emocional nos parceiros, que até então possuíam uma segurança no outro para a “(...) partilha íntima e validação consensual de interesses, esperanças e receios” (FREITAS *et al.*, 2018, p. 228). Por tais motivos, Koury (2015, p. 30) destaca que “(...) ser amigo é uma arte de negociação, de paciência, e de vencer a cada instante o medo de se sentir traído, roubado e exposto aos outros, mesmo junto àqueles que já se tem confiança”.

No entanto, a escola pode – e deve – agir neste contexto, sendo importante a criação de um plano pedagógico que aborde estratégias de valorização dos vínculos afetivos para o fortalecimento da confiança mútua, o que favorecerá o processo de construção do conhecimento e a lealdade nas relações de amizade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados encontrados na presente pesquisa contribuem para uma melhor compreensão acerca das características de eventos violentos entre jovens estudantes e seus pares, sobretudo no que diz respeito aos fatores que precedem a perpetração da violência, partindo do entendimento de que a violência entre os pares é uma realidade no contexto escolar.

Verificou-se que o *bullying*, a intolerância à aparência física da vítima e o racismo foram relatados como fatores precedentes à perpetração, tanto da violência física, quanto psicológica-verbal. Outros fatores foram citados como motivadores à prática da violência física, quais sejam: intolerância à orientação sexual, com manifestações homofóbicas; a prática esportiva (futebol); o consumo de substâncias psicoativas (bebida alcoólica); e a traição entre amigos. A intolerância à condição financeira foi ainda citada como atitude anterior ao cometimento da violência psicológica-verbal.

Compreender os fatores que antecedem a prática de eventos violentos é indispensável para a elaboração de ações de prevenção, bem como de enfrentamento das atitudes violentas desencadeadas. Agir, no sentido de evitar e/ou reduzir a ocorrência desses fatores irá repercutir na diminuição das atitudes violentas entre jovens estudantes com seus pares, sendo necessário, para tanto, uma ação conjunta entre Poder Público, escola, família e comunidade.

Sendo a escola uma das instituições sociais mais importantes para a formação de cidadãos responsáveis e comprometidos com a realidade, cabe ao setor de educação prover e

implementar ferramentas no planejamento de ações garantidoras de uma educação inclusiva e equitativa, que assegurem aprendizagem respeitadora, eficaz e baseada na cultura da paz, combatendo aos preconceitos e conscientizando jovens acerca do respeito às diversidades, nas suas mais variadas esferas. Para tanto, o sistema de educação pode se valer de estratégias que valorizem os vínculos entre equipes de professores e alunos para o fortalecimento da confiança mútua, favorecendo a construção do conhecimento e da lealdade nas relações de amizade, priorizando iniciativas que estimulem estilo de vida saudável, por parte de toda a comunidade escolar. As práticas esportivas são estratégias fundamentais para a aproximação, na resolução de conflitos e fortalecimento dos elos de convivência. Todos esses aspectos colaboram com a maturidade para lidar com a frustração dos ganhos e perdas, respeitar diferenças interpessoais e praticar a cooperação mútua entre jovens e seus pares.

Acredita-se que as escolas, enquanto espaços democráticos de formação de cidadãos, possam efetivamente contribuir no desenvolvimento de pessoas mais conscientes, tolerantes e que respeitem diferenças, a partir da convivência pacífica e construtiva, impedindo e/ou diminuindo eventos violentos sofridos/perpetrados, cujos resultados deixam marcas indeléveis para todos, jovens, professores, familiares e a sociedade em geral.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violência nas escolas**: versão resumida. Brasília: UNESCO Brasil, 2003.

APAV. Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. **Manual Crianças e Jovens vítimas de violência: compreender, intervir e prevenir**. ISBN: 978-972-8852-50-4. 2011 © APAV

BAGGIO, Lissandra; PALAZZO, Lílian S.; AERTS, Denise Rangel Ganzo de Castro. Planejamento suicida entre adolescentes escolares: prevalência e fatores associados. **Caderno de Saúde Pública**, v. 25, nº 1, p. 142-150, jan/2009.

BANDURA, Albert. *Aprendizaje social y desarrollo de la personalidad*. Madrid: Alianza, . 1978.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edição Revista e Ampliada. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARONE, Isabelle. "**Quem ensina sexo para a criança é “o papai e a mamãe” e não a escola, como diz Bolsonaro?** 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/quem-ensina-sexo-para-a-crianca-e-o-papai-e-a-mamae-diz-bolsonaro-o-que-dizem-especialistas/>. Acesso em: 28 Jan. 2020.

BEANE, Alla. **Proteja o seu filho do bullying**. Porto: Porto Editora, 2011.

BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda, 1992.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde**. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde. Brasília, 2012.

BRASIL. Lei Federal nº 11.645, de 10 de Março de 2008.

**Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena"**. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm). Acesso em: 13 Jan. 2020.

BRASIL. Lei Federal nº 10.639, de 9 de Janeiro de 2003. **Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências**. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm). Acesso em: 13 Jan. 2020.

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 123-140, jan/jun 2001.

CÂMARA, Sheila Gonçalves; SARRIERA, Jorge Castellá; CARLOTTO, Mary Sandra. Fatores associados a condutas de enfrentamento violento entre adolescentes escolares. **Estudos de Psicologia**, v. 12, n.3, p. 213-219, dezembro/2007.

COUTINHO, Maria da Penha de Lima. **Depressão infantil e representação social**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2005.

CUNHA, Antônio; CALVANO, Luiza; LEITE, Álvaro. Prevenção, atenção e controle em saúde da criança e do adolescente. In: Jairnilson Silva Paim, Naomar de Almeida Filho (orgs). **Saúde Coletiva – Teoria e Prática**. Rio de Janeiro: MedBook, p. 541-553, 2014.

DO NASCIMENTO, Alcione Melo Trindade; MENEZES, Jaileila de Araújo. Intimidações na adolescência: expressões da violência entre pares na cultura escolar. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 1, p. 142-151, 2013.

FORMIGA, Nilton Soares. MELLO, Ivana. Testes psicológicos e técnicas projetivas: uma integração para um desenvolvimento da interação interpretativa indivíduo-psicólogo. **Psicologia: ciência e profissão**. Vol. 20, n.2, Brasília: 2000.

FRANCH, Mônica. Amigas, colegas e "falsas amigas". Amizade e sexualidade entre mulheres jovens de grupos populares. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, nº 4, pp. 28-52. Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos, Río de Janeiro, Brasil, 2010.

FREITAS, Miguel *et al.* Qualidade da amizade na adolescência e ajustamento social no grupo de pares. **Análise Psicológica**, v. 36, n. 2, pp. 219-234, Lisboa, junho/2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Ministério da Educação. Censo Educacional 2015. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Ministério da Educação. Censo Educacional 2013. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

KOURY, Mauro Pinheiro Guilherme. Por que as amigadas acabam? Uma análise a partir da noção goffmaniana de vulnerabilidade. *Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad*. N° 17, ano 7, pp. 20-31. Argentina, abril-julho 2015.

KUBOTA, Luis Claudio. **Discriminação contra os estudantes obesos e os muito magros nas escolas brasileiras** – Texto para discussão 1928. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td\\_1928.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_1928.pdf). Acesso em: 27 Fev. 2020.

LEWIS, Sophie *et al.* “I don’t eat a hamburger and large chips every day!” A qualitative study of the impact of public health messages about obesity on obese adults. **BMC public health**, v. 10, n. 309, p. 1-9, 2010.

LIBARDI, Suzana Santos. CASTRO, Lucia Rabello. Violências “sutis”: jovens e grupos de pares na escola. **Fractal, Revista de Psicologia**. v. 26, n. 3, 943-962, set/dez 2014.

LOPES NETO, Aramis. *Bullying*: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 81, n. 5, p. 164-172, nov/2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2020.

MORAIS, Aisiane Cedraz *et al.* Violência Infantil sob a perspectiva de raça/cor: uma revisão integrativa. In: CARVALHO, Rosely Cabral de; SOUZA, Sinara de Lima; SANTOS NETO, Paulo Amaro. **Violência nas escolas: do diagnóstico à intervenção**. Editora CRV, 2019. p. 239-252.

NASCIMENTO, Ohana Cunha *et al.* Adaptação transcultural do inventário *Parcours Amoureux des Jeunes – PAJ* de origem canadense para o contexto brasileiro. **Ciência & Saúde Coletiva**. Vol.20, nº.11, Rio de Janeiro: Novembro, 2015.

OLIVEIRA, Fabiana; ABRAMOWICS, Anete. Infância, raça e “paparicação”. **Educação em revista**, Belo Horizonte, vol. 26, nº 2, p. 209-226, Agosto, 2010.

ONUBR – Nações Unidas no Brasil. **Esporte para o Desenvolvimento e a Paz** - Informativo da ONU no Brasil (2016). Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000244329>. Acesso em: 28 Fev. 2020.

OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde. Saúde nas Américas: Panorama regional e perfis de países. **Publicação Científica e Técnica nº 636**. Washington, DC: OPAS, 2012.

PINTO, Dayse Mota Rosa *et al.* Percepção de alunos/as sobre as causas da violência escolar. **Adolescência & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 12, nº 3, p. 83-87, jul/set 2015.

RIBAS FILHO, Durval *et al.* Avaliação do grau de estigmatização de obesos em população infanto-juvenil de escolas públicas de um município do Estado de São Paulo. **Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica**, v. 7, p. 373-378, 2009.

RIBEIRO, Karla Carolina Silveira. COUTINHO, Maria da Penha de Lima. NASCIMENTO, Emily da Silva. Representação social da depressão em uma Instituição de Ensino da Rede Pública. **Psicologia: ciência e profissão**. Vol. 30, n.3, pp. 448-463, 2010.

SANTOS, Antonio da Silva. Preconceitos instigantes: escolas, professores e alunos fervilhantes. *In*: GOMES, Celma Borges. **Violência nas escolas: em busca de uma cultura da não violência**. Editora CRV, 2015. p. 175-180.

SEBASTIÃO, João *et al.* A produção da violência na escola. **Revista da Escola Superior de Educação de Santarém**, ESES, n° 10, 1999.

STRAUCH, Eliane Schneider *et al.* Uso de álcool por adolescentes: estudo de base populacional. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 647-655, ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielosp.org/pdf/rsp/v43n4/329.pdf>. Acesso em: 26 Fev. 2020.

UNESCO. **Violência escolar e bullying**: relatório sobre a situação mundial. Brasília: UNESCO Brasil, 2019.

UNESCO. **Jogo aberto**: Respostas do setor de educação à violência com base na orientação sexual e na identidade/expressão de gênero. Brasília: UNESCO Brasil, 2017.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados do presente estudo colaboram para um melhor entendimento acerca de algumas características e dinâmicas dos eventos violentos entre jovens estudantes e seus pares, sobretudo no tocante ao perfil desses atos, aos fatores precedentes à perpetração da violência e aos sentimentos vivenciados no relacionamento. Destaca-se que foram analisados 179, dos 213 desenhos-estórias que compuseram a amostra final do presente estudo, os quais foram alocados nas categorias “Violência Psicológica-Verbal” e “Violência Física”, sendo que os 34 restantes pertencem à categoria “Percepção de Consequência Fatal”, em processo de análise, compondo mais um artigo científico sobre o tema estudado.

Em relação ao perfil do ato violento, foram analisadas características referentes ao sexo do agressor e da vítima, aos meios utilizados para perpetração do ato violento e as consequências para o agressor e/ou à relação de amizade. No que tange ao sexo do agressor e da vítima, observou-se predominância do masculino como perpetrador e vítima da violência física e psicológica-verbal. Na categoria “Violência Psicológica-Verbal”, a manifestação mais recorrente foi a humilhação, com agressão verbal (discussão e insulto), enquanto na categoria “Violência Física” foram as “brigas” (embate corporal), além do arremesso de objetos (pedra, barra de ferro) e/ou uso de arma branca (faca).

O *bullying*, a intolerância à aparência física da vítima e atitudes preconceituosas quanto à raça (atitude racista) foram relatados como fatores precedentes à perpetração, tanto da violência física, quanto psicológica-verbal. A intolerância à condição financeira foi ainda citada como atitude anterior ao cometimento da violência psicológica-verbal. A intolerância à orientação sexual, com manifestações homofóbicas; atos violentos durante a prática esportiva (futebol); o consumo de substâncias psicoativas (bebida alcoólica); e a traição foram citados como fatores precedentes/antecedentes e motivadores à perpetração da violência física.

Acerca dos sentimentos vivenciados no relacionamento, a raiva se mostrou presente entre agressores, acrescentada de ciúme, na categoria “Violência Física” e de arrependimento, na categoria “Psicológica-Verbal”. Entre as vítimas, os sentimentos mais citados foram tristeza, com choro, além de medo e sofrimento, nas categorias “Violência Física” e “Psicológica-Verbal”, respectivamente. O término da amizade e a inexistência de consequências ao agressor diante das relações de violência vivenciadas se apresentaram como mais frequentes dentre os relatos dos participantes.

Os relatos em formato de desenho-estória apontaram para a existência da naturalização da violência entre pares, a partir da preponderância de ausência de

consequências para os agressores, colocando em evidência a falta de denúncia dos atos violentos. Também foi observada a dificuldade de superação da experiência violenta, a partir do momento em que o término da amizade predominou entre os relatos, em oposição à retomada do relacionamento.

O contexto de violência repercute negativamente na saúde e educação dos jovens envolvidos em episódios violentos. Nesse sentido, vale ressaltar a importância do fortalecimento da família e da escola, instâncias responsáveis pelo processo primário de socialização e formação, bem como a necessidade de implementação de políticas públicas e investimentos sociais intersetoriais que possam contribuir com ações direcionadas à juventude, visando o convívio social saudável, respeitoso e amigável entre os pares, libertados do ciclo de vitimização/perpetração que envolve múltiplos aspectos sociais, culturais, econômicos e interpessoais.

A convivência pacífica, independente de sexo/gênero, raça, cultura e condição social constitui a base para a formação plena do cidadão, razão pela qual a pesquisa aponta a necessidade de implementação de um plano pedagógico amplo, voltado para a socialização inclusiva, transformando a escola em um ambiente mais atrativo e seguro para os jovens, garantindo uma aprendizagem significativa e comprometida com o bem estar individual e coletivo de cada membro do universo escolar. Para tanto, o sistema de educação pode se valer de estratégias que valorizem os vínculos entre equipes de professores e alunos para o fortalecimento da confiança mútua, favorecendo a construção do conhecimento e da lealdade nas relações de amizade, priorizando iniciativas que estimulem a adoção de um estilo de vida saudável por parte de toda a comunidade escolar. Esses aspectos colaboram com a maturidade para lidar com a frustração dos ganhos e perdas, respeitar diferenças interpessoais e praticar a cooperação mútua entre jovens e seus pares.

Dessa forma, acredita-se que as escolas, enquanto espaços democráticos de formação de cidadãos, possam, efetivamente, contribuir no desenvolvimento de pessoas mais conscientes, tolerantes e que respeitem diferenças, a partir da convivência pacífica e construtiva, evitando e/ou reduzindo eventos violentos sofridos/perpetrados, cujos resultados deixam marcas indeléveis para todos, jovens, professores, familiares e a sociedade em geral.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam *et al.* **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas.** Brasília: UNESCO, 2002.

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violência nas escolas:** versão resumida. Brasília: UNESCO Brasil, 2003.

ABRAMOVAY, Miriam (coord.). **Cotidiano das escolas:** entre violências. Brasília: UNESCO Brasil, 2006.

ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira; VASCONCELLOS, Maria da Penha Costa; DE ALVARENGA, Augusta Thereza. Saúde Pública, Ciências Sociais e as Chamadas Populações Vulneráveis. *In:* ROCHA, Aristides Almeida; CESAR, Chester Luiz Galvão Cesar; RIBEIRO, Helena. **Saúde Pública:** Bases Conceituais. 2. ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2013. p. 337-350.

ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira. **Um olhar sobre os jovens e sua vulnerabilidade social.** São Paulo: AAPCS, 2001.

AGUIAR, Luís Gustavo Daria; BARRERA, Sylvia Domingos. Manifestações de *Bullying* em Diferentes Contextos Escolares: um Estudo Exploratório. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, n. 3, p. 669-682, jul./set. 2017.

AIELLO-VAISBERG, Tânia Maria José. O uso de procedimentos projetivos na pesquisa de representações sociais: projeções e transicionalidade. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 6, n. 2, p.103-127, jan. 1995.

ANUNCIACÃO, Leilane Lacerda; SOUZA, Sinara de Lima. Violência nas escolas: do diagnóstico à intervenção. *In:* DE CARVALHO, Rosely Cabral; SOUZA, Sinara de Lima; SANTOS NETO, Paulo Amaro. **Violência nas escolas:** do diagnóstico à intervenção. Editora CRV, 2019. p. 197-218.

APAV. Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. **Manual Crianças e Jovens vítimas de violência: compreender, intervir e prevenir.** APAV, 2011. ISBN: 978-972-8852-50-4.

ARANHA, Glaucio. Flaminge cyberbullying: o lado negro das novas mídias. Universidade Federal Fluminense. **Revista Eletrônica do Programa de Pós Graduação em Comunicação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 31, p. 122-133, jul./dez.2014.

ASSIS, Simone Gonçalves de *et al.* Situação de crianças e adolescentes brasileiros em relação à saúde mental e à violência. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 349-361, mar./abr. 2009.

BAGGIO, Lissandra; PALAZZO, Lílian S.; AERTS, Denise Rangel Ganzo de Castro. Planejamento suicida entre adolescentes escolares: prevalência e fatores associados. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 142-150, jan. 2009.

BANDURA, Albert; WALTERS, Richard H. **Aprendizaje social y desarrollo de la personalidad**. 1. ed. Madrid: Alianza, 1978.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edição Revista e Ampliada. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARONE, Isabelle. Quem ensina sexo para a criança é “o papai e a mamãe” e não a escola, como diz Bolsonaro? **Gazeta do Povo**, Curitiba, 27 abr. 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/quem-ensina-sexo-para-a-crianca-e-o-papai-e-a-mamae-diz-bolsonaro-o-que-dizem-especialistas/>. Acesso em: 28 jan. 2020.

BATISTA *et al.* Violência na adolescência e suas interfaces com a saúde mental: uma reflexão teórica. In: DE CARVALHO, Rosely Cabral; SOUZA, Sinara de Lima; SANTOS NETO, Paulo Amaro. **Violência nas escolas: do diagnóstico à intervenção**. Curitiba: Editora CRV, 2019. p. 227-238.

BEANE, Alla. **Proteja o seu filho do bullying**. Porto: Porto Editora, 2011.

BITTAR, Daniela Borges; NAKANO, Ana Márcia Spanó. Symbolic violence among adolescents in affective dating relationships. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 51, mar. 2018.

BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda, 1992.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

BRASIL. **Lei Federal nº 13.185** de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*). Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113185.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113185.htm). Acesso em: 3 fev. 2020.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde**. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde. Brasília, 2012.

BRASIL. **Lei Federal nº 11.645** de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm). Acesso em: 13 jan. 2020.

BRASIL. **Lei Federal nº 10.639** de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm). Acesso em: 13 jan. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros**. Brasília, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências**: Portaria CS/MS n. 737 de 16/05/2001 publicada no DOU n. 96 Seção lei, de 18/05/01 Seção 1, Brasília, DF, 18 maio 2001.

BRÊTAS, José Roberto da Silva. Vulnerabilidade e Adolescência. **Revista da Sociedade Brasileira de Enfermeiros Pediatras**, São Paulo, v.10, n. 2, p.89-96, dez. 2010.

BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 123-140, jan/jun 2001.

CÂMARA, Sheila Gonçalves; SARRIERA, Jorge Castellá; CARLOTTO, Mary Sandra. Fatores associados a condutas de enfrentamento violento entre adolescentes escolares. **Estudos de Psicologia**, Natal [online] v. 12, n.3, p. 213-219, dezembro/2007.

CEREZO, Fuensanta; ATO, Manuel. Social status, gender, classroom climate and bullying among adolescents pupils. **Anales de Psicología**, Múrcia/ES, v. 26, n. 1, p. 137-144, enero 2010.

CONCEIÇÃO, Bruno Ricardo Trindade; MARTINS, Cíntia Ribeiro Martins; FREITAS, Renata Bastos. O ciúme romântico entre gêneros: uma visão sociopsicológica. **Revista Psicologia em Foco**, [S.l.], v. 7, n. 9, p. 53-66, jan./jun. 2015.

CONNOLLY, Jennifer; GOLDBERG, Adele. Romantic relationships in adolescence: the role of friends and peers in their emergence and development. *In*: FURMAN, Wyndol; BROWN, B. Bradford; FEIRING, Candice **The development of romantic relationships in adolescence**. New York: Cambridge University Press; 1999. p. 266-290.

COSTA, Maria Conceição Oliveira *et al.* O papel da escola na rede de enfrentamento da violência sexual: professores e alunos na identificação de casos. *In*: Maria Conceição Oliveira Costa (org.). **Violência e vitimização na infância e adolescência: a inclusão da escola no reconhecimento e prevenção**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2013, p. 29-45.

COUTINHO, Maria da Penha de Lima. **Depressão infantil e representação social**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2005.

CUNHA, Antônio; CALVANO, Luiza; LEITE, Álvaro. Prevenção, atenção e controle em saúde da criança e do adolescente. *In*: Jairnilson Silva Paim, Naomar de Almeida Filho (orgs). **Saúde Coletiva – Teoria e Prática**. Rio de Janeiro: MedBook, 2014, p. 541-553.

DA SILVA, Carla *et al.* Violência entre pares: um estudo de caso numa escola pública de Esteio/RS. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 83-93, jan./jun. 2012.

DE FREITAS, Rodrigo Jacob Moreira; DE MOURA, Natana Abreu; MONTEIRO, Ana Ruth Macêdo. Violência contra crianças/adolescentes em sofrimento psíquico e cuidado de enfermagem: reflexões da fenomenologia social. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p.e52887, 2016.

DO NASCIMENTO, Alcione Melo Trindade; MENEZES, Jaileila de Araújo. Intimidações na adolescência: expressões da violência entre pares na cultura escolar. *Psicologia & Sociedade*, v. 25, n. 1, p. 142-151, 2013.

DOS REIS, Sandy Pacheco. **Violência entre Pares no contexto escolar (bullying)** - estudo comparativo. 2015. Dissertação (Mestrado em Riscos e Violências nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social) - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2015.

DOS SANTOS, Karine Brito; MURTA, Sheila Giardini. Influência dos Pares e Educação por Pares na Prevenção à Violência no Namoro. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 36, n. 4, 787-800, out./dez. 2016.

ESPINHEIRA, Filipa; JÓLLUSKIN, Glória. Violência e bullying na escola: um estudo exploratório no 5º ano de escolaridade. **Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais**. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, p. 106-115, 2009.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Verus, 2005.

FORMIGA, Nilton Soares; MELLO, Ivana. Testes psicológicos e técnicas projetivas: uma integração para um desenvolvimento da interação interpretativa indivíduo-psicólogo. **Psicologia: ciência e profissão**. Brasília, v. 20, n. 2, p.12-19 2000.

FRANCH, Mônica. Amigas, colegas e "falsas amigas". Amizade e sexualidade entre mulheres jovens de grupos populares. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, Rio de Janeiro, nº 4, pp. 28-52. Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos, Rio de Janeiro, Brasil, 2010.

FREITAS, Miguel *et al.* Qualidade da amizade na adolescência e ajustamento social no grupo de pares. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 36, n. 2, p. 219-234, jun. 2018.

HAAVET, Ole R.; DALEN, Ingvild; STRAAND, Jørund. Depressive symptoms in adolescent pupils are heavily influenced by the school they go to. A study of 10th grade pupils in Oslo, Norway. *The European Journal of Public Health*, [S.l.], v. 16, n. 4, p. 400-404, 2006.

HILDEBRAND, Natália *et al.* Violência doméstica e risco para problemas de saúde mental em crianças e adolescentes. **Psicologia, Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 213-221, jun. 2015.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Ministério da Educação. Censo Educacional 2015. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Ministério da Educação. Censo Educacional 2013. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Atlas da Violência 2019**. Brasília, 2019. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/190605\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2019.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf) . Acesso em: 20 Set. 2019.

JABES, Valéria Rodrigues Gimenes; COSTA, Jaqueline Batista de Oliveira. O Bullying Escolar na perspectiva do gênero masculino e feminino. 2013. **Colloquium Humanarum**, [S.l.], v. 10, n. 2, p. 63-78, jul/dez 2013.

KOURY, Mauro. Por que as amizades acabam? Uma análise a partir da noção goffmaniana de vulnerabilidade. *Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad*, Córdoba/ARG, v. 7, n. 17, p. 20-31, abr./jun. 2015.

KUBOTA, L. C. Discriminação contra os estudantes obesos e os muito magros nas escolas brasileiras. Rio de Janeiro, RJ: IPEA. 2014.

LEWIS, Sophie et al. " I don't eat a hamburger and large chips every day!" A qualitative study of the impact of public health messages about obesity on obese adults. **BMC Public Health**, [S.l.], v. 10, n. 1, p. 309, 2010.

LIBARDI, Suzana Santos; CASTRO, Lucia Rabello. Violências “sutis”: jovens e grupos de pares na escola. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 3, 943-962, set./dez. 2014.

LISBOA, Carolina Saraiva de Macedo. **Estratégias de coping e agressividade: um estudo comparativo entre vítimas e não vítimas de violência doméstica**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/1809/000308806.pdf?sequence=1&isAllowed=>. Acesso em: 29 Fev. 2020.

LOPES, Marcos Paulo Oliveira; SOUZA, Zannety Conceição Silva do Nascimento. Percepção da violência por meninas adolescentes escolares. *In: DE CARVALHO, Rosely Cabral; SOUZA, Sinara de Lima; SANTOS NETO, Paulo Amaro. Violência nas escolas: do diagnóstico à intervenção*. Editora CRV, 2019. p. 95-124.

LOPES NETO, Aramis Antônio. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 81, n. 5, p. 164-172, nov. 2005.

LOPES NETO, Aramis Antônio; SAAVEDRA, Lúcia Helena. **Diga não para o bullying: programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes**. Rio de Janeiro: ABRÁPIA, 2003.

MELLO, Flávia Carvalho Malta de et al. A prática de bullying entre escolares brasileiros e fatores associados, *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015*. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 9, p. 2939-2948, 2017.

MORAIS, Aisiane Cedraz *et al.* Violência Infantil sob a perspectiva de raça/cor: uma revisão integrativa. *In: CARVALHO, Rosely Cabral de; SOUZA, Sinara de Lima; SANTOS NETO, Paulo Amaro. **Violência nas escolas**: do diagnóstico à intervenção.* Editora CRV, 2019. p. 239-252.

NASCIMENTO, Ohana Cunha *et al.* Adaptação transcultural do inventário *Parcours Amoureux des Jeunes – PAJ* de origem canadense para o contexto brasileiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 11, p. 3417-3426, nov. 2015.

OLIVEIRA, Fabiana; ABRAMOWICS, Anete. Infância, raça e “paparicação”. **Educação em revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p. 209-226, ago. 2010.

OLIVEIRA, Queiti Batista Moreira *et al.* Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19 n.3, p. 707-718, 2014.

OLWEUS, Dan. *Conductas de acoso y amenaza entre escolares*. 3 ed. Madrid: Ediciones Morata, 2007.

ONUBR – Nações Unidas no Brasil. **Esporte para o Desenvolvimento e a Paz** - Informativo da ONU no Brasil (2016). Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000244329>. Acesso em: 28 fev. 2020.

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. Saúde nas Américas: Panorama regional e perfis de países. **Publicação Científica e Técnica n° 636**. Washington, DC: OPAS, 2012.

OQUENDO, Maria A. *et al.* Protective factors against suicidal behavior in Latinos. *The Journal of nervous and mental disease*, [S.l.], v. 193, n. 7, p. 438-443, 2005.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Ação Global Acelerada para a Saúde de Adolescentes (AA-HA!)**: guia de orientação para apoiar a Implementação pelos países. Brasília, 2018. Disponível em: <https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/49095/9789275719985-por.pdf?sequence=5&isAllowed=y> . Acesso em: 30 jan. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Constituição da Organização Mundial da Saúde. Documentos básicos, suplemento da 45ª edição, outubro de 2006. Disponível em: [https://www.who.int/governance/eb/who\\_constitution\\_sp.pdf](https://www.who.int/governance/eb/who_constitution_sp.pdf). Acesso em: 31 jan. 2020.

ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD – OPAS (2003). **Informe mundial sobre la violencia y la salud**. Washington, EUA.

PEREIRA, Fernando Oliveira. Especificidades psicológicas e comportamentais da violência, em particular entre pares na escola – *bullying*. **Cadernos de Investigação Aplicada**, [S.l.], v. 5, p. 55-103, 2011.

PELICIONI, Maria Cecília Focesi; PELICIONI, Andréa Focesi; DE TOLEDO, Renata Ferraz. A Educação e a Comunicação para a Promoção da Saúde. *In: ROCHA, Aristides Almeida; CESAR, Chester Luiz Galvão; RIBEIRO, Helena. **Saúde Pública**: Bases Conceituais*. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2013. p. 199-211.

- PINTO, Dayse Mota Rosa *et al.* Percepção de alunos/as sobre as causas da violência escolar. **Adolescência & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 12, n.º 3, p. 83-87, jul./set. 2015.
- PRIOTTO, Elis Palma; BONETI, Lindomar Wesller. Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola. **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba, v. 9, n. 26, p. 161-179, jan./abr. 2009.
- PRODÓCIMO, Elaine *et al.* Os adolescentes brasileiros e a violência entre pares na escola: o fenômeno visto de dentro para fora. **Interacções**, [S.l.], v. 9, n. 25, p. 202-225, 2013.
- RIBAS FILHO, Durval *et al.* Avaliação do grau de estigmatização de obesos em população infanto-juvenil de escolas públicas de um município do Estado de São Paulo. **Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica**, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 373-378, 2009.
- RIBEIRO, Karla Carolina Silveira. COUTINHO, Maria da Penha de Lima. NASCIMENTO, Emily da Silva. Representação social da depressão em uma Instituição de Ensino da Rede Pública. **Psicologia: ciência e profissão**. [S.l.] v. 30, n. 3, p. 448-463, 2010.
- RISTUM, Marilena *et al.* Enfrentamento de violências e preconceitos nas escolas: com a palavra, os alunos. *In*: CARVALHO, Rosely Cabral de; SOUZA, Sinara de Lima; SANTOS NETO, Paulo Amaro. **Violência nas escolas: do diagnóstico à intervenção**. Editora CRV, 2019. p. 363-381
- ROSÁRIO, Ana Cristina; CANDEIAS, Adelinda; MELO, Madalena. Violência entre pares na adolescência: Um estudo com estudantes no início e no final do 3.º ciclo do ensino básico. **Revista da Associação Portuguesa de Psicologia**, [S.l.], v. 31, n. 2, p. 57-68, 2017.
- SALMIVALLI, Christina; PEETS, Kätlin. Bullying en la escuela: un fenómeno grupal. *In*: ORTEGA, Rosário (Ed.). **Agresividade injustificada, bullying y violencia escolar**. Madri: Alianza Editorial, 2010. p. 81-104
- SANTOS, Andréia Mendes; GROSSI, Patricia Krieger. Fenômeno Bullying: desvendando esta violência nas escolas públicas de Porto Alegre. **Revista Textos & Contextos**, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 286-301, jul/dez 2008.
- SANTOS, Antonia da Silva. Preconceitos instigantes: escolas, professores e alunos fervilhantes. *In*: GOMES, Celma Borges. **Violência nas escolas: em busca de uma cultura da não violência**. Editora CRV, 2015. p. 175-180.
- SEBASTIÃO, João *et al.* A produção da violência na escola. **Revista da ESES**, v. 10, p. 123-135, 1999.
- STRAUCH, Eliane Schneider *et al.* Uso de álcool por adolescentes: estudo de base populacional. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 647-655, ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielosp.org/pdf/rsp/v43n4/329.pdf>. Acesso em: 26 Fev. 2020.
- TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches Teixeira; PORTO, Maria do Rosário Silveira. *Violence, insecurity and "imaginary of fear"*. **Cadernos CEDES**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 47, p.51-66, dez. 1998.

UNESCO. **Violência escolar e bullying**: relatório sobre a situação mundial. Brasília: UNESCO Brasil, 2019.

UNESCO. **Jogo aberto**: Respostas do setor de educação à violência com base na orientação sexual e na identidade/expressão de gênero. Brasília: UNESCO Brasil, 2017.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Violence: a public health priority*. Geneva: WHO, 1996.

## APÊNDICE A

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA  
DEPARTAMENTO DE SAÚDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA



NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar de um estudo sobre violência e adolescência, que é coordenado e tem como pesquisadora responsável a Professora Doutora Maria Conceição Oliveira Costa. A equipe de pesquisa pertence ao Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência – NNEPA da Universidade Estadual de Feira de Santana. Uma pesquisa semelhante já foi realizada no Canadá e através desta, aqui no Brasil, será possível entender e conhecer como ocorre a violência nos laços de amizade e amorosos dos adolescentes, sabendo o porquê de determinadas pessoas cometerem atos violentos e os tipos de violência que acontecem na fase da adolescência. As autoridades, a comunidade e escolas serão informadas sobre os resultados desta pesquisa com relatórios e encontros organizados pela equipe da pesquisa. Dessa forma, a equipe poderá ajudar a prevenir violências entre adolescentes e jovens através de programas, palestras e ações junto ao governo e comunidade para que a sociedade, escolas e autoridades possam se preparar para melhor enfrentar este problema. Você só participa se quiser e as suas respostas ficarão em segredo, em nenhum momento o seu nome será divulgado. Este questionário será respondido por adolescentes alunos de escolas do município de Feira de Santana, em horário permitido pelos professores do dia da pesquisa, onde todos os alunos serão divididos em duas salas, de acordo com a disponibilidade local da escola, para que possam responder mais livremente e de maneira privada os seus questionários. No dia da aplicação estarão presentes pesquisadores devidamente treinados para atender você e tirar dúvidas que possam surgir no momento do preenchimento do questionário. Após você preencher o questionário, ele será guardado em envelopes que serão lacrados e encaminhados para o Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência, no endereço Universidade Estadual de Feira de Santana- Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência. Endereço: Avenida Transnordestina, S/N- Novo Horizonte. Caixa postal: 252 e 294. Tel: (75) 3161 - 8135. CEP: 44036-900-Feira de Santana- BA –Brasil, no Prédio de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, situado atrás do módulo VI. Home page: <http://www.uefs.br>. Seu questionário ficará guardado por 5 anos, em posse única deste Núcleo de Pesquisa, sendo destruído após este período e seu nome jamais será revelado. Em algum momento, ao responder o questionário, se você se sentir constrangido, relembrar momentos que não gostaria de ter vivido ou achar que alguma pergunta é desagradável, caso queira, você poderá desistir de participar da pesquisa, em qualquer momento, sem necessidade de dar explicações ou desculpas de sua desistência, como também poderá pedir informações a qualquer momento que sentir necessidade, pois será acolhido, encaminhado e acompanhado para alguma instituição que possa te ajudar. Caso queira nos procurar depois, se dirija ao endereço acima citado. Sua participação nesta pesquisa não lhe trará despesas. Se você achar que está devidamente sem dúvidas e concordar em participar por vontade própria, assine este documento em duas vias, ficando com uma delas para nos assegurarmos de que você aceitou participar da nossa pesquisa.

Feira de Santana, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20 \_\_\_\_.

Participante: \_\_\_\_\_

Pesquisador Responsável: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE B

### TERMO DE ASSENTIMENTO



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**  
**DEPARTAMENTO DE SAÚDE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA**  
**NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA**



### TERMO DE ASSENTIMENTO

Você está sendo convidado para participar de um estudo sobre violência e adolescência, que é coordenado e tem como pesquisadora responsável a Professora Doutora Maria Conceição Oliveira Costa. A equipe de pesquisa pertence ao Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência – NNEPA da Universidade Estadual de Feira de Santana. Uma pesquisa semelhante já foi realizada no Canadá e através desta, aqui no Brasil, será possível entender e conhecer como ocorre a violência nos laços de amizade e amorosos dos adolescentes, sabendo o porquê de determinadas pessoas cometerem atos violentos e os tipos de violência que acontecem na fase da adolescência. As autoridades, a comunidade e escolas serão informadas sobre os resultados desta pesquisa com relatórios e encontros organizados pela equipe da pesquisa. Dessa forma, a equipe poderá ajudar a prevenir violências entre adolescentes e jovens através de programas, palestras e ações junto ao governo e comunidade para que a sociedade, escolas e autoridades possam se preparar para melhor enfrentar este problema. Você só participa se quiser e as suas respostas ficarão em segredo, em nenhum momento o seu nome será divulgado. Este questionário será respondido por adolescentes alunos de escolas do município de Feira de Santana, em horário permitido pelos professores do dia da pesquisa, onde todos os alunos serão divididos em duas salas, de acordo com a disponibilidade local da escola, para que possam responder mais livremente e de maneira privada os seus questionários. No dia da aplicação estarão presentes pesquisadores devidamente treinados para atender você e tirar dúvidas que possam surgir no momento do preenchimento do questionário. Após você preencher o questionário, ele será guardado em envelopes que serão lacrados e encaminhados para o Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência, no endereço Universidade Estadual de Feira de Santana- Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência. Endereço: Avenida Transnordestina, S/N- Novo Horizonte. Caixa postal: 252 e 294. Tel: (75) 3161 - 8135. CEP: 44036-900-Feira de Santana- BA –Brasil, no Prédio de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, situado atrás do módulo VI. Home page: <http://www.uefs.br>. Seu questionário ficará guardado por 5 anos, em posse única deste Núcleo de Pesquisa, sendo destruído após este período e seu nome jamais será revelado. Em algum momento, ao responder o questionário, se você se sentir constrangido, relembrar momentos que não gostaria de ter vivido ou achar que alguma pergunta é desagradável, caso queira, você poderá desistir de participar da pesquisa, em qualquer momento, sem necessidade de dar explicações ou desculpas de sua desistência, como também poderá pedir informações a qualquer momento que sentir necessidade, pois será acolhido, encaminhado e acompanhado para alguma instituição que possa te ajudar. Caso queira nos procurar depois, se dirija ao endereço acima citado. Sua participação nesta pesquisa não lhe trará despesas. Se você achar que está devidamente sem dúvidas e concordar em participar por vontade própria, assine este documento em duas vias, ficando com uma delas para nos assegurarmos de que você aceitou participar da nossa pesquisa.

Feira de Santana, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20 \_\_\_\_.

Participante: \_\_\_\_\_

Pesquisador Responsável: \_\_\_\_\_

**APÊNDICE C**  
**PREPARAÇÃO DO MATERIAL**

<b>Categoria -</b>	<b>Classificação -</b>
<b>Figura N° _____ Sexo _____ Idade _____ anos</b>	
<b>Desfecho</b>	
<b>Fatores Precedentes</b>	
<b>Consequências ao(à) agressor(a) e/ou à relação de amizade</b>	
<b>Meio usado para o ato de violência</b>	
<b>Agressor</b>	
<b>Vítima</b>	

**APÊNDICE D**  
**EXPLORAÇÃO DO MATERIAL**

**Categoria C – Percepção de Consequência Fatal**

<b>Figura N°: 174 Sexo: Masculino Idade: 16 anos</b>
<b>Personagens envolvidos:</b> Dois amigos do sexo masculino.
<b>Objetos:</b> Arma de fogo
<b>Gestos / Atitudes:</b> Excesso de bebida alcóolica / violência psicológica-verbal (discussão) / “confusão feia” (agressão física mútua)
<b>Sentimentos / Emoções:</b> Não se aplica.
<b>Sinais:</b> Poça de sangue na cabeça da vítima ao chão.
<b>Desfecho:</b> Amigo matou outro por discussão em bar, após consumo excessivo de bebida alcóolica ( <u>morte – homicídio</u> )
<b>Síntese interpretativa do contexto</b>
Neste desenho-história, o participante relatou que dois amigos saíram para beber em um bar e beberam bastante. Por conta de uma discussão entre eles, houve uma “confusão feia” (agressão física mútua), tendo o agressor pego uma arma de fogo dentro do carro e deflagrado um tiro na vítima, levando-a a óbito.
<b>Observações:</b> Violência psicológica-verbal (discussão). Agressão física mútua (“confusão feia”) Desfecho em morte (homicídio do amigo). Agressor – masculino Vítima - masculino

## APÊNDICE E – EXPLORAÇÃO DO MATERIAL

### Categoria C – Percepção de Consequência Fatal

Figura Nº: 174 Sexo: Masculino Idade: 16 anos

#### Título:

Não atribuiu um título.

#### História<sup>1</sup>

Matheus e Kauan eram dois amigos que viviam discutindo sobre vários temas numa certa noite saíram pra beber em um Bar e beberam muito e passaram dos limites (**excesso de bebida**), Matheus começou a discutir com Kauan (**discussão**) e nisso rolou uma confusão feia (**agressão física mútua?**), Matheus tinha uma arma de fogo (**arma de fogo**) dentro do carro, ele foi até o carro e disparou um tiro em Kauan, levando-o a óbito (**homicídio**)

**Fatores precedentes: excesso de bebida alcoólica, violência psicológica-verbal-física, discussão e agressão física mútua (“confusão feia”)**

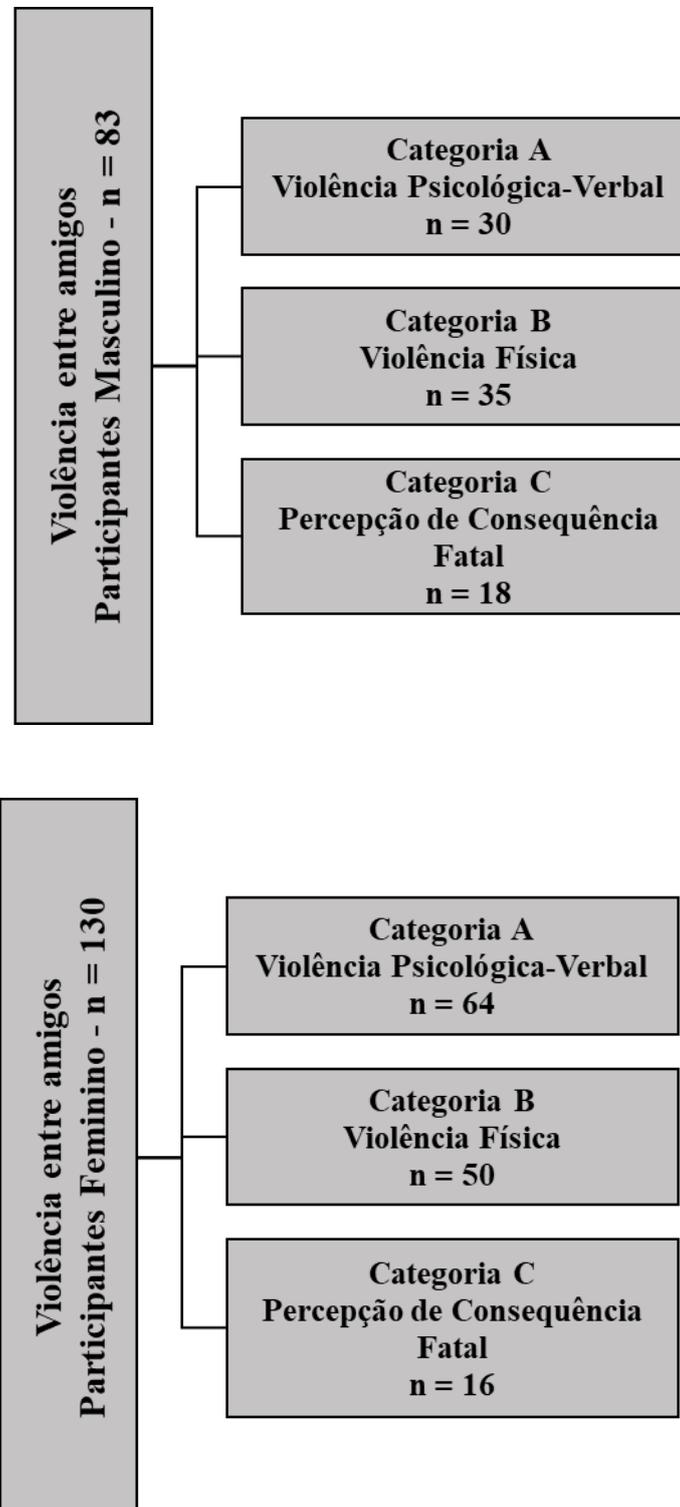
**Consequências: homicídio do amigo**

**Meio usado: arma de fogo<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Descrição, na íntegra, da “estória” relatada pelo(a) participante no preenchimento da Técnica de Coleta de Dados do “Desenho-Estória com Tema”.

<sup>2</sup> Os destaques em vermelho fazem parte da exploração das “estórias”, entre as tarefas da etapa de Pré-Análise (preparação do material)

**APÊNDICE F**  
**CODIFICAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO INICIAL**



## APÊNDICE G

## CATEGORIA A - VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA-VERBAL – PARTICIPANTES MASCULINO

<b>Sujeito Nº</b>	<b>Desfecho</b>	<b>Fatores Precedentes (Atitudes, gestos)</b>	<b>Consequências ao agressor / Sentimentos vivenciados</b>	<b>Meio usado para o ato de violência</b>	<b>Agressor / Vítima</b>
<b>009</b>	Violência Psicológica-Verbal	Bullying, insultos, humilhação (estética).	Passavam a ter a mesma aparência da vítima / Não informado.	Insultos, humilhação.	Masculino / Masculino
<b>025</b>	Violência Psicológica-Verbal	Bullying, discussão, humilhação.	Não informado / Não informado.	Humilhação.	Masculino / Masculino
<b>044</b>	Violência Psicológica-Verbal	Brincadeira, vexame / humilhação.	Não informado / Vergonha (vítima).	Humilhação.	Masculino / Masculino
<b>060</b>	Violência Psicológica-Verbal	Bullying, desprezo, humilhações.	Não informado / Tristeza X felicidade (vítima).	Humilhação.	Masculino / Masculino
<b>078</b>	Violência Psicológica-Verbal	Isolamento, exclusão, não aceitação do jeito de ser.	Não informado / Sofrimento (vítima).	Exclusão.	Não informado / Feminino
<b>082</b>	Violência Psicológica-Verbal	Bullying, insultos, humilhação (estética), atitude passiva dos amigos que testemunhavam a prática do bullying. Omissão.	Expulsão do colégio / Sofrimento (vítima).	Insultos, humilhação.	Masculino / Masculino
<b>088</b>	Violência Psicológica-Verbal	Insultos (desenho), afastamento dos amigos. Isolamento.	Amigos se distanciaram, término da amizade / Solidão (vítima).	Insultos.	Masculino / Masculino
<b>090</b>	Violência Psicológica-Verbal	Insultos, “brincadeiras”.	Não informado / Não informado.	Insultos.	Masculino / Masculino
<b>095</b>	Violência Psicológica-Verbal	Insultos, depressão.	Não informado / Medo (vítima).	Insultos.	Masculino / Masculino
<b>099</b>	Violência Psicológica-Verbal	Bullying, humilhação (estética), insultos, não aceitação do jeito de ser	Não informado / Sofrimento (vítima).	Humilhação, insultos.	Masculino / Masculino

<b>Sujeito N°</b>	<b>Desfecho</b>	<b>Fatores Precedentes (Atitudes, gestos)</b>	<b>Consequências ao agressor / Sentimentos vivenciados</b>	<b>Meio usado para o ato de violência</b>	<b>Agressor / Vítima</b>
<b>108</b>	Violência Psicológica-Verbal	Bullying, insultos, humilhação (estética). Isolamento. Intervenção dos pais e da escola.	Professora conversa com os alunos explicando violência verbal e bullying e agressores deixam de praticar tais condutas. Término das agressões. / Tristeza (vítima), mágoa (vítima).	Insultos, humilhação.	Masculino / Masculino
<b>126</b>	Violência Psicológica-Verbal	Bullying, humilhação, insultos (estética), isolamento	Não informado. / Sofrimento (vítima).	Humilhação, insultos.	Masculino / Masculino
<b>142</b>	Violência Psicológica-Verbal	Bullying, insultos, humilhação (estética), exclusão.	Não informado / Tristeza (vítima), choro (vítima).	Insultos, humilhação.	Masculino e Feminino / Masculino
<b>162</b>	Violência Psicológica-Verbal	Discussão, insultos recíprocos, acusações recíprocas.	Término das agressões e resgate da amizade / Arrependimento (agressor).	Insultos.	Masculino / Masculino
<b>164</b>	Violência Psicológica-Verbal	Bullying, insultos, humilhação, isolamento.	Não informado / Tristeza (vítima), choro (vítima).	Insultos, humilhação.	Masculino / Masculino
<b>171</b>	Violência Psicológica-Verbal	Futebol. Discussão, insultos.	Término da amizade / Não informado.	Discussão, insultos.	Masculino / Masculino
<b>206</b>	Violência Psicológica-Verbal	Troca de insultos com gírias e palavras obscenas aprendidas na internet.	Não informado / Não informado.	Insultos.	Masculino / Masculino
<b>212</b>	Violência Psicológica-Verbal	Bullying, humilhação (estética).	Não informado / Não informado.	Humilhação.	Não identificado / Masculino
<b>214</b>	Violência Psicológica-Verbal	Não aceitação do jeito de ser (estética).	Não informado / Não informado.	Preconceito.	Masculino / Masculino
<b>215</b>	Violência Psicológica-Verbal	Bullying, humilhação (estética), insultos.	Não informado / Choro (vítima), tristeza (vítima).	Humilhação, insultos.	Masculino / Masculino

<b>Sujeito Nº</b>	<b>Desfecho</b>	<b>Fatores Precedentes (Atitudes, gestos)</b>	<b>Consequências ao agressor / Sentimentos vivenciados</b>	<b>Meio usado para o ato de violência</b>	<b>Agressor / Vítima</b>
<b>216</b>	Violência Psicológica-Verbal	Bullying, insultos, humilhação (estética).	Não informado / Não informado.	Insultos, humilhação.	Masculino e Feminino / Masculino
<b>217</b>	Violência Psicológica-Verbal	Amiga cometeu alguma atitude equivocada. Insultos.	Término da amizade / Não informado.	Insultos.	Masculino / Feminino
<b>218</b>	Violência Psicológica-Verbal	Insultos.	Não informado / Não informado.	Insultos.	Masculino (desenho) / Masculino
<b>234</b>	Violência Psicológica-Verbal	Bullying, não aceitação do jeito de ser, humilhação (estética).	Não informado / Não informado.	Humilhação.	Masculino / Masculino
<b>250</b>	Violência Psicológica-Verbal	Humilhação, desrespeito ao biotipo do colega (estética).	Não informado / Não informado.	Humilhação.	Masculino / Masculino
<b>265</b>	Violência Psicológica-Verbal	Humilhações recíprocas por conta da aparência (estética), insultos.	Não informado / Não informado.	Humilhação.	Masculino / Masculino
<b>281</b>	Violência Psicológica-Verbal	Acusações, insultos.	Resgate da amizade / Perdão (agressor).	Insultos.	Não Informado
<b>294</b>	Violência Psicológica-Verbal	Insultos.	Não informado / Não informado.	Insultos.	Masculino / Masculino
<b>322</b>	Violência Psicológica-Verbal	Brincadeira, insultos, humilhações por conta da aparência (estética).	Não informado / Sofrimento, Depressão (vítima).	Insultos.	Masculino / Masculino
<b>326</b>	Violência Psicológica-Verbal	Bullying, insultos (estética), humilhação, assistência médica por ter ficado sem se alimentar para emagrecer e manter a amizade.	Não informado / Ódio (agressor), depressão (vítima).	Insultos, humilhação.	Masculino / Masculino

## APÊNDICE H

## CATEGORIA A - VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA-VERBAL – PARTICIPANTES FEMININO

<b>Sujeito N°</b>	<b>Desfecho</b>	<b>Fatores Precedentes (Atitudes, gestos)</b>	<b>Consequências ao(à) agressor(a) e/ou à relação de amizade / Sentimentos vivenciados</b>	<b>Meio usado para o ato de violência</b>	<b>Agressor(a) / Vítima</b>
<b>003</b>	Violência Psicológica-Verbal	Futebol. Desentendimento. Agressão verbal, insultos. Humilhação, exclusão.	Expulso do time / Não informado.	Insultos, humilhação.	Masculino / Masculino
<b>008</b>	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Intolerância.	Não informado / Esperança (vítima).	Insultos.	Masculino / Masculino
<b>013</b>	Violência Psicológica-Verbal	Questões estéticas. Intolerância. Brincadeira. Humilhação. Agressão verbal. Isolamento.	Não informado / Alegria, mágoa (vítima).	Humilhação. Insultos.	Não informado / Masculino
<b>014</b>	Violência Psicológica-Verbal	Brincadeira. Agressão verbal, insultos. Revanchismo.	Término da amizade / Raiva (agressor), vingança (agressor), revolta (agressor).	Insultos.	Masculino / Masculino
<b>015</b>	Violência Psicológica-Verbal	Possessividade, controle. Ameaça. Ajuda profissional.	Término da amizade / Não informado.	Controle. Ameaça.	Masculino / Masculino
<b>018</b>	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Humilhação. Questões estéticas. Intolerância. Depressão.	Não informado / Tristeza (vítima), choro (vítima).	Insultos. Humilhação.	Feminino / Feminino
<b>019</b>	Violência Psicológica-Verbal	Futebol. Humilhação. Agressão verbal, insultos. Questões estéticas. Intolerância.	Não informado / Tristeza (vítima), choro (vítima).	Insultos. Humilhação.	Masculino / Masculino
<b>020</b>	Violência Psicológica-Verbal	Brincadeira. Agressão verbal, insultos. Questões estéticas. Intolerância. Humilhação. Adoecimento (fraqueza porque ficou sem se alimentar)	Não informado / Repúdio (agressor), indignação (agressor).	Insultos.	Feminino / Feminino
<b>030</b>	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, discussão, insultos. Humilhação. Afastamento.	Término da amizade / Sofrimento (vítima).	Discussão, insultos. Humilhação.	Feminino / Feminino
<b>031</b>	Violência Psicológica-Verbal	Humilhação (condição financeira). Afastamento.	Término da amizade / Não informado.	Humilhação.	Feminino / Feminino

<b>Sujeito Nº</b>	<b>Desfecho</b>	<b>Fatores Precedentes (Atitudes, gestos)</b>	<b>Consequências ao(à) agressor(a) e/ou à relação de amizade / Sentimentos vivenciados</b>	<b>Meio usado para o ato de violência</b>	<b>Agressor(a) / Vítima</b>
<b>036</b>	Violência Psicológica-Verbal	Humilhação. Agressão verbal, insultos. Diálogo.	Resgate da amizade / Tristeza (vítima), choro (vítima), mágoa (vítima), sofrimento (vítima), rejeição (vítima), culpa.	Insultos, humilhação.	Feminino / Feminino
<b>037</b>	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Ameaças, chantagens. Isolamento, afastamento.	Término da amizade / Superação (vítima).	Insultos. Ameaças, chantagens.	Não informado / Feminino
<b>038</b>	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Questões estéticas. Intolerância. Confiança traída. Bullying, humilhação. Revanchismo. Desculpas.	Término da amizade / Raiva (agressor), vingança (agressor), arrependimento (agressor), mágoa (vítima).	Insultos. Bullying, humilhação.	Feminino / Feminino
<b>050</b>	Violência Psicológica-Verbal	Confiança traída. Difamação. Cyberbullying, humilhação. Brincadeiras. Afastamento.	Término da amizade / Decepção (vítima), frustração (vítima).	Difamação. Cyberbullying, humilhação.	Masculino / Masculino
<b>064</b>	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Humilhação.	Não informado / Tristeza (vítima), vergonha (vítima).	Insultos. Humilhação.	Masculino / Masculino
<b>067</b>	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos, discussão.	Término da amizade / Desconfiança (agressor).	Discussão, insultos.	Masculino e Feminino / Masculino e Feminino
<b>069</b>	Violência Psicológica-Verbal	Humilhação. Condição financeira. Maus tratos.	Não informado / Tristeza (vítima), decepção (vítima).	Humilhação, maus tratos.	Feminino / Feminino
<b>072</b>	Violência Psicológica-Verbal	Falsidade ideológica. Agressão verbal, insultos. Desentendimento.	Término da amizade / Raiva (agressor), inveja, decepção (vítima).	Insultos.	Feminino / Feminino
<b>074</b>	Violência Psicológica-Verbal	Humilhação. Brincadeira. Questão estética.	Não informado / Tristeza (vítima), sofrimento (vítima), decepção (vítima), vergonha (vítima).	Humilhação.	Masculino / Feminino
<b>076</b>	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Questões estéticas. Intolerância. Exclusão. Relação de interesses.	Não informado / Tristeza (vítima), decepção (vítima).	Insultos.	Feminino / Feminino

<b>Sujeito Nº</b>	<b>Desfecho</b>	<b>Fatores Precedentes (Atitudes, gestos)</b>	<b>Consequências ao(à) agressor(a) e/ou à relação de amizade / Sentimentos vivenciados</b>	<b>Meio usado para o ato de violência</b>	<b>Agressor(a) / Vítima</b>
<b>084</b>	Violência Psicológica-Verbal	Humilhação. Disputa amorosa.	Não informado / Tristeza (vítima), coragem (vítima), felicidade (vítima).	Humilhação.	Feminino / Feminino
<b>086</b>	Violência Psicológica-Verbal	Humilhação. Questão estética. Agressão verbal, insultos.	Não informado / Tristeza (vítima).	Humilhação. Insultos.	Feminino / Feminino
<b>089</b>	Violência Psicológica-Verbal	Humilhação. Questão estética. Agressão verbal, insultos.	Mudança de comportamento / Superioridade (agressor), superação (vítima).	Humilhação. Insultos.	Feminino / Feminino
<b>091</b>	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Humilhação. Maus tratos. Afastamento.	Término da amizade / Tristeza (vítima), superação (vítima).	Humilhação. Insultos. Maus tratos.	Feminino / Feminino
<b>096</b>	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Humilhação. Questões estéticas. Intolerância.	Não informado / Tristeza (vítima).	Humilhação. Insultos.	Masculino / Masculino
<b>097</b>	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Humilhação. Questões estéticas. Intolerância. Brincadeiras. Denúncia (direção da escola). Impunidade. Mudança de escola.	Não informado / Tristeza (vítima), choro (vítima)	Ofensas. Humilhação.	Masculino / Masculino
<b>116</b>	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Humilhação. Questões estéticas. Intolerância.	Não informado / Tristeza (vítima).	Humilhação. Insultos.	Feminino / Feminino
<b>118</b>	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Humilhação. Questões estéticas. Intolerância.	Não informado / Tristeza (vítima).	Humilhação. Insultos.	Feminino / Feminino
<b>124</b>	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Humilhação. Questões estéticas. Intolerância. Brincadeiras.	Não informado / Tristeza (vítima), choro (vítima).	Humilhação. Insultos.	Masculino / Masculino
<b>131</b>	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Humilhação, depressão. Bullying. Questões estéticas. Intolerância. Saída da escola	Não informado / Tristeza (vítima).	Humilhação. Bullying. Insultos.	Masculino / Masculino

<b>Sujeito Nº</b>	<b>Desfecho</b>	<b>Fatores Precedentes (Atitudes, gestos)</b>	<b>Consequências ao(à) agressor(a) e/ou à relação de amizade / Sentimentos vivenciados</b>	<b>Meio usado para o ato de violência</b>	<b>Agressor(a) / Vítima</b>
<b>156</b>	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Humilhação. Bullying. Brincadeiras. Baixa autoestima. Questões estéticas. Intolerância. Racismo. Desculpas.	Resgate da amizade / Tristeza (vítima), dor (vítima), sofrimento (vítima), arrependimento (agressor), perdão (agressor).	Insultos, humilhação. Bullying.	Feminino / Feminino
<b>157</b>	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Humilhação. Bullying.	Não informado / Tristeza (vítima), choro (vítima).	Insultos. Humilhação. Bullying.	Feminino / Feminino
<b>158</b>	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Humilhação. Bullying. Brincadeira. Depressão. Acompanhamento médico e farmacológico.	Não informado / Tristeza (vítima), solidão (vítima).	Insultos. Humilhação. Bullying.	Masculino / Feminino
<b>173</b>	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Humilhação.	Não informado / Inveja (agressor), Tristeza (vítima), vergonha (vítima).	Insultos. Humilhação.	Masculino / Masculino
<b>175</b>	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Humilhação. Condição financeira. Afastamento. Novas amizades.	Término da amizade / Sofrimento (vítima), choro (vítima), superação (vítima).	Insultos. Humilhação	Feminino / Feminino
<b>187</b>	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Humilhação. Questões estéticas. Intolerância.	Não informado / Tristeza (vítima), vergonha (vítima).	Insultos. Humilhação.	Feminino / Feminino
<b>196</b>	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Humilhação. Questões estéticas. Intolerância. Afastamento.	Término da amizade / Tristeza (vítima).	Insultos. Humilhação.	Feminino / Feminino
<b>201</b>	Violência Psicológica-Verbal	Brincadeiras. Agressão verbal, insultos. Humilhação. Perseguição. Desânimo. Depressão.	Não informado / Sofrimento (vítima), Tristeza (vítima).	Insultos. Humilhação.	Masculino / Masculino
<b>204</b>	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Humilhação. Questões estéticas. Intolerância.	Não informado / Sofrimento (vítima), Tristeza (vítima), choro (vítima).	Insultos. Humilhação.	Feminino / Feminino
<b>209</b>	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Humilhação. Questões estéticas. Intolerância. Afastamento.	Término da amizade / Tristeza (vítima).	Insultos. Humilhação.	Masculino / Masculino

<b>Sujeito Nº</b>	<b>Desfecho</b>	<b>Fatores Precedentes (Atitudes, gestos)</b>	<b>Consequências ao(à) agressor(a) e/ou à relação de amizade / Sentimentos vivenciados</b>	<b>Meio usado para o ato de violência</b>	<b>Agressor(a) / Vítima</b>
210	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Humilhação. Questões estéticas. Intolerância.	Não informado / Tristeza (vítima), vergonha (vítima)	Insultos. Humilhação.	Feminino / Feminino
213	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Humilhação. Questões estéticas. Intolerância. Automedicação e falta de alimentação para tentar emagrecer.	Não informado / Tristeza (vítima).	Insultos. Humilhação.	Feminino / Feminino
220	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Humilhação. Questões estéticas. Intolerância.	Não informado / Tristeza (vítima).	Insultos. Humilhação.	Feminino / Feminino
232	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Humilhação. Questões estéticas. Intolerância. Racismo. Bullying.	Não informado / Tristeza (vítima), choro (vítima).	Insultos. Humilhação. Bullying.	Masculino e Feminino / Feminino
240	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Humilhação. Questões estéticas. Intolerância.	Não informado / Não informado.	Insultos. Humilhação.	Feminino / Feminino
242	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Humilhação. Bullying. Questões estéticas. Intolerância. Intolerância.	Não informado / Tristeza (vítima).	Insultos. Humilhação. Bullying.	Masculino / Masculino
243	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Humilhação. Questões estéticas. Intolerância. Afastamento.	Término da amizade / Superação (vítima).	Insultos. Humilhação.	Feminino / Feminino
245	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Humilhação. Bullying. Questões estéticas. Intolerância.	Término da amizade / Superação (vítima).	Insultos. Humilhação. Bullying	Masculino / Masculino
249	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Humilhação. Implicação. Bullying. Questões estéticas. Intolerância. Racismo.	Não informado / Não informado.	Insultos. Humilhação. Bullying.	Feminino / Feminino
253	Violência Psicológica-Verbal	Desentendimento. Agressão verbal, insultos, difamação.	Término da amizade / Raiva (agressor), vingança (agressor).	Insultos, difamação.	Masculino / Masculino

<b>Sujeito Nº</b>	<b>Desfecho</b>	<b>Fatores Precedentes (Atitudes, gestos)</b>	<b>Consequências ao(à) agressor(a) e/ou à relação de amizade / Sentimentos vivenciados</b>	<b>Meio usado para o ato de violência</b>	<b>Agressor(a) / Vítima</b>
255	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Questões estéticas. Intolerância. Deficiência física. Humilhação.	Não informado / Superioridade (agressor).	Insultos. Humilhação.	Masculino / Masculino
264	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Bullying. Questões estéticas. Intolerância. Humilhação.	Término da amizade / Tristeza (vítima), superação (vítima).	Insultos. Humilhação. Bullying.	Feminino / Feminino
271	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Bullying. Questões estéticas. Intolerância. Humilhação.	Não informado / Tristeza (vítima), superioridade (agressor).	Insultos. Humilhação. Bullying.	Feminino / Feminino
277	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Brincadeira. Bullying. Humilhação.	Não informado / Tristeza (vítima), choro (vítima), sofrimento (vítima), mágoa (vítima).	Insultos. Humilhação. Bullying.	Feminino / Feminino
284	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Humilhação.	Não informado / Tristeza (vítima).	Insultos. Humilhação,	Feminino / Masculino
285	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Bullying. Questões estéticas. Intolerância. Humilhação.	Não informado / Ódio (agressor), repúdio (agressor), sofrimento (vítima), insegurança (vítima).	Insultos. Humilhação. Bullying.	Não informado / Masculino
286	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Bullying. Questões estéticas. Intolerância. Humilhação.	Não informado / Superação (vítima).	Insultos. Humilhação. Bullying.	Feminino / Feminino
291	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Questões estéticas. Intolerância. Racismo. Humilhação.	Não informado / Não informado.	Insultos. Humilhação.	Feminino / Feminino
293	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Questões estéticas. Intolerância. Humilhação. Bullying.	Não informado / Tristeza (vítima).	Insultos. Humilhação. Bullying.	Masculino / Masculino
296	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Humilhação. Brincadeira.	Não informado / Tristeza (vítima), mágoa (vítima).	Insultos. Humilhação.	Masculino / Masculino

<b>Sujeito Nº</b>	<b>Desfecho</b>	<b>Fatores Precedentes (Atitudes, gestos)</b>	<b>Consequências ao(à) agressor(a) e/ou à relação de amizade / Sentimentos vivenciados</b>	<b>Meio usado para o ato de violência</b>	<b>Agressor(a) / Vítima</b>
<b>300</b>	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Questões estéticas. Intolerância. Racismo. Humilhação. Bullying. Rejeição (vítima), exclusão.	Não informado / Tristeza (vítima), choro (vítima), sofrimento (vítima).	Insultos. Humilhação. Bullying.	Feminino / Feminino
<b>301</b>	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Questões estéticas. Intolerância. Racismo. Humilhação. Bullying. Depressão. Pensamento suicida. Denúncia (direção). Resolução da situação.	Não informado / Tristeza (vítima), sofrimento (vítima).	Insultos. Humilhação. Bullying.	Masculino / Masculino
<b>302</b>	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Questões estéticas. Intolerância. Racismo. Humilhação. Brincadeira.	Não informado / Tristeza (vítima).	Insultos. Humilhação.	Masculino / Masculino
<b>307</b>	Violência Psicológica-Verbal	Agressão verbal, insultos. Questões estéticas. Intolerância. Racismo. Humilhação. Afastamento.	Término da amizade / Tristeza (vítima), choro (vítima).	Insultos. Humilhação.	Feminino / Feminino

**APÊNDICE I**  
**CATEGORIA B - VIOLÊNCIA FÍSICA – PARTICIPANTES MASCULINO**

<b>Sujeito Nº</b>	<b>Desfecho</b>	<b>Fatores Precedentes (Atitudes, gestos)</b>	<b>Consequências ao(à) agressor(a) e/ou à relação de amizade / Sentimentos vivenciados</b>	<b>Meio usado para o ato de violência</b>	<b>Agressor / Vítima</b>
<b>010</b>	Violência Física	Desentendimento por motivo banal. Briga.	Não informado / Saudades dos momentos de amizade.	Violência interpessoal (briga, agressão física).	Masculino/ Masculino
<b>016</b>	Violência Física	Bullying (estética), humilhação.	Sem consequências / Tristeza (vítima).	Violência interpessoal (agressão física), bullying, humilhação.	Masculino/ Masculino
<b>027</b>	Violência Física	Agressão verbal, humilhação, bullying.	Não informado / Medo da solidão (vítima).	Violência interpessoal (agressão física), agressão verbal, humilhação, bullying.	Masculino/ Masculino
<b>033</b>	Violência Física	Bebida alcoólica, discussão, briga, insultos.	Não informado / Não informado.	Discussão, insultos, agressão verbal. Violência interpessoal (briga, agressão física).	Masculino/ Masculino
<b>042</b>	Violência Física	Discussão, futebol, insultos, briga, agressão verbal.	Ida à delegacia, resgate da amizade/ Não informado.	Discussão, insultos, agressão verbal. Violência interpessoal (briga, agressão física).	Masculino/ Masculino
<b>055</b>	Violência Física	Brincadeira constrangedora envolvendo a estética do agressor, discussão, agressão verbal.	Término da amizade / Não informado.	Discussão, violência interpessoal (agressão física).	Masculino/ Masculino
<b>056</b>	Violência Física	Discussões reiteradas por motivos banais. Brigas, agressão verbal.	Término da amizade / Não informado.	Discussões. Violência interpessoal (brigas, agressão física).	Masculino/ Masculino
<b>059</b>	Violência Física	Agressão verbal. Humilhação, insultos, exclusão, não aceitação do jeito de ser. Omissão por parte do educador responsável.	Não informado / Ódio (agressor), Isolamento (vítima).	Humilhação. Agressão verbal, insultos, Violência interpessoal (agressão física).	Masculino/ Masculino
<b>066</b>	Violência Física	Brincadeiras provocativas de um dos amigos com os outros dois, insulto, briga, busca de ajuda.	Término da amizade, afastamento / Não informado.	Material - pedra.	Masculino/ Masculino
<b>068</b>	Violência Física	Vítima trai a relação de confiança do agressor e se envolve com a garota que o agressor estava apaixonado. Briga. Atendimento médico.	Não informado / Choro (vítima), irritação (agressor), raiva (agressor) (agressor).	Violência interpessoal (agressão física, briga).	Masculino/ Masculino

<b>Sujeito Nº</b>	<b>Desfecho</b>	<b>Fatores Precedentes (Atitudes, gestos)</b>	<b>Consequências ao(à) agressor(a) e/ou à relação de amizade / Sentimentos vivenciados</b>	<b>Meio usado para o ato de violência</b>	<b>Agressor / Vítima</b>
<b>083</b>	Violência Física	Futebol, briga.	Desculpas, resgate da amizade / Irritação (agressor), arrependimento (agressor).	Violência interpessoal (briga. agressão física).	Masculino/ Masculino
<b>087</b>	Violência Física	Humilhação, agressão verbal realizada pela vítima envolvendo a estética do agressor.	Não informado / Raiva (agressor).	Violência interpessoal (briga. agressão física). Agressão verbal. Humilhação.	Masculino/ Masculino
<b>092</b>	Violência Física	Futebol. Briga.	Término da amizade / Não informado.	Violência interpessoal (briga. agressão física).	Masculino/ Masculino
<b>112</b>	Violência Física	Humilhação, agressão verbal realizada pela vítima envolvendo a estética do agressor, bullying.	Não informado / Não informado.	Material – pedra. Agressão verbal. Humilhação. Bullying.	Masculino/ Masculino
<b>117</b>	Violência Física	Futebol, briga agressão verbal, insultos.	Não informado / Irritação.	Insultos. Agressão verbal. Violência interpessoal (briga. agressão física).	Masculino/ Masculino
<b>121</b>	Violência Física	Suposta traição da vítima com a namorada do agressor. Briga. Afastamento dos amigos.	Desculpas. Perdão. Resgate da amizade / Arrependimento (agressor).	Violência interpessoal (briga. agressão física).	Masculino/ Masculino
<b>122</b>	Violência Física	Futebol. Briga.	Não informado / Não informado.	Violência interpessoal (briga. agressão física).	Masculino/ Masculino
<b>123</b>	Violência Física	Não aceitação do jeito de ser (estética), humilhações, bullying, exclusão, fuga de casa.	Não informado / Choro (vítima), tristeza (vítima).	Humilhações, bullying. Violência interpessoal (agressão física).	Masculino/ Masculino
<b>129</b>	Violência Física	Traição com a paquera do amigo. Briga.	Não informado / Ciúmes (agressor).	Violência interpessoal (briga. agressão física).	Masculino/ Masculino
<b>133</b>	Violência Física	Futebol. Briga.	Não informado / Não informado.	Violência interpessoal (briga. agressão física).	Masculino/ Masculino

<b>Sujeito Nº</b>	<b>Desfecho</b>	<b>Fatores Precedentes (Atitudes, gestos)</b>	<b>Consequências ao(à) agressor(a) e/ou à relação de amizade / Sentimentos vivenciados</b>	<b>Meio usado para o ato de violência</b>	<b>Agressor / Vítima</b>
<b>136</b>	Violência Física	Futebol. Discussão. Briga.	Não informado / Não informado.	Discussão. Violência interpessoal (briga. agressão física).	Masculino/ Masculino
<b>138</b>	Violência Física	Desentendimento por motivo banal (empréstimo de jogo de vídeo game).	Conhecimento sobre a verdade, pedido de desculpas, perdão / Medo (vítima), irritação (agressor), raiva (agressor), choro (vítima).	Violência interpessoal (agressão física - soco).	Masculino/ Masculino
<b>150</b>	Violência Física	Bebida em bar, discordância política, discussão.	Não informado / Não informado.	Violência interpessoal (briga. agressão física).	Masculino/ Masculino
<b>152</b>	Violência Física	Futebol, desentendimento.	Não informado / Não informado.	Violência interpessoal (briga. agressão física).	Masculino/ Masculino
<b>165</b>	Violência Física	Sentimento não correspondido, violência sexual (“violentar”).	Não informado. / Não informado.	Violência interpessoal (agressão física, violência sexual)	Masculino/ Feminino
<b>176</b>	Violência Física	Excesso de ingestão de bebida alcoólica. Briga, futebol.	Encaminhamento para delegacia. / Não informado.	Violência interpessoal (agressão física).	Masculino/ Masculino
<b>177</b>	Violência Física	Discussão, agressão verbal. Briga por conta de discordância política.	Término da amizade / Não informado.	Discussão. Agressão verbal. Violência interpessoal (briga. agressão física).	Masculino/ Masculino
<b>191</b>	Violência Física.	Discussão. Desentendimento por motivo banal.	Não informado / Tristeza (vítima).	Discussão. Violência interpessoal (agressão física).	Masculino/ Masculino
<b>192</b>	Violência Física.	Humilhações. Agressão física com barra de ferro.	Pedido de desculpas / Raiva (agressor), arrependimento (agressor).	Material – barra de ferro. Humilhações.	Masculino/ Masculino
<b>198</b>	Violência Física.	Brincadeira violenta. Briga.	Término da amizade / Não informado.	Violência interpessoal (briga. agressão física – soco).	Masculino/ Masculino

<b>Sujeito Nº</b>	<b>Desfecho</b>	<b>Fatores Precedentes (Atitudes, gestos)</b>	<b>Consequências ao(à) agressor(a) e/ou à relação de amizade / Sentimentos vivenciados</b>	<b>Meio usado para o ato de violência</b>	<b>Agressor / Vítima</b>
<b>236</b>	Violência Física	Futebol. Discussão. Briga.	Resgate da amizade, continuidade das brigas / Não informado.	Discussão. Violência interpessoal (briga. agressão física).	Masculino/ Masculino
<b>239</b>	Violência Física.	Não aceitação do jeito de ser (questão estética), brigas.	Não informado / Não informado.	Violência interpessoal (briga. agressão física).	Masculino/ Masculino
<b>257</b>	Violência Física.	Futebol, discussão, agressão verbal, briga.	Término da amizade / Não informado.	Discussão. Violência interpessoal (briga. agressão física).	Masculino/ Masculino
<b>266</b>	Violência Física	Paixão pela mesma garota. Briga.	Não informado / Paixão (agressor).	Violência interpessoal (briga. agressão física).	Masculino/ Masculino
<b>276</b>	Violência Física	Desentendimento por motivo banal. Briga.	Não informado / Não informado.	Violência interpessoal (briga. agressão física).	Masculino/ Masculino

**APÊNDICE J**  
**CATEGORIA B - VIOLÊNCIA FÍSICA – PARTICIPANTES FEMININO**

<b>Sujeito Nº</b>	<b>Desfecho</b>	<b>Fatores Precedentes (Atitudes, gestos)</b>	<b>Consequências ao(à) agressor(a) e/ou à relação de amizade / Sentimentos vivenciados</b>	<b>Meio usado para o ato de violência</b>	<b>Agressor(a) / Vítima</b>
<b>002</b>	Violência Física	Agressão física reiterada.	Término da amizade / Tristeza (vítima).	Violência interpessoal (agressão física - bater).	Masculino / Feminino
<b>005</b>	Violência Física.	Agressão física, briga.	Não informado / Não informado.	Violência interpessoal (agressão física – apertar, dar tapa).	Masculino / Feminino
<b>012</b>	Violência Física	Agressão física, possessividade.	Término da amizade / Ciúmes (agressor).	Violência interpessoal (agressão física - bater).	Feminino / Feminino
<b>017</b>	Violência Física	Agressão verbal, insultos. Agressão física, briga.	Término da amizade / Ciúmes (agressor), irritação (agressor), revolta (agressor).	Violência interpessoal (briga, agressão física; agressão verbal, insultos.).	Masculino / Masculino
<b>021</b>	Violência Física	Futebol. Desentendimento. Agressão física. Agressão verbal, insultos. Humilhação.	Não informado / Revolta (agressor), raiva (agressor).	Violência interpessoal (agressão física; agressão verbal; humilhação).	Masculino / Masculino
<b>022</b>	Violência Física	Orientação sexual. Intolerância. Futebol. Expulso do time. Humilhação. Agressão verbal, insultos. Agressão física.	Não informado / Não informado.	Violência interpessoal (agressão física; gozação, humilhação; insultos)	Masculino / Masculino
<b>032</b>	Violência Física	Agressão verbal, insultos, ameaça. Agressão física. Violência psicológica, humilhação. Denúncia. Término das agressões.	Não informado / Tristeza (vítima), medo (vítima).	Violência interpessoal (agressão física; agressão verbal, insultos; humilhação).	Masculino / Feminino
<b>035</b>	Violência Física	Agressão verbal, insultos. Agressão física. Intolerância.	Não informado / Não informado.	Violência interpessoal (agressão física – bater; agressão verbal, insultos).	Masculino / Masculino
<b>039</b>	Violência Física	Agressão verbal, insultos. Agressão física. Racismo. Intolerância.	Não informado / Não informado.	Violência interpessoal (agressão física – chutes; agressão verbal, insultos).	Masculino / Masculino
<b>043</b>	Violência Física	Agressão física. Agressão verbal, insultos. Violência psicológica, humilhação. Questões estéticas. Intolerância. Orientação sexual.	Não informado / Tristeza (vítima), choro (vítima), sofrimento (vítima), decepção (vítima).	Violência interpessoal (agressão física – espancar; humilhação; agressão verbal, insultos,).	Masculino / Masculino

<b>Sujeito Nº</b>	<b>Desfecho</b>	<b>Fatores Precedentes (Atitudes, gestos)</b>	<b>Consequências ao(à) agressor(a) e/ou à relação de amizade / Sentimentos vivenciados</b>	<b>Meio usado para o ato de violência</b>	<b>Agressor(a) / Vítima</b>
<b>046</b>	Violência Física	Brincadeiras. Agressão física. Conversa. Término das agressões.	Resgate da amizade / Raiva (agressor), revolta (agressor).	Violência interpessoal (agressão física – bater, dar tapa).	Masculino / Masculino
<b>052</b>	Violência Física	Agressão física. Agressão verbal, insultos, discussão. Ameaça. Gestos inadequados.	Não informado / Raiva (agressor), vingança (agressor).	Violência interpessoal (agressão física – empurrar, bater; agressão verbal, insultos, discussão).	Feminino / Masculino
<b>053</b>	Violência Física	Violência psicológica, humilhação. Bullying. Agressão física. Reclusão, autoconfinamento.	Não informado / Tristeza (vítima), solidão (vítima).	Violência interpessoal (agressão física - tapa).	Feminino / Feminino
<b>058</b>	Violência Física	Agressão física. Agressão verbal, insulto. Intolerância. (orientação sexual). Homofobia. Exclusão.	Não informado / Raiva (agressor), tristeza (vítima), choro (vítima).	Violência interpessoal (agressão física – bater; agressão verbal, insultos).	Masculino / Masculino
<b>061</b>	Violência Física	Desentendimentos. Agressão física.	Não informado / Não informado.	Violência interpessoal (agressão física).	Masculino / Masculino
<b>062</b>	Violência Física	Agressão física, briga.	Término da amizade / Raiva (agressor).	Violência interpessoal (agressão física, briga)	Masculino / Masculino
<b>063</b>	Violência Física	Brincadeiras. Agressão física.	Término da amizade / Tristeza (vítima), choro (vítima), aborrecimento (vítima).	Violência interpessoal (agressão física - bater)	Masculino / Masculino
<b>065</b>	Violência Física	Disputa amorosa. Agressão física, briga.	Término da amizade / Raiva (agressor).	Violência interpessoal (agressão física, briga)	Masculino / Masculino
<b>079</b>	Violência Física	Agressão física.	Não informado / Ciúmes (agressor).	Violência interpessoal (agressão física).	Masculino / Masculino
<b>081</b>	Violência Física	Brincadeira. Agressão física. Desmaio.	Não informado / Não informado.	Violência interpessoal (agressão física - murro).	Masculino / Masculino

<b>Sujeito N°</b>	<b>Desfecho</b>	<b>Fatores Precedentes (Atitudes, gestos)</b>	<b>Consequências ao(à) agressor(a) e/ou à relação de amizade / Sentimentos vivenciados</b>	<b>Meio usado para o ato de violência</b>	<b>Agressor(a) / Vítima</b>
<b>100</b>	Violência Física	Sentimento não correspondido. Sequestro. Violência sexual. Agressão física. Denúncia. Mudança de cidade. Tratamento psicológico.	Preso / Paixão (agressor), ciúmes (agressor), raiva (agressor), ira (agressor), obsessão (agressor), vingança (agressor), desespero (vítima), tristeza (vítima), choro (vítima).	Violência interpessoal (agressão física – violência sexual).	Masculino / Feminino
<b>101</b>	Violência Física	Discussão. Agressão física, briga.	Não informado / Não informado.	Violência interpessoal (briga. agressão física; discussão).	Masculino / Masculino
<b>103</b>	Violência Física	Confiança traída. Agressão física, briga. Agressão verbal.	Não informado / Aborrecimento (vítima).	Violência interpessoal (agressão física – puxão de cabelo, tapa bater; briga; agressão verbal).	Feminino / Feminino
<b>107</b>	Violência Física	Furto. Empréstimo. Agressão física. Justiça.	Não informado / Tristeza (vítima), choro (vítima), vingança (agressor).	Violência interpessoal (agressão física ).	Feminino / Feminino
<b>130</b>	Violência Física	Agressão física. Violência psicológica. Humilhação. Questões estéticas. Intolerância. Exclusão.	Não informado / Tristeza (vítima), choro (vítima), desprezo (vítima).	Violência interpessoal (agressão física; humilhação).	Feminino / Feminino
<b>132</b>	Violência Física	Violência psicológica. Humilhação. Bullying, cyberbullying. Racismo. Intolerância. Denúncia. Mudança de cidade. Recordações.	Não informado / Tristeza (vítima), choro (vítima), sofrimento (vítima).	Violência interpessoal (agressão física – chutes; agressão verbal; humilhação).	Masculino / Feminino
<b>139</b>	Violência Física	Disputa amorosa. Agressão física.	Não informado / Ciúmes (agressor).	Violência interpessoal (agressão física – tapa).	Masculino / Masculino
<b>143</b>	Violência Física	Agressão física, briga. Discordância política.	Não informado / Não informado.	Violência interpessoal (agressão física – derrubar, briga).	Masculino / Masculino
<b>151</b>	Violência Física	Agressão verbal, insulto, discussão. Agressão física. Violência psicológica, humilhação. Questões estéticas. Intolerância. Diálogo dos pais. Término das agressões.	Não informado / Dor (vítima), raiva (agressor).	Material – pedra. Violência interpessoal (agressão verbal, insultos, discussão; humilhação).	Masculino / Masculino
<b>166</b>	Violência Física	Consumo de substâncias psicoativas (bebida alcoólica). Disputa amorosa. Discussão. Agressão física. Expulsão da festa.	Término da amizade / Ciúmes (agressor).	Violência interpessoal (agressão física – bater; discussão).	Masculino / Masculino

<b>Sujeito Nº</b>	<b>Desfecho</b>	<b>Fatores Precedentes (Atitudes, gestos)</b>	<b>Consequências ao(à) agressor(a) e/ou à relação de amizade / Sentimentos vivenciados</b>	<b>Meio usado para o ato de violência</b>	<b>Agressor(a) / Vítima</b>
172	Violência Física	Desentendimento. Agressão verbal, insulto, ameaças, discussão. Agressão física. Violência psicológica, humilhação. Diálogo.	Resgate da amizade / Tristeza (vítima), ódio (agressor).	Violência interpessoal (agressão física – tapa; agressão verbal, insultos, ameaça; humilhação).	Feminino / Feminino
181	Violência Física	Disputa amorosa. Confiança traída. Agressão física, briga. Agressão verbal, insulto.	Não informado/ Ciúmes (agressor), raiva (agressor).	Violência interpessoal (agressão física, briga – socos, chutes; agressão verbal, insultos).	Masculino / Masculino
182	Violência Física	Agressão verbal, insultos. Agressão física.	Não informado / Tristeza (vítima), sofrimento (vítima), inveja (agressor).	Violência interpessoal (agressão física – bater; agressão verbal, insultos.).	Feminino / Feminino
188	Violência Física	Cobrança de dívida. Confiança traída. Agressão verbal, insultos, discussão. Agressão física, briga.	Não informado / tristeza (vítima).	Violência interpessoal (briga. Agressão física; agressão verbal, insultos, discussão).	Masculino / Masculino
190	Violência Física	Agressão verbal, insultos. Agressão física. Violência psicológica, humilhação. Intolerância. (questões estéticas).	Não informado / Tristeza (vítima), sofrimento (vítima).	Violência interpessoal (agressão física – murro; agressão verbal, insultos; humilhação).	Masculino / Masculino
193	Violência Física	Agressão verbal, insultos, ameaça. Agressão física.	Não informado / Tristeza (vítima), sofrimento (vítima).	Violência interpessoal (agressão física – murro; agressão verbal, insultos, ameaça).	Masculino / Masculino
194	Violência Física	Consumo de substâncias psicoativas (bebida alcoólica). Agressão verbal, insultos. Agressão física. Denúncia (pais). Mudança de escola.	Não informado / Raiva (agressor), tristeza (vítima), dor (vítima).	Violência interpessoal (agressão física – soco; agressão verbal – insultos).	Masculino e Feminino / Feminino
195	Violência Física	Futebol. Desentendimento. Agressão verbal, insultos, discussão, ameaça. Agressão física.	Término da amizade / Raiva (agressor), irritação (agressor).	Violência interpessoal (agressão física – murros, tapas, chutes; agressão verbal, insultos, discussão, ameaça)	Masculino / Masculino
197	Violência Física	Agressão verbal, insultos. Agressão física. Denúncia (diretor da escola).	Não informado / Tristeza (vítima).	Material – faca. Violência interpessoal (agressão verbal, insultos).	Masculino / Masculino
224	Violência Física	Agressão verbal, insultos. Agressão física. Humilhação. Bullying. Ação educativa na escola sobre bullying.	Pediram desculpas / Tristeza (vítima), choro (vítima), sofrimento (vítima), dor (vítima).	Violência interpessoal (agressão física – bater, tapas; agressão verbal, insultos; humilhação, bullying).	Masculino / Masculino

<b>Sujeito Nº</b>	<b>Desfecho</b>	<b>Fatores Precedentes (Atitudes, gestos)</b>	<b>Consequências ao(à) agressor(a) e/ou à relação de amizade / Sentimentos vivenciados</b>	<b>Meio usado para o ato de violência</b>	<b>Agressor(a) / Vítima</b>
<b>233</b>	Violência Física	Desentendimento. Agressão física. Agressão verbal, insultos. Desculpas.	Resgate da amizade / Tristeza (vítima), choro (vítima), arrependimento (agressor), perdão (agressor).	Violência interpessoal (agressão física – tapa; agressão verbal – insultos).	Feminino / Feminino
<b>258</b>	Violência Física	Futebol. Desentendimento. Agressão física, briga.	Término da amizade / Raiva (agressor), dor (vítima).	Violência interpessoal (agressão física, briga).	Masculino / Masculino
<b>260</b>	Violência Física	Agressão física, briga.	Não informado / Raiva (agressor), fúria (agressor).	Violência interpessoal (agressão física, briga, surra).	Masculino / Masculino
<b>274</b>	Violência Física	Agressão verbal. Agressão física.	Não informado / Ciúme (agressor), inveja (agressor).	Violência interpessoal (agressão física; agressão verbal).	Feminino / Feminino
<b>282</b>	Violência Física	Futebol. Desentendimento. Agressão verbal, insultos. Agressão física.	Não informado / Não informado.	Violência interpessoal (agressão física; agressão verbal, insultos).	Masculino / Masculino
<b>298</b>	Violência Física	Agressão verbal, insultos. Agressão física. Homofobia. Intolerância (orientação sexual).	Término da amizade / Tristeza (vítima).	Violência interpessoal (agressão física; agressão verbal, insultos).	Masculino / Masculino
<b>299</b>	Violência Física	Disputa amorosa. Agressão verbal, insultos, discussão. Agressão física.	Não informado / Ciúme (agressor).	Violência interpessoal (agressão física – empurrar, derrubar; agressão verbal, insultos, discussão).	Feminino / Feminino
<b>304</b>	Violência Física	Agressão verbal, insultos. Agressão física. Violência psicológica, humilhação. Homofobia. Intolerância. (orientação sexual).	Término da amizade / Dor (vítima).	Violência interpessoal (agressão física – bater; agressão verbal, insultos; humilhação).	Masculino / Masculino
<b>308</b>	Violência Física	Futebol. Desentendimento. Discussão, ameaça. Agressão física.	Preso / Não informado.	Material – faca. Violência interpessoal (discussão).	Masculino / Masculino
<b>320</b>	Violência Física	Agressão física. Agressão verbal, insultos.	Término da amizade / Raiva (agressor), ciúmes (agressor).	Violência interpessoal (agressão física; agressão verbal, insultos).	Feminino / Feminino

**APÊNDICE K – CATEGORIA C – PERCEPÇÃO DE CONSEQUÊNCIA FATAL – PARTICIPANTES MASCULINO**

<b>Sujeito Nº</b>	<b>Desfecho</b>	<b>Fatores Precedentes (Atitudes, gestos)</b>	<b>Consequências ao(à) agressor(a) e/ou à relação de amizade / Sentimentos vivenciados</b>	<b>Meio usado para o ato de violência</b>	<b>Agressor/ Vítima</b>
<b>006</b>	Homicídio	Agressão física (empurrar, dar tapa, provocar queda)	Sem consequências / Culpa	Violência Interpessoal (agressão física - empurrar, tapear, provocar queda)	Masculino/ Masculino
<b>034</b>	Suicídio	Violência psicológica-verbal. Bullying e cyberbullying (questões estéticas). Humilhações. Isolamento, exclusão.	Não informado / Não informado	Violência Interpessoal (agressão física).	Masculino/ Masculino
<b>048</b>	Suicídio	Violência psicológica-verbal. Insultos. Bullying (questões estéticas). Isolamento, exclusão.	Não informado / Choro (vítima), vergonha (vítima).	Material – Corda	Masculino/ Masculino
<b>049</b>	Suicídio	Violência psicológica-verbal. Insultos. Bullying.	Não informado / Sofrimento (vítima).	Violência Interpessoal (agressão física)	Masculino/ Masculino
<b>054</b>	Homicídio	Consumo de bebida alcoólica Violência Psicológica/Verbal/Física (Briga)	Sem consequências / Raiva (agressor)	Material – Arma de fogo	Masculino/ Masculino
<b>073</b>	Suicídio	Humilhações, violência psicológica, bullying. Exclusão, isolamento.	Não informado / Tristeza (vítima), desespero (vítima).	Violência Interpessoal (agressão física)	Masculino/ Masculino
<b>125</b>	Homicídio seguido por Suicídio	Violência psicológica-verbal (insultos, ameaças), bullying.	Matou o autor das agressões verbais e do bullying e se matou / Não informado.	Violência Interpessoal (agressão física)	Masculino/ Masculino
<b>134</b>	Duplo Homicídio	Violência Psicológica/Verbal (Discussão). Traição da parceira	Sem consequências / Vingança (agressor)	Material – Arma de fogo	Masculino/ Feminina
<b>155</b>	Suicídio	Violência psicológica transvestida de brincadeira, bullying.	Não informado / Tristeza (vítima), decepção (vítima).	Violência Interpessoal (agressão física)	Masculino/ Masculino
<b>174</b>	Homicídio	Consumo de bebida alcoólica Violência Psicológica/Verbal /Física (Discussão, Briga)	Sem consequências	Material – Arma de fogo	Masculino/ Masculino

<b>Sujeito N°</b>	<b>Desfecho</b>	<b>Fatores Precedentes (Atitudes, gestos)</b>	<b>Consequências ao agressor / Sentimentos vivenciados</b>	<b>Meio usado para o ato de violência</b>	<b>Agressor / Vítima</b>
178	Suicídio	Violência psicológica-verbal, bullying (questões estéticas). Insultos. Humilhação (“zoado”).	Não informado / Sofrimento (vítima).	Violência Interpessoal (agressão física)	Masculino/ Masculino
184	Homicídio	Agressão Física (Socos, Briga)	Sem consequências	Violência Interpessoal (agressão física)	Masculino/ Masculino
207	Homicídio	Delito (assalto) cometido por parceiros contra vítima feminina. Agressão física, briga.	Sem consequências	Material – Arma de fogo	Masculino/ Feminino
222	Homicídio	Disputa amorosa entre parceiros	Sem consequências / Paixão (agressor), raiva (agressor), ciúme (agressor).	Material – Arma de fogo	Masculino/ Masculino
256	Tentativa de Suicídio	Violência psicológica-verbal, bullying (estética), insultos, humilhação, automutilação	Não informado / Tristeza (vítima), choro (vítima), sofrimento (vítima) x felicidade (vítima).	Violência Interpessoal (agressão física)	Masculino/ Masculino
292	Suicídio	Violência psicológica-verbal (difamações, críticas), bullying. Agressão física (“bater”).	Não informado / Medo (vítima).	Violência Interpessoal (agressão física)	Masculino/ Masculino
309	Homicídio	Traição da parceira com o melhor amigo	Sem consequências / Raiva (agressor).	Material – Arma de fogo	Masculino/ Masculino
323	Duplo Homicídio	Bullying / Violência psicológica/Verbal (Discussão)	Sem consequências / Raiva (agressor) pelos apelidos atribuídos por dois amigos / respeito (agressor) ao amigo que repreendeu os outros dois amigos.	Material – Arma de fogo	Masculino/ Masculino

**APÊNDICE L - CATEGORIA C – PERCEPÇÃO DE CONSEQUÊNCIA FATAL – PARTICIPANTES FEMININO**

<b>Sujeito Nº</b>	<b>Desfecho</b>	<b>Fatores Precedentes (Atitudes, gestos)</b>	<b>Consequências ao(à) agressor(a) e/ou à relação de amizade / Sentimentos vivenciados</b>	<b>Meio usado para o ato de violência</b>	<b>Agressor(a)/ Vítima</b>
<b>024</b>	Homicídio seguido por Suicídio	Sentimento não correspondido.	Não informado / Paixão (agressor), frustração (vítima).	Violência Interpessoal (agressão física)	Masculino/ Feminino
<b>041</b>	Múltiplos Homicídios seguidos por Suicídio	Violência psicológica. Bullying (questões estéticas). Intolerância. Humilhações.	Não informado / Raiva (agressor).	Material – Arma de fogo	Masculino/ Não informado
<b>066</b>	Suicídio	Isolamento. Violência psicológica. Questões estéticas. Intolerância.	Não informado / Tristeza (vítima), sofrimento (vítima).	Violência Interpessoal (agressão física)	Masculino/ Masculino
<b>119</b>	Ameaça de Morte	Confiança traída. Briga.	Mudou de colégio, término da amizade / Raiva (agressor), ódio (agressor).	Violência Interpessoal (agressão física, briga, agressão verbal)	Masculino/ Masculino
<b>135</b>	Suicídio	Agressão física, agressão verbal, violência psicológica, humilhação. Questões estéticas, racismo, intolerância.	Não informado / Tristeza (vítima), sofrimento (vítima).	Violência Interpessoal (agressão física – bater, jogar no chão, pisar; agressão verbal)	Masculino/ Feminino
<b>144</b>	Tentativa de Homicídio	Confiança traída.	Não informado / Ciúmes (agressor).	Material – Faca (arma branca)	Masculino/ Masculino
<b>146</b>	Homicídio	Uso de substâncias psicoativas (bebida alcoólica e drogas ilícitas). Discussão, agressão física.	Não informado / Não informado.	Material – Pedra	Masculino/ Masculino
<b>189</b>	Homicídio	Revolta. Envolvimento em coisas ilícitas (drogas).	Não informado / Tristeza (vítima).	Material – Arma de fogo	Masculino/ Masculino
<b>211</b>	Ameaça de Morte	Brigas.	Não informado / Ciúmes (agressor), revolta (agressor).	Agressão verbal	Feminino/ Feminino
<b>238</b>	Suicídio	Violência psicológica, bullying, questões estéticas, intolerância, exclusão.	Não informado / Sofrimento (vítima), perdão (agressor).	Violência Interpessoal (agressão física)	Feminino/ Feminino

<b>Sujeito N°</b>	<b>Desfecho</b>	<b>Fatores Precedentes (Atitudes, gestos)</b>	<b>Consequências ao(à) agressor(a) e/ou à relação de amizade / Sentimentos vivenciados</b>	<b>Meio usado para o ato de violência</b>	<b>Agressor(a) / Vítima</b>
<b>244</b>	Ameaça de Morte	Cobrança de dívida.	Não informado / Desconfiança (agressor).	Material – Arma de fogo	Masculino / Masculino
<b>251</b>	Múltiplos Homicídios	Exclusão por conta da deficiência visual (questões estéticas). Intolerância. Violência psicológica.	Não informado / Raiva (agressor), ira (agressor).	Violência Interpessoal (agressão física)	Masculino / Masculino
<b>272</b>	Homicídio	Traição, discussão, agressão física (“espancamento”). Violência psicológica (corte de cabelo forçado, à faca).	Não informado / Ciúmes (agressor), raiva (agressor).	Material – Faca (arma branca)	Feminino / Feminino
<b>303</b>	Homicídio	Tráfico de drogas (uso/tráfico de substâncias psicoativas/drogas). Agressão física.	Não informado / Tristeza (vítima).	Material – Arma de fogo	Masculino / Masculino
<b>313</b>	Homicídio seguido por Suicídio	Sentimento não correspondido. Ameaças, perseguição.	Não informado / Medo (vítima).	Material – Arma de fogo	Masculino / Feminino
<b>319</b>	Suicídio	Confiança traída. Exposição.	Não informado / Raiva (agressor), vingança (agressor).	Violência Interpessoal (agressão física)	Feminino / Feminino

**APÊNDICE M**  
**Categoria A – VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA-VERBAL**  
**SEXO MASCULINO (N = 30 participantes)**

<b>DESFECHO DA VIOLÊNCIA</b>			
<b>Violência Psicológica-Verbal</b>			
<b>PERFIL DO ATO VIOLENTO</b>			
<b>Sexo do(a) agressor(a)</b>	<b>Sexo da vítima</b>	<b>Meio usado para o ato de violência</b>	<b>Consequências ao(à) agressor(a) e/ou à relação de amizade</b>
Masculino Feminino (2 casos)	Masculino Feminino (2 casos)	Agressão verbal <sup>1</sup> Humilhação <sup>2</sup>	- Nenhuma consequência - Término da amizade - Resgate da amizade
<b>FATORES PRECEDENTES ÀS ATITUDES VIOLENTAS</b>			
<b>Bullying</b>		<b>Intolerância<sup>3</sup></b>	
<b>SENTIMENTOS VIVENCIADOS NO RELACIONAMENTO</b>			
<b>Pelo(a) Agressor(a)</b>			
Ódio - Arrependimento <sup>4</sup>			
<b>Pela Vítima</b>			
Tristeza <sup>5</sup> - Sofrimento <sup>6</sup>			

<sup>1</sup> Insulto, discussão.

<sup>2</sup> Envolve exclusão.

<sup>3</sup> Envolve questões relacionadas à estética da vítima.

<sup>4</sup> Envolve perdão.

<sup>5</sup> Com manifestação de choro, mágoa.

<sup>6</sup> Envolve solidão.

**APÊNDICE N**  
**Categoria A – VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA-VERBAL**  
**SEXO FEMININO (N = 64 participantes)**

<b>DESFECHO DA VIOLÊNCIA</b>			
<b>Violência Psicológica-Verbal</b>			
<b>PERFIL DO ATO VIOLENTO</b>			
<b>Sexo do(a) agressor(a)</b>	<b>Sexo da vítima</b>	<b>Meio usado para o ato de violência</b>	<b>Consequências ao(à) agressor(a) e/ou à relação de amizade</b>
Masculino Feminino	Masculino Feminino	- Agressão verbal <sup>1</sup> - Humilhação <sup>2</sup>	- Nenhuma consequência - Término da amizade
<b>FATORES PRECEDENTES ÀS ATITUDES VIOLENTAS</b>			
<b>Bullying</b>		<b>Intolerância<sup>3</sup></b>	
<b>SENTIMENTOS VIVENCIADOS NO RELACIONAMENTO</b>			
<b>Pelo(a) Agressor(a)</b>			
Raiva <sup>4</sup>		Arrependimento <sup>5</sup>	
Superioridade		Inveja	
<b>Pela Vítima</b>			
Tristeza <sup>6</sup>		Sofrimento <sup>7</sup>	
Superação		Vergonha	

<sup>1</sup> Insulto, discussão.

<sup>2</sup> Envolve depressão, exclusão.

<sup>3</sup> Engloba casos de racismo, questões relacionadas à estética, deficiência física, condição financeira da vítima.

<sup>4</sup> Envolve ódio, revolta, repúdio, indignação, vingança.

<sup>5</sup> Envolve perdão.

<sup>6</sup> Com manifestação de choro. Engloba mágoa, decepção, frustração.

<sup>7</sup> Engloba solidão, rejeição.

## APÊNDICE O

### Categoria A – VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA-VERBAL SEXO MASCULINO / FEMININO (N = 94 participantes)

<b>DESFECHO DA VIOLÊNCIA</b>			
<b>Violência Psicológica-Verbal</b>			
<b>PERFIL DO ATO VIOLENTO</b>			
<b>Sexo do(a) agressor(a)</b>	<b>Sexo da vítima</b>	<b>Meio usado para o ato de violência</b>	<b>Consequências ao(à) agressor(a) e/ou à relação de amizade</b>
Masculino Feminino (39 casos)	Masculino Feminino (41 casos)	- Agressão Verbal <sup>1</sup> - Humilhação <sup>2</sup>	- Nenhuma consequência - Término da amizade
<b>FATORES PRECEDENTES ÀS ATITUDES VIOLENTAS</b>			
<b>Bullying</b>		<b>Intolerância<sup>3</sup></b>	
<b>SENTIMENTOS VIVENCIADOS NO RELACIONAMENTO</b>			
<b>Pelo(a) Agressor(a)</b>			
<b>Raiva<sup>4</sup></b>		<b>Arrependimento<sup>5</sup></b>	
<b>Pela Vítima</b>			
<b>Tristeza<sup>6</sup></b>		<b>Sufrimento<sup>7</sup></b>	

<sup>1</sup> Insulto, discussão.

<sup>2</sup> Exclusão.

<sup>3</sup> Engloba questões relacionadas à estética da vítima.

<sup>4</sup> Envolve ódio, revolta, repúdio, indignação, vingança.

<sup>5</sup> Engloba perdão.

<sup>6</sup> Com manifestação de choro, mágoa.

<sup>7</sup> Engloba solidão, rejeição.

**APÊNDICE P**  
**Categoria B – VIOLÊNCIA FÍSICA**  
**SEXO MASCULINO (N = 35 participantes)**

<b>DESFECHO DA VIOLÊNCIA</b>			
<b>Violência Física</b>			
<b>PERFIL DO ATO VIOLENTO</b>			
<b>Sexo do(a) agressor(a)</b>	<b>Sexo da vítima</b>	<b>Meio usado para o ato de violência</b>	<b>Consequências ao(à) agressor(a) e/ou à relação de amizade</b>
Masculino	Masculino Feminino (1 caso)	- Violência Física <sup>1</sup> - Violência Psicológica-Verbal <sup>2</sup> - Meio material (pedra, barra de ferro)	- Nenhuma consequência - Término da amizade <sup>3</sup> - Resgate da amizade <sup>4</sup>
<b>FATORES PRECEDENTES ÀS ATITUDES VIOLENTAS</b>			
<b>Violência Psicológica-Verbal<sup>5</sup></b>			
<b>Prática esportiva (futebol)</b>		<b>Intolerância<sup>6</sup></b>	
<b>Consumo de substância psicoativa (bebida alcoólica)</b>		<b>Traição</b>	
<b>SENTIMENTOS VIVENCIADOS NO RELACIONAMENTO</b>			
<b>Pelo(a) Agressor(a)</b>			
Raiva <sup>7</sup> - Arrependimento - Ciúmes			
<b>Pela Vítima</b>			
Tristeza <sup>8</sup> - Medo			

<sup>1</sup> Agressão física, briga, soco, violência sexual.

<sup>2</sup> Bullying, humilhação, discussão, insultos.

<sup>3</sup> Envolve afastamento dos amigos.

<sup>4</sup> Envolve pedido de desculpas e perdão.

<sup>5</sup> Bullying, humilhação, exclusão, discussão, insultos.

<sup>6</sup> Envolve questões relacionadas à estética da vítima.

<sup>7</sup> Envolve ódio, irritação.

<sup>8</sup> Com manifestação de choro.

**APÊNDICE Q**  
**Categoria B – VIOLÊNCIA FÍSICA**  
**SEXO FEMININO (N = 50 participantes)**

<b>DESFECHO DA VIOLÊNCIA</b>			
<b>Violência Física</b>			
<b>PERFIL DO ATO VIOLENTO</b>			
<b>Sexo do(a) agressor(a)</b>	<b>Sexo da vítima</b>	<b>Meio usado para o ato de violência</b>	<b>Consequências ao(à) agressor(a) e/ou à relação de amizade</b>
Masculino Feminino (13 casos)	Masculino Feminino (17 casos)	- Violência Física <sup>1</sup> - Violência Psicológica-Verbal <sup>2</sup> - Meio material (pedras, faca)	- Nenhuma consequência - Término da amizade - Resgate da amizade <sup>3</sup>
<b>FATORES PRECEDENTES ÀS ATITUDES VIOLENTAS</b>			
<b>Violência Psicológica-Verbal<sup>4</sup></b>			
<b>Intolerância<sup>5</sup></b>		<b>Prática esportiva (futebol)</b>	
<b>Consumo de substâncias psicoativas (bebida alcoólica)</b>		<b>Traição</b>	
<b>SENTIMENTOS VIVENCIADOS NO RELACIONAMENTO</b>			
<b>Pelo(a) Agressor(a)</b>			
Raiva <sup>6</sup> - Ciúmes <sup>7</sup>			
<b>Pela Vítima</b>			
Tristeza <sup>8</sup> - Medo <sup>9</sup> - Sofrimento <sup>10</sup>			

<sup>1</sup> Agressão física, empurrar, derrubar, apertar, briga, bater, soco, tapa, murro, espancar, chutar, puxar cabelo.

<sup>2</sup> Bullying, humilhação, discussão, insultos, ameaça.

<sup>3</sup> Envolve pedido de desculpas.

<sup>4</sup> Bullying, humilhação, exclusão, discussão, insultos, ameaça.

<sup>5</sup> Engloba casos de homofobia, não aceitação da orientação sexual, racismo, questões relacionadas à estética.

<sup>6</sup> Envolve ira, ódio, irritação, revolta, fúria, vingança.

<sup>7</sup> Envolve paixão, obsessão.

<sup>8</sup> Com manifestação de choro. Engloba decepção, aborrecimento.

<sup>9</sup> Envolve desespero.

<sup>10</sup> Envolve dor, desprezo, solidão.

**APÊNDICE R**  
**Categoria B – VIOLÊNCIA FÍSICA**  
**SEXO MASCULINO / FEMININO (N = 85 participantes)**

<b>DESFECHO DA VIOLÊNCIA</b>			
<b>Violência Física</b>			
<b>PERFIL DO ATO VIOLENTO</b>			
<b>Sexo do(a) agressor(a)</b>	<b>Sexo da vítima</b>	<b>Meio usado para o ato de violência</b>	<b>Consequências ao(à) agressor(a) e/ou à relação de amizade</b>
Masculino Feminino (13 casos)	Masculino Feminino (18 casos)	- Agressão Física <sup>1</sup> - Violência Psicológica-Verbal <sup>2</sup> - Arma branca (pedras, barra de ferro, faca)	- Nenhuma consequência - Término da amizade - Resgate da amizade <sup>3</sup>
<b>FATORES PRECEDENTES ÀS ATITUDES VIOLENTAS</b>			
<b>Violência Psicológica-Verbal<sup>4</sup></b>			
<b>Intolerância<sup>5</sup></b>		<b>Prática esportiva (futebol)</b>	
<b>Consumo de substâncias psicoativas (bebida alcoólica)</b>		<b>Traição</b>	
<b>SENTIMENTOS VIVENCIADOS NO RELACIONAMENTO</b>			
<b>Pelo(a) Agressor(a)</b>			
Raiva <sup>6</sup> - Ciúmes <sup>7</sup>			
<b>Pela Vítima</b>			
Tristeza <sup>8</sup> - Medo <sup>9</sup>			

<sup>1</sup> Briga, soco, violência sexual.

<sup>2</sup> Bullying, humilhação, discussão, insultos, ameaça.

<sup>3</sup> Envolve pedido de desculpas.

<sup>4</sup> Bullying, humilhação, exclusão, discussão, insultos, ameaça.

<sup>5</sup> Engloba questões relacionadas à estética.

<sup>6</sup> Engloba ódio, irritação, ira, revolta, fúria, vingança.

<sup>7</sup> Envolve paixão, obsessão.

<sup>8</sup> Com manifestação de choro. Engloba decepção, aborrecimento.

<sup>9</sup> Envolve desespero.

**APÊNDICE S**  
**Categoria C – PERCEPÇÃO DE CONSEQUÊNCIA FATAL**  
**SEXO MASCULINO (N = 18 participantes)**

<b>DESFECHO DA VIOLÊNCIA</b>			
Homicídio <sup>1</sup>	Homicídio seguido por Suicídio		Suicídio <sup>2</sup>
<b>PERFIL DO ATO VIOLENTO</b>			
Sexo do(a) agressor(a)	Sexo da vítima	Meio usado para o ato de violência	Consequências ao(à) agressor(a) e à relação de amizade
Masculino	Masculino Feminino (2 casos)	Violência Física <sup>3</sup> Meio Material (arma de fogo, corda)	Nenhuma consequência
<b>FATORES PRECEDENTES ÀS ATITUDES VIOLENTAS</b>			
<b>Agressão Física<sup>4</sup></b>		<b>Violência Psicológico-Verbal<sup>5</sup></b>	
<b>Traição</b>		<b>Consumo de substâncias psicoativas (bebida alcoólica)</b>	
<b>Intolerância<sup>6</sup></b>			
<b>SENTIMENTOS VIVENCIADOS NO RELACIONAMENTO</b>			
<b>Pelo(a) Agressor(a)</b>			
Raiva <sup>7</sup>		Ciúme <sup>8</sup>	
<b>Pela Vítima</b>			
Tristeza <sup>9</sup>	Medo <sup>10</sup>		Sofrimento

<sup>1</sup> Homicídio simples e duplo homicídio.

<sup>2</sup> Suicídio consumado e tentativa de suicídio.

<sup>3</sup> Agressão física, empurrar, dar tapa, provocar queda.

<sup>4</sup> Brigar, bater, empurrar, automutilação.

<sup>5</sup> Bullying, insulto, discussão, humilhação, exclusão.

<sup>6</sup> Questões relacionadas à estética da vítima.

<sup>7</sup> Envolve vingança, fúria.

<sup>8</sup> Envolve paixão.

<sup>9</sup> Com manifestação de choro, decepção.

<sup>10</sup> Engloba desespero.

**APÊNDICE T**  
**Categoria C – PERCEPÇÃO DE CONSEQUÊNCIA FATAL**  
**SEXO FEMININO (N = 16 participantes)**

<b>DESFECHO DA VIOLÊNCIA</b>			
Homicídio <sup>1</sup>	Ameaça de Morte	Suicídio <sup>2</sup>	
<b>PERFIL DO ATO VIOLENTO</b>			
Sexo do(a) agressor(a)	Sexo da vítima	Meio usado para o ato de violência	Consequências ao(à) agressor(a) e/ou à relação de amizade
Masculino Feminino (4 casos)	Masculino Feminino (7 casos)	Violência Física <sup>3</sup> Meio Material (arma de fogo, faca, pedra)	Nenhuma consequência
<b>FATORES PRECEDENTES ÀS ATITUDES VIOLENTAS</b>			
<b>Agressão Física<sup>4</sup></b>		<b>Violência Psicológico-Verbal<sup>5</sup></b>	
<b>Traição</b>		<b>Consumo de Substâncias psicoativas (bebida alcoólica)</b>	
<b>Intolerância<sup>6</sup></b>			
<b>SENTIMENTOS VIVENCIADOS NO RELACIONAMENTO</b>			
<b>Pelo(a) Agressor(a)</b>			
<b>Raiva<sup>7</sup></b>		<b>Ciúme<sup>8</sup></b>	
<b>Pela Vítima</b>			
<b>Tristeza<sup>9</sup></b>	<b>Medo</b>	<b>Sofrimento</b>	

<sup>1</sup> Homicídio tentado e consumado, simples, duplo e múltiplos homicídios.

<sup>2</sup> Suicídio consumado e tentativa de suicídio.

<sup>3</sup> Agressão física, briga.

<sup>4</sup> Brigar, bater, jogar no chão, pisar.

<sup>5</sup> Bullying, humilhação, exclusão, discussão.

<sup>6</sup> Engloba questões relacionadas à estética, racismo.

<sup>7</sup> Envolve ódio, ira, revolta, vingança.

<sup>8</sup> Engloba paixão, desconfiança.

<sup>9</sup> Envolve frustração.

## APÊNDICE U

### Categoria C – PERCEPÇÃO DE CONSEQUÊNCIA FATAL

**SEXO MASCULINO / FEMININO (N = 34 participantes)**

<b>DESFECHO DA VIOLÊNCIA</b>			
Homicídio <sup>1</sup>	Homicídio seguido por Suicídio	Suicídio <sup>2</sup>	
<b>PERFIL DO ATO VIOLENTO</b>			
Sexo do(a) agressor(a)	Sexo da vítima	Meio usado para o ato de violência	Consequências ao(à) agressor(a) e/ou à relação de amizade
Masculino Feminino (4 casos)	Masculino Feminino (9 casos)	Violência Física <sup>3</sup> Arma de fogo Arma branca	Nenhuma consequência
<b>FATORES PRECEDENTES ÀS ATITUDES VIOLENTAS</b>			
<b>Agressão Física<sup>4</sup></b>		<b>Violência Psicológico-Verbal<sup>5</sup></b>	
<b>Traição</b>		<b>Consumo de Substâncias psicoativas (bebida alcoólica)</b>	
<b>Intolerância<sup>6</sup></b>			
<b>SENTIMENTOS VIVENCIADOS NO RELACIONAMENTO</b>			
<b>Pelo(a) Agressor(a)</b>			
Raiva <sup>7</sup> - Ciúme <sup>8</sup>			
<b>Pela Vítima</b>			
Tristeza <sup>9</sup> - Medo <sup>10</sup> - Sofrimento			

<sup>1</sup> Homicídio tentado e consumado, simples, duplo (masculino) e múltiplos (feminino).

<sup>2</sup> Suicídio consumado e tentativa de suicídio.

<sup>3</sup> Agressão física, briga.

<sup>4</sup> Brigar, bater.

<sup>5</sup> Bullying, humilhação, exclusão, discussão.

<sup>6</sup> Engloba questões relacionadas à estética.

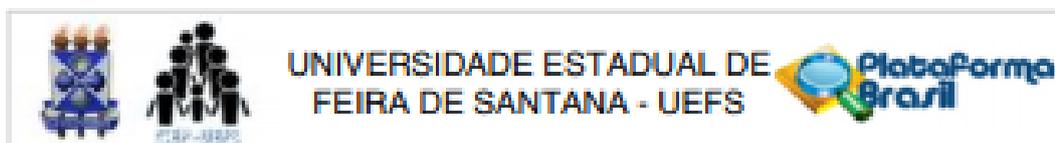
<sup>7</sup> Envolve vingança, ódio, ira, revolta.

<sup>8</sup> Engloba paixão, desconfiança.

<sup>9</sup> Com manifestação de choro, decepção, frustração.

<sup>10</sup> Engloba desespero.

**ANEXO A**  
**PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** SAÚDE DE JOVENS E VIOLÊNCIA: INTERLOCUÇÃO ENTRE A REDE DE INFORMAÇÃO EM SAÚDE E O SISTEMA DE EDUCAÇÃO, PARA PREVENIR A VITIMIZAÇÃO FAMILIAR, AMOROSA E ENTRE PARES

**Pesquisador:** Maria Conceição Oliveira Costa

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 89084517.8.0000.0053

**Instituição Proponente:** Universidade Estadual de Feira de Santana

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 2.929.344

**Apresentação do Projeto:**

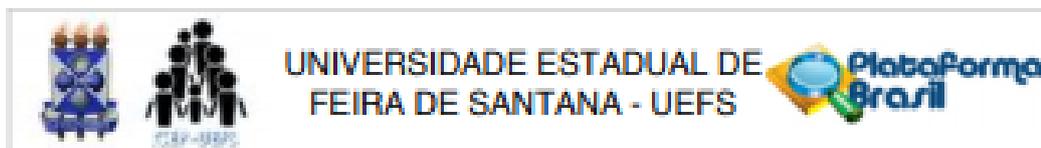
Trata-se de um projeto de pesquisa intitulado SAÚDE DE JOVENS E VIOLÊNCIA: INTERLOCUÇÃO ENTRE A REDE DE INFORMAÇÃO EM SAÚDE E O SISTEMA DE EDUCAÇÃO, PARA PREVENIR A VITIMIZAÇÃO FAMILIAR, AMOROSA E ENTRE PARES, vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência/NNEPA, cadastrado no diretório de pesquisa do CNPq desde 1998, constitui um dos núcleos de pesquisa que integra o Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva/PPGSC da UEFS. O presente projeto possui dois subprojetos.

**SUB PROJETO I - Eventos violentos na juventude: Indicadores dos Sistemas de Informação em Saúde** impulsionando o conhecimento e subsidiando políticas e intervenções para o SUS.

**SUB PROJETO II - Violência entre casais jovens (datingviolence) e seus pares (bullying), na adolescência e juventude: manifestações, repercussões e mecanismos de resiliência.**

A coordenadora do Projeto é a Profª Drª Maria Conceição Oliveira Costa e os colaboradores: profa Jamilly de Oliveira Musse e o Prpf. Jeidson Antônio Moraes Marques, ambos da UEFS. As instituições participantes do projeto são: Secretaria de Saúde do Estado – SESAB – Vigilância e Proteção a Saúde - SUVISA e Diretoria de Vigilância Epidemiologia – DIVEP; Secretaria Municipal de Saúde de Feira de

**Endereço:** Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS  
**Bairro:** Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.031-480  
**UF:** BA **Município:** FEIRA DE SANTANA  
**Telefone:** (75)2161-8124 **E-mail:** cep@uefs.br



Continuação do Parecer: 2.828/2014

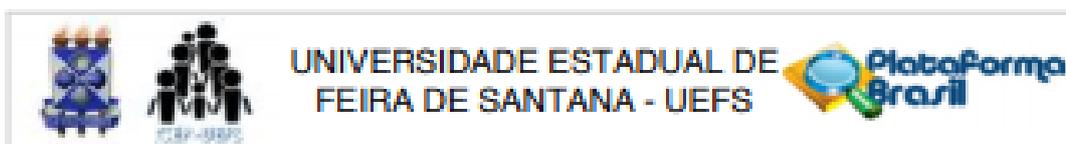
Santana – Programa de DST –HIV-AIDS; Secretaria Municipal de Educação de Feira de Santana– Rede de escolas do município; Núcleo Territorial de Educação – Rede de escolas do município. (Informações básicas do projeto).

**SUBPROJETO I TITULO - Eventos violentos na juventude: Indicadores dos Sistemas de Informação em Saúde impulsionando o conhecimento e subsidiando políticas e intervenções para o SUS. Metodologia:** Estudo epidemiológico de corte transversal com dados secundários, de adolescentes e adultos jovens vítimas de violência de 2014 a 2017 arquivados nos subsistemas de informação da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia, SINAN, SIH/SUS e do Ministério da Saúde: Viva Inquérito. Nos sistemas de informação serão pesquisados dados da vítima, da ocorrência, do episódio de violência e da lesão. A análise dos dados: Os dados dos quatro sistemas serão processados eletronicamente com ajuda do pacote estatístico – SPSS, versão 17.0 for Windows, e apresentados sob a forma de tabelas. Fase I – Serão calculadas as frequências absolutas e relativas das variáveis da violência e da vítima, por microm região e município baiano. Fase II – As análises bivariadas e múltiplas serão conduzidas por meio de regressão logística não condicional, para estimar as razões de chances (RC) brutas e ajustadas e seus respectivos IC 95%. Fase III– Cálculo das incidências e elaboração das curvas da violência física e sexual e respectivas consequências, segundo dados sociodemográficos das vítimas, em cada um dos Sistemas, nos dois municípios e período do estudo. (Projeto completo)

**SUB PROJETO II TITULO - Violência entre casais jovens (datingviolence) e seus pares (bullying), na adolescência e juventude: manifestações, repercussões e mecanismos de resiliência.**

Estudo de corte transversal, com amostra representativa, estratificada por conglomerado e estágios múltiplos (escolas, alunos), realizada com 2.088 alunos, de ambos os sexos, nas faixas de 14 a 19 anos, matriculados em 66 escolas públicas do ensino médio de Feira de Santana. Os alunos responderão o questionário "Percurso Amoroso de Jovens", no qual as questões em pauta estão relacionadas à violência entre namorados (datingviolence), violência entre pares (bullying); violência entre os pais e mecanismos mais utilizados para prevenir ou intervir nos eventos violentos (resiliência pessoal e social). O questionário está dividido em seções, constando de questões, abertas e fechadas, apresentando-se em formato dicotômico e em escalas graduadas tipo Likert: Informações Gerais; Relações Afetivas e Amorosas; Relações Afetivas e Amorosas; Experiências Difíceis; Comportamento Sexual; Família; Comportamentos e hábitos de vida;

**Endereço:** Avenida Transodessalina, s/n - Novo Horizonte, UEFS  
**Bairro:** Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.001-460  
**UF:** BA **Município:** FEIRA DE SANTANA  
**Telefone:** (75)3161-8124 **E-mail:** cap@uefs.br



Continuação do Parecer: 2.826/2014

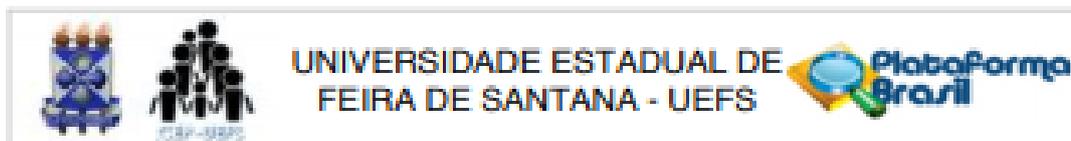
**Sentimentos e Emoções.** Será solicitada autorização da Secretária de Saúde do Estado da Bahia e do Ministério da Saúde para acesso aos bancos de dados do SINAN, SIH/SUS, SIM (2013 a 2017) e Viva Inquérito (2014). (Projeto completo)

**CRITÉRIOS E PROCEDIMENTOS PARA SELEÇÃO DAS ESCOLAS** Contato com a Diretoria Regional de Educação de Feira de Santana (DIREC) para apresentação e viabilidade do projeto nas escolas públicas estaduais; Solicitação, à Secretaria de Educação do Estado e Município, permissão de acesso para informações referentes ao número de escolas, alunos da rede, para cálculo de uma amostra representativa. **CRITÉRIOS PARA ELEGIBILIDADE DOS ALUNOS NA PESQUISA** Faixa etária de 14 a 24 anos, ambos os sexos, matriculados nas escolas sorteadas; Estar presente na sala de aula, no momento da coleta dos dados; Aceitar participar da pesquisa (consentimento livre e esclarecido), após a explicação dos objetivos da pesquisa (ANEXO I).

**PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS COM OS ALUNOS NA PESQUISA** Inicialmente, as escolas serão contatadas quanto à participação na pesquisa e agendado data oportuna para coleta, de modo a não interferir nas atividades da escola. Nesse momento, será realizado o sorteio das turmas que irão participar da pesquisa, nos dias de coleta. Durante a aplicação, o pesquisador explicará os objetivos e finalidade da pesquisa, solicitando a colaboração, assegurando o livre arbítrio e a importância do anonimato; o professor não deve estar na sala; as cartelas devem ser organizadas de forma equidistantes; os questionários serão auto depositados em uma lacrada, específica para esta finalidade; os questionários não devem ser identificados. O pesquisador deve manter-se equidistante dos alunos, permitindo supervisão sigilosa, visando manter a privacidade e o anonimato assegurados a todos os participantes. A presença do pesquisador será de grande importância, uma vez que esclarecimentos pertinentes à pesquisa como objetivos e finalidade da mesma podem facilitar a adesão. (Projeto completo)

**OS DADOS SERÃO PROCESSADOS** no programa EPIDATA, para verificar incongruências provocadas por erros de digitação. Posteriormente, os dados serão processados SPSS, versão 9.0 for Windows. Com o objetivo de sistematizar os resultados, as análises serão divididas em fases: Fase I: estimativa das prevalências e análise descritiva do perfil dos eventos violentos, relacionamentos entre pais, namorados e pares, suporte familiar e principais mecanismos de resiliência pessoal e social utilizados. Fase II: análises bivariadas e estratificadas, utilizando-se a Razão de Prevalência, com respectivos intervalos de Confiança e nível de significância de 0,05%, para verificar possíveis

**Endereço:** Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS  
**Bairro:** Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.031-480  
**UF:** BA **Município:** FEIRA DE SANTANA  
**Telefone:** (75)3181-8124 **E-mail:** cep@uefs.br



Continuação do Projeto: 2.829.244

associações entre variáveis causa e efeito, segundo objetivos propostos. Fase III: análise multivariada, através da regressão logística, a partir dos resultados significantes verificados na análise de associação. Cronograma com coleta de dados prevista após aprovação do CEP. Orçamento de R\$ 77.598,00 com contrapartida da instituição proponente.

**Objetivo da Pesquisa:**

**GERAL** Analisar eventos violentos de adolescentes e jovens, consequências e fatores associados, utilizando dados secundários de Sistemas de Informação que assessoram o SUS, no Estado da Bahia, assim como, dados primários de uma amostra representativa do total de jovens matriculados nas escolas públicas de Feira de Santana-Bahia.

**ESPECÍFICOS** 1) Descrever, por Núcleo Regional de Saúde da Bahia, o perfil da violência em adolescentes e adultos jovens, segundo registros dos Sistemas de Informação em Saúde (SINAM, SIM, SIH e VIVA Inquérito); 2) Traçar o perfil da violência e dos fatores associados às ocorrências em adolescentes e adultos jovens atendidos em Serviços de Urgência e Emergência do SUS, no Estado da Bahia, segundo registros do Viva Inquérito; 3) Avaliar a incidência da violência física e sexual em adolescentes e adultos jovens, utilizando registros dos Sistemas SINAM, SIH/SUS, SIM e Viva Inquérito, segundo dados sociodemográficos das vítimas, no quadriênio; 4) Analisar eventos violentos (violência física, sexual, psicológica), ocorridos entre adolescentes e adultos jovens, nos relacionamentos amorosos (datingviolence) e entre seus pares (bullying), assim como possíveis associações com dados sociodemográficos e vitimização progressa. 5) Descrever estratégias pessoais e sociais utilizadas pelos jovens, para prevenir ou intervir na ocorrência de atos violentos no namoro (datingviolence) e entre seus pares (bullying). 6) Subsidiar Instituições de Saúde e Escolas, para notificação desses agravos, sensibilizando profissionais e gestores sobre a importância dos registros de violência, no planejamento, implementação de ações de prevenção e intervenção, em Serviço; 7) Incrementar a formação de novos pesquisadores e profissionais, assim como a produção científica e técnica nessa área do conhecimento. (informações básicas p.4)

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

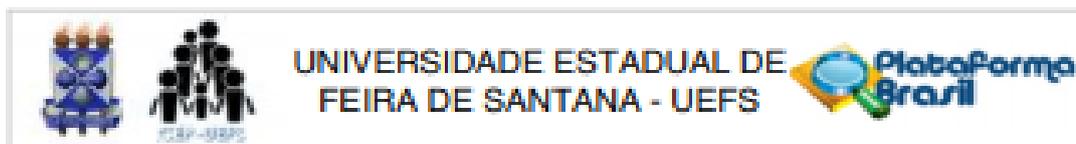
**Riscos:**

Constrangimento dos adolescentes em responder as perguntas.

**Benefícios:**

Fortalecimento de intercâmbios entre a universidade, profissionais de saúde e educação; Formação de recursos humanos Incremento e divulgação da produção técnica e científica. (informações básicas p.4)

**Endereço:** Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS  
**Bairro:** Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.001-490  
**UF:** BA **Município:** FEIRA DE SANTANA  
**Telefone:** (75)3161-8124 **E-mail:** cep@uefs.br



Continuação do Parecer: 2.026/201

**RISCOS:** No TCLE consta que "A qualquer momento, ao responder o questionário, se seu/ sua filho(a) se sentir constrangido(a), relembrar momentos que não gostaria de ter vivido ou achar que alguma pergunta é desagradável, poderá desistir de participar da pesquisa, sem necessidade de dar explicações ou desculpas de sua desistência, como também poderá pedir informações a qualquer momento que sentir necessidade".

**BENEFÍCIOS:** No TCLE consta que "a equipe poderá ajudar a prevenir violências entre adolescentes e jovens através de programas, palestras e ações junto ao governo e comunidade para que a sociedade, escolas e autoridades possam se preparar para melhor enfrentar este problema"

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Trata-se de uma pesquisa relevante que pode contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas para crianças e adolescentes. A pesquisadora se compromete com o encaminhamento dos participantes a serviços especializados, porém não apresenta anuência dos serviços. Ressaltamos que é responsabilidade da pesquisadora, realizar o encaminhamento e garantir que o acompanhamento seja realizado no tempo necessário. Trata-se de um população vulnerável de adolescentes que requerem cautela na abordagem e na realização da coleta de dados, respeitando a sua privacidade.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Completo conforme resolução 466/2012.

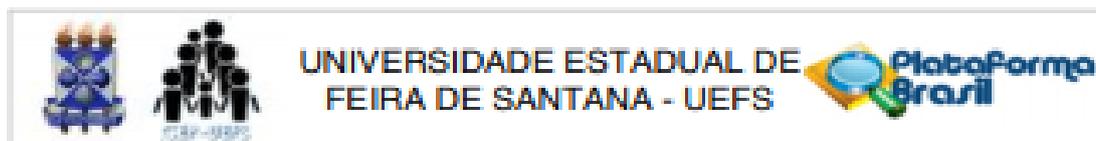
**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Após o atendimento das pendências, o Projeto está aprovado para execução, pois atende aos princípios bioéticos para pesquisa envolvendo seres humanos, conforme norma operacional 001/2013 e a Resolução nº 466/12 e 510/2016 (CNS).

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Tenho muita satisfação em informar-lhe que seu Projeto de Pesquisa satisfaz às exigências da Res. 466/12 e 510/2016 e da norma operacional 001/2013. Assim, seu projeto foi Aprovado, podendo ser iniciada a coleta de dados com os participantes da pesquisa conforme orienta o Cap. X.3, alínea a - Res. 466/12 e Cap II da Res 510/2016. Relembro que conforme institui a Res. 466/12 e 510/2016, Vossa Senhoria deverá enviar a este CEP relatórios anuais de atividades pertinentes ao referido projeto e um relatório final tão logo a pesquisa seja concluída. Em nome dos membros CEP/UEFS, desejo-lhe pleno sucesso no desenvolvimento dos trabalhos e, em tempo oportuno, um ano, este CEP aguardará o recebimento dos referidos relatórios.

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS  
 Bairro: Módulo I, MA 17 CEP: 44.031-480  
 UF: BA Município: FEIRA DE SANTANA  
 Telefone: (75)2161-8124 E-mail: cep@uefs.br

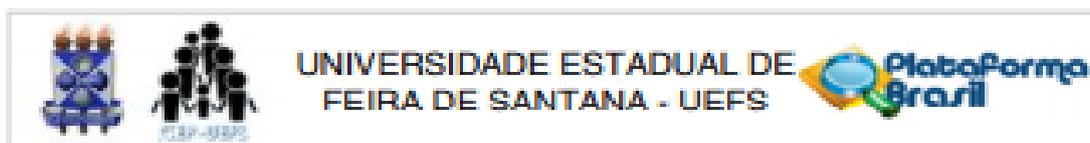


Continuação do Parecer: 2.826/344

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PE_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1006323.pdf	08/08/2018 15:29:51		Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	oficio.jpeg	08/08/2018 15:24:32	Maria Conceição Oliveira Costa	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tale.docx	08/08/2018 15:20:37	Maria Conceição Oliveira Costa	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tclepais.docx	08/08/2018 15:20:28	Maria Conceição Oliveira Costa	Aceito
Outros	declaracaoohana.jpeg	11/07/2018 16:56:20	Maria Conceição Oliveira Costa	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOPPSUS.docx	11/07/2018 16:33:28	Maria Conceição Oliveira Costa	Aceito
Cronograma	cronograma.docx	11/07/2018 16:31:59	Maria Conceição Oliveira Costa	Aceito
Orçamento	orcamento.docx	11/07/2018 16:31:28	Maria Conceição Oliveira Costa	Aceito
Outros	pajeinstrumento.pdf	09/07/2018 21:19:19	Maria Conceição Oliveira Costa	Aceito
Declaração de Pesquisadores	oficiopendencias.pdf	04/05/2018 08:59:47	Maria Conceição Oliveira Costa	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	nucleoeducacao.jpg	04/05/2018 08:57:12	Maria Conceição Oliveira Costa	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	secretariamunicipaleducao.jpg	04/05/2018 08:56:48	Maria Conceição Oliveira Costa	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	secretariamunicipalsau de.jpg	04/05/2018 08:56:32	Maria Conceição Oliveira Costa	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	secretariaestadualsaude.jpg	04/05/2018 08:56:16	Maria Conceição Oliveira Costa	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracaocolaboradores.pdf	04/05/2018 08:55:23	Maria Conceição Oliveira Costa	Aceito
Folha de Rosto	folhad Rosto.pdf	04/10/2017 15:56:18	Maria Conceição Oliveira Costa	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracaoik.docx	29/09/2017 16:55:21	Maria Conceição Oliveira Costa	Aceito

Endereço: Avenida Transoesteira, s/n - Novo Horizonte, UEFS  
 Bairro: Módulo I, MA-17 CEP: 44.031-460  
 UF: BA Município: FEIRA DE SANTANA  
 Telefone: (75) 3161-8124 E-mail: cap@uefs.br



Continuação do Parecer: 2.626.344

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

FEIRA DE SANTANA, 01 de Outubro de 2018

---

**Assinado por:**  
**Pollyana Pereira Portela**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS  
**Bairro:** Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.031-400  
**UF:** BA **Município:** FEIRA DE SANTANA  
**Telefone:** (75)3161-8124 **E-mail:** csp@uefs.br

**ANEXO B**  
**AUTORIZAÇÃO DA SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO**



SECRETARIA DA  
EDUCAÇÃO  
NÚCLEO TERRITORIAL - NTE 19



**BAHIA**  
GOVERNO DO ESTADO

Feira de Santana, 18 de setembro de 2017.

Declaração

Venho por meio desta, formalizar a autorização para realização da coleta de dados pela equipe do Núcleo de estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência – NNEPA, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), referente ao projeto SAÚDE DE JOVENS E VIOLÊNCIA: INTERLOCUÇÃO ENTRE A REDE DE INFORMAÇÃO EM SAÚDE E O SISTEMA DE EDUCAÇÃO, PARA PREVENIR A VITIMIZAÇÃO FAMILIAR, AMOROSA E ENTRE PARES, nas escolas jurisdicionadas a este Núcleo Territorial de Educação.

Atenciosamente,



Leandro dos Santos Lima  
Diretor - NTE 19  
AUT. 19/144/15